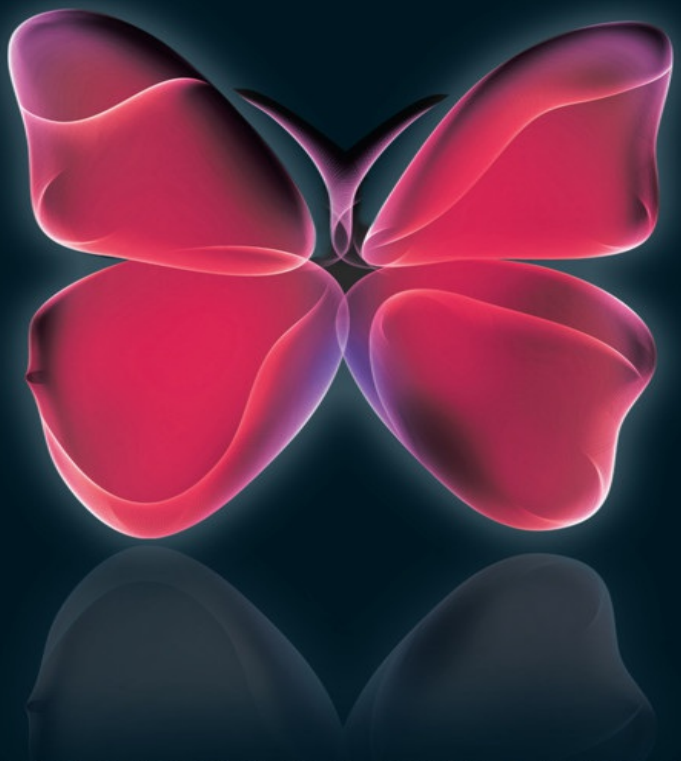
2

Beijada por um anjo

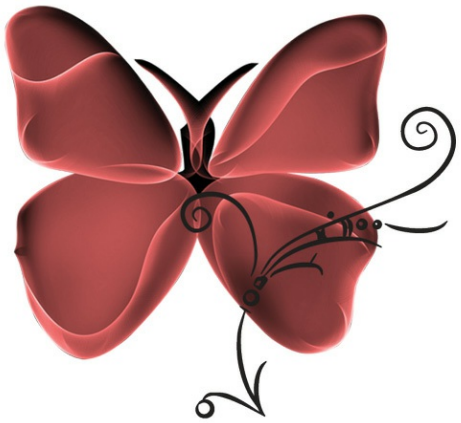


ELIZABETH CHANDLER

A força do amor

Editora Novo Conceito

A força do amor



Elizabeth Chandler

Tradução
Marsely De Marco Martins Dantas

Novo Conceito

© 1995 Daniel Weiss Associates, Inc., and Mary Clair Helldorfer
© 2008 Simon & Schuster, Inc.
© 2010 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.
Versão Digital – 2012

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito

Tradução: Marsely De Marco Martins Dantas

Preparação de Texto: Denise Cristina Morgado

Revisão de Texto: Maria Dolores D. Sierra Mata e Tânia Marisa Cotrim Donato

Diagramação: Elias Rossi (Parceria OnLine)

Diagramação E-pub: Brendon Wiermann

Capa: Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chandler, Elizabeth
A Força do Amor / Elizabeth Chandler;
tradução Marsely De Marco Martins Dantas.
Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito, 2010.

Título original: The Power of Love
ISBN 978-85-63219-17-6
eISBN 978-85-8163-057-1
1. Romance norte-americano I. Título.

10-09205 CDD-813

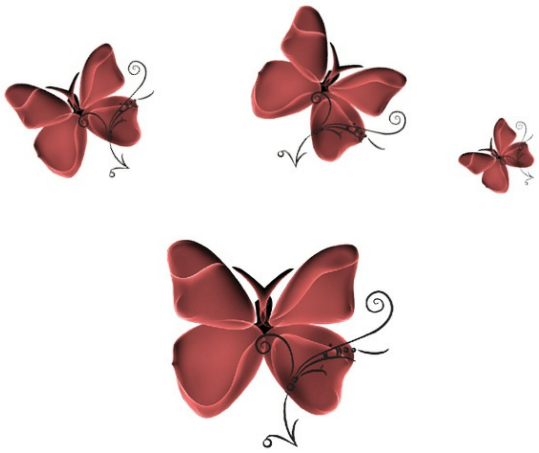
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

A força do amor

Romance da Saga
Beijada por um anjo



Elizabeth Chandler



Para Pat e Dennis

15 de outubro de 1994



Capítulo 1

Dessa vez vou conseguir fazer contato com ela! – disse Tristan. – Tenho de avisar Ivy, tenho de falar para ela que a batida do carro não foi um acidente. Lacey, ajude-me! Você sabe que essa história de anjo não funciona de forma natural comigo.

– Agora você falou uma verdade – respondeu Lacey, recostando-se no jazigo de Tristan.

– Quer dizer que você virá comigo?

Lacey olhou para suas unhas, longas unhas roxas que não iriam mais quebrar ou lascar, assim como as grossas sobrancelhas de Tristan não iriam mais crescer. Finalmente disse: – Acho que consigo encarar uma festa ao redor da piscina por uma horinha. Mas ouça bem, Tristan, não espere de mim uma perfeita postura angelical.

Ivy estava na beira da piscina, a água fria, que às vezes espirrava nela, arrepiava sua pele. Duas garotas, perseguidas por um rapaz com uma arma de água, passaram correndo por ela e os três pularam na água juntos, ensopando Ivy com muitos pingos de água fria. Se isso tivesse acontecido um ano atrás, ela já estaria tremendo; tremendo e rezando para o anjo das águas. Mas anjos não existem. Agora Ivy sabia disso.

No inverno passado, quando estava pendurada no trampolim do alto da piscina, paralisada por conta do medo que a dominava desde criança, havia rezado para seu anjo das águas.

Entretanto, foi Tristan quem a salvou.

Ele a havia ensinado a nadar. Apesar de bater os dentes no primeiro dia e nos dias que se seguiram, tinha adorado sentir a água enquanto ele a guiava pela piscina. Ela o amava, mesmo quando ele disse que os anjos não existiam.

Tristan tinha razão. Mas agora ele estava morto, e por isso ela não acreditava mais em anjos.

– Vai dar um mergulho?

Ivy virou-se rapidamente e percebeu seu próprio rosto bronzeado e seus cabelos louros encaracolados refletidos nos óculos de sol de Eric Ghent. Seus cabelos molhados estavam penteados para trás, deixando-os transparentes.

– Sinto por não termos um trampolim alto – disse Eric.

Ela ignorou a provocação. – Mas não deixa de ser uma bela piscina.

– Esta parte é bem rasa – disse, retirando os óculos de sol, deixando-os presos ao cordão, batendo em seu peito magro; seus cílios eram tão claros que parecia não tê-los.

– Posso nadar em qualquer parte da piscina – Ivy disse a ele.

– É mesmo – o canto da boca de Eric se contorceu. – Me avise quando estiver pronta – disse a ela, virando-se para dar atenção aos outros convidados.

Ivy não esperava um tratamento diferente do que Eric havia acabado de dispensar a ela. Apesar de ter convidado as duas melhores amigas dela e ela para sua festa na piscina, elas não faziam parte da galera frívola de Stonehill.

Ivy tinha certeza de que Beth, Suzanne e ela própria só estavam ali a pedido do melhor amigo de Eric, que era também seu irmão adotivo, Gregory.

Procurando por suas amigas, olhou para as pessoas que tomavam sol à beira da piscina. Em meio a uma dúzia de corpos lambuzados de óleo e cabelos tingidos, avistou Beth. Ela usava um enorme chapéu e algo que parecia uma bata havaiana. Falava sem parar com Will O'Leary, outro amigo de Gregory. De alguma forma, Beth Van Dyke, que nunca havia sonhado em ser "maneira", e Will, que era considerado "supermaneiro", tinham ficado amigos.

As garotas próximas dele estavam se ajeitando para mostrar ao sol – ou ao Will – seu melhor ângulo; algo que ele nem parecia notar. Will concordava de forma encorajadora com o que Beth dizia, provavelmente devia estar contando a ele sua mais nova ideia para

uma história. Ivy imaginava se, à sua maneira silenciosa, Will apreciava as coisas que Beth escrevia – poemas, histórias e, uma vez, para a aula de História, uma biografia de Mary, a rainha da Escócia, o que acabou se transformando em um agitado romance com emoções à flor da pele. Ivy sorriu ao se lembrar do fato.

Do outro lado da piscina, Will notou seu sorriso. Por um momento, o rosto dele parecia iluminado.

Talvez fosse somente um raio de sol brilhando, mas Ivy deu um passo para trás, envergonhada. Na mesma hora, ele voltou o rosto para a sombra do chapéu de Beth.

Ao dar o passo para trás, Ivy sentiu a pele nua de um tórax duro e frio. A pessoa não desviou do caminho e abaixou o rosto em direção ao ombro dela, roçando sua orelha com a boca.

– Acho que você tem um admirador – disse Gregory.

Ivy não saiu do lugar. Já tinha se acostumado a seu meio-irmão, sempre se aproximando mais do que o normal, aparecendo por trás, de forma inesperada. – Um admirador? Quem?

Os olhos acinzentados de Gregory pareciam rir para ela. Ele tinha cabelos negros, era alto e esbelto, apresentando um bronzeado profundo, fruto de muitas horas praticando tênis diariamente.

No último mês, ele e Ivy tinham passado muito tempo juntos, algo que ela jamais julgaria possível de acreditar até abril passado. Naquela época, tudo que ela e Gregory tinham em comum era o choque diante da decisão do casamento de seus pais, além da raiva e da desconfiança mútuas. Aos 17 anos, Ivy ganhava seu próprio dinheiro e cuidava de seu irmão menor. Gregory dirigia em alta velocidade pelo interior de Connecticut com sua BMW, ao lado de uma galera rica e leviana, que desprezava qualquer pessoa que não tivesse o que eles tinham.

Mas aquilo tudo parecia não ter importância, agora que tinham compartilhado muito mais: o suicídio da mãe de Gregory e a morte de Tristan.

Ivy percebeu que, quando duas pessoas vivem na mesma casa compartilham dos sentimentos mais profundos, e, por mais surpreendente que pareça, passou a confiar seus sentimentos a Gregory.

Ele deu muito apoio a ela quando mais sentiu a falta de Tristan.

– Um admirador – Ivy repetiu, sorrindo. – Acho que você tem lido os romances da Beth – ela saiu de perto da piscina e Gregory foi atrás dela, como uma sombra. Ivy deu uma olhada rápida pelo pátio procurando por sua melhor amiga de longa data, Suzanne Goldstein. Para o bem de Suzanne, Ivy queria que Gregory não ficasse tão próximo. Queria também que ele não ficasse sussurrando em seu ouvido, como se estivessem trocando segredinhos.

Suzanne tinha ficado atrás de Gregory o verão todo, e ele dava corda para ela. Suzanne havia dito que agora estavam namorando oficialmente; ele sorria e não admitia nada. Assim que Ivy colocou a mão em Gregory para fazer com que ele se afastasse um pouco, uma porta de vidro se abriu e Suzanne apareceu. Ela ficou parada por um momento, como se estivesse admirando o cenário – a piscina em sua longa forma ovalada, as esculturas de mármore, os terraços floridos. Esse momento, convenientemente, deu a todos os rapazes uma chance de olharem para ela. Com seus cabelos negros cintilantes e um biquíni minúsculo que mais parecia uma joia do que uma roupa, ela ofuscava todas as outras garotas, incluindo as que eram membros do grupo de Gregory e Eric há muito tempo.

– Se alguém aqui tem admiradores, esse alguém é Suzanne. E se você for esperto, irá agora mesmo para perto dela antes que outros 20 rapazes façam fila.

Gregory apenas riu e colocou para trás uma mecha de cabelos que estava no rosto de Ivy.

É claro que ele sabia que Suzanne estava olhando. Tanto Gregory como Suzanne gostavam de joguinhos, e Ivy estava sempre no meio deles.

Suzanne caminhou com a graça de uma gata, aproximando-se deles rapidamente, mesmo assim, parecia caminhar como se estivesse dando um passeio no parque.

– Belo traje! – disse, cumprimentando Ivy.

Ivy piscou e olhou surpresa para seu próprio maiô. Suzanne estava com ela quando o comprou, encorajando-a a levar algo que fosse mais ousado. Mas é claro que aquilo era só um esquema para chamar a atenção de Gregory para... a joia de Suzanne.

– Ficou divino em você, Ivy.

– Foi o que eu disse a ela – replicou Gregory em um tom exageradamente entusiasmado.

Ele não tinha falado nada sobre o maiô de Ivy. Sua mentirinha só tinha a intenção de deixar Suzanne enciumada. Ivy lançou um olhar para Gregory e riu.

– Você trouxe filtro solar? – perguntou Suzanne. – Não acredito que esqueci o meu.

Ivy também não acreditava. Suzanne estava ensaiando essa fala desde os 12 anos, quando passavam as férias juntas na casa de praia da família Goldstein.

– As minhas costas vão fritar.

Ivy pegou sua bolsa, que estava em uma cadeira próxima. Sabia que Suzanne poderia se esticar toda em uma folha de papel alumínio com o sol a pino que não queimaria nenhum centímetro. – Tome. Pode ficar. Trouxe bastante.

Colocou o frasco nas mãos de Gregory e ia saindo quando Gregory segurou seu braço. – E você? – perguntou, em um tom baixo e íntimo.

– O que tem eu?

– Não precisa de filtro?

– Não. Estou bem.

Mas ele não a deixava ir embora. – Você sabe que sempre esquece os lugares mais óbvios – disse enquanto passava o creme na nuca e

nos ombros dela, falando com voz tão macia quanto seus dedos. Tentou deslizar um dedo por baixo da alça. Ivy abaixou-a. Estava ficando brava. Suzanne também estava pegando fogo, embora não fosse por causa do sol.

Ivy conseguiu se livrar de Gregory, colocando rapidamente os óculos de sol, esperando que escondessem sua raiva. Saiu de lá rispidamente, deixando os dois sozinhos para se provocarem e se antagonizarem o quanto quisessem.

Os dois a estavam usando para marcar pontos. Por que não podiam deixá-la fora de seus joguinhos estúpidos?

Você está com ciúmes, censurou a si mesma. Você só está com ciúmes porque eles têm um ao outro, e você não tem Tristan.

Encontrou uma cadeira vazia e nela se jogou.

O rapaz e a garota ao seu lado olhavam com interesse enquanto Gregory levava Suzanne para uma área distante dos demais. Sussurravam um para o outro ao ver Gregory passar o filtro solar no corpo bem torneado dela.

Ivy fechou os olhos e pensou em Tristan, em seus planos de fugirem para o lago juntos, de boiarem no meio do lago sentindo os raios do sol nas pontas dos dedos. Pensou na maneira como Tristan a havia beijado no banco de trás do carro na noite do acidente. Era da ternura do beijo que ela se lembrava, a maneira como ele havia tocado seu rosto com admiração, quase como uma reverência. A forma como ele a fazia se sentir não apenas amada, mas sagrada para ele.

– Você ainda não entrou na água.

Ivy abriu os olhos. Era bem óbvio que Eric não a deixaria em paz até que provasse que não iria surtar na piscina.

– Estava pensando nisso bem agora – disse, tirando os óculos. Ele esperou por ela na beira da piscina.

Ivy estava feliz por Eric ter ficado sóbrio na sua própria festa. Mas talvez essa fosse a forma como ele compensava a falta da bebida. Sem o álcool, sem as drogas, era assim que Eric se divertia: testando

as pessoas em seus pontos mais vulneráveis.

Ivy entrou na água. Nos primeiros minutos, o velho medo foi se apoderando dela conforme a água ia subindo até seu pescoço, e ela estava terrivelmente assustada. – Coragem é isso – dizia Tristan –, é encarar o que te amedronta – aos poucos, ia se sentindo mais confortável.

Atravessou a piscina e parou, esperando por Eric na parte funda. Ele era um péssimo nadador.

– Nada mau – disse Eric quando a alcançou. – Nada mau para uma principiante.

– Obrigada.

– Você nem ficou sem fôlego.

– Acho que estou em boa forma.

– Não perdeu mesmo o fôlego. Sabe, quando éramos crianças e íamos acampar, Gregory e eu curtíamos um jogo.

Ele parou de falar, e Ivy percebeu que estava sugerindo que jogassem o tal jogo agora. Queria que estivessem se segurando na parede, do outro lado da piscina, onde era raso e as árvores não faziam sombra para o sol. Quase todo mundo já tinha saído da piscina, indo se sentar em algum lugar.

– É um teste para ver quanto tempo cada um de nós consegue prender o fôlego – disse, sem olhar para ela. Eric, raramente, olhava uma pessoa nos olhos.

– Você tem de mergulhar e ficar o máximo que puder enquanto a outra pessoa marca o tempo.

Ivy achou o jogo bobo, mas concordou em jogar, acreditando que, quanto mais rápido fizessem aquilo, mais rápido se livraria dele.

Eric afundou, deixando o braço esticado para fora da água para que ela pudesse marcar o tempo. Ele ficou imerso por um minuto e cinco segundos, retornando à superfície ofegando de forma irritante.

Então Ivy respirou fundo e mergulhou. Contava em sua mente bem devagar – 1.001, 1.002 – determinada a ganhar dele. Ao segurar o

fôlego, viu seu cabelo solto girando ao seu redor. O cloro era forte e queria fechar os olhos, mas algo lhe dizia para não confiar em Eric.

Quando finalmente veio à superfície, ele disse: – Estou impressionado! Um minuto e três segundos.

Ela havia contado um minuto e quinze segundos.

– Próximo passo – disse – Vamos ver se conseguimos mergulhar por mais tempo afundando juntos. Pronta?

Ivy concordou de forma relutante. Depois disso, sairia da piscina. Eric olhou para o relógio – Um, dois... – puxou-a para baixo de forma repentina.

Ivy não tinha tomado fôlego. Ela tentou voltar, mas Eric não a soltava. Ela balançava as mãos para ele por baixo da água, mas ele a segurava pelos ombros.

Ivy começou a sufocar. Tinha engolido um pouco da água quando Eric a puxou e não conseguia evitar a tosse, tentando limpar os pulmões – mas, sempre que tentava, engolia mais água. Eric a segurava firme.

Ela tentou chutá-lo, mas ele tirava as pernas do caminho e sorria com os lábios cerrados.

Ele está se divertindo, pensou. Acha a situação engraçada. É louco!

Ivy lutou para se soltar dele. Seu estômago sendo tomado por câimbras e os joelhos esticados. Os pulmões pareciam que iam estourar.

De repente, Eric sorriu. Ele foi puxado para um lado de forma tão repentina que levou Ivy junto com ele. Os dois emergiram à superfície, ofegando e cuspindo água.

– Seu cretino! Seu imbecil! – gritou Ivy. Mas sua tosse a impediu de continuar.

Eric atirou-se contra a parede. Estava pálido, os dedos ainda presos na lateral de seu corpo. Quando soltou as mãos, ela viu as finas marcas vermelhas de sangue escorrendo pelo corpo dele, como se alguém tivesse arranhado suas costas e as laterais com unhas longas

e afiadas.

Eric olhou ao redor rapidamente com seus olhos pálidos e desfocados, depois virou-se para ela. Seu rosto parecia tão distorcido agora quanto estava dentro da água. – Só estava brincando – disse.

Alguém o chamou do outro lado da piscina. As pessoas estavam começando a entrar. Ele saiu lentamente, indo em direção ao vestiário. Ivy ficou na piscina, respirando profundamente. Sabia que tinha de ficar na piscina. Tinha de esperar até que estivesse respirando normalmente, depois nadaria um pouco. Tristan a havia feito superar seu medo. Não permitiria que Eric o trouxesse de volta. Começou a nadar.

Quando chegou à borda da piscina e fez a volta para continuar nadando, Beth agachou-se e segurou seu tornozelo. Ivy olhou para cima e viu Beth agitando-se na beira da piscina, com seu chapéu de abas largas caindo em seus olhos. Will moveu-se rapidamente para segurar Beth por trás.

– O que foi? – perguntou Ivy, sorrindo para Beth, olhando rapidamente, constrangida, para Will.

– Todo mundo vai entrar para assistir a vídeos – disse Beth toda entusiasmada. – Uns vídeos que foram feitos na escola este ano, e depois dos jogos de basquete e... – Beth parou de falar.

– Das competições de natação – Ivy terminou a frase para ela. Talvez pudesse ver, uma vez mais, o nado borboleta de Tristan.

Beth deu um passo para trás na beira da piscina e se virou para Will. – Vou ficar aqui fora um pouco.

– Não fique aqui por mim – disse Ivy. – Eu...

– Ouça – Beth a interrompeu. – Com todo mundo lá dentro, posso finalmente despir este lindo corpo branco sem ter de me preocupar em deixar todos cegos com minha pele branca como a neve.

Will deu uma risada gostosa e disse algo no ouvido de Beth.

Ele era um rapaz doce, mas Ivy não podia culpá-lo se estivesse furioso com ela, não depois da cena que fizera no sábado passado.

Ele havia desenhado anjos – um de Tristan, abraçando Ivy. E ela havia picotado o desenho.

– Vá assistir aos vídeos – disse Ivy com firmeza. – Quero nadar um pouco.

Will aproximou-se. – Você não deveria nadar sozinha, Ivy.

– Era isso que Tristan costumava dizer.

Em resposta, Will olhou para ela e seus olhos pareciam ter uma linguagem própria. Eram piscinas de água marrom, fundas o suficiente para alguém se afogar, pensou Ivy. Os olhos de Tristan eram cor de mel, mas, mesmo assim, parecia haver uma semelhança com os olhos de Will, algo que a atraía.

Desviou o olhar rapidamente, depois retomou o fôlego. Com um relampejo suave de asas coloridas, uma borboleta pousou em seu ombro.

– Uma mariposa – disse Beth. Talvez porque todos estivessem pensando em Tristan, Beth usou o outro nome dado para o nado borboleta.

Ivy tentou enxotar o inseto. Suas asas bateram, mas ele a surpreendeu ao permanecer no lugar.

– Confundiu você com uma flor – disse Will, sorrindo, seus olhos cheios de luz.

– Talvez – Ivy respondeu, ansiosa para sair de perto dele e de Beth. Dando um impulso na borda da piscina, começou a nadar.

Deu várias voltas na piscina e, quando finalmente ficou cansada, nadou para o meio da piscina para tentar boiar.

“É uma sensação maravilhosa, Ivy. Você sabe o que é boiar no meio de um lago, circundado pelas árvores, olhando para o céu azul? Você só fica lá, deitado na água, com o brilho do sol aquecendo seus dedos.” A lembrança da voz de Tristan era tão forte que parecia estar ouvindo-o falar bem agora. Parecia impossível que o céu azul estivesse ali em cima; deveria ter se estilhaçado como o para-brisa do carro na noite do acidente, mas lá estava ele.

Lembrou-se de ter deitado de costas na água, sentindo o braço dele embaixo dela para ensiná-la a boiar. – Calma, se solte – ele dizia.

Ela se soltou. Fechou os olhos e imaginou-se no centro de um lago. Quando abriu os olhos, ele estava olhando para ela, seu rosto parecia o sol, aquecendo-a.

– Estou boiando – Ivy tinha sussurrado e sussurrava agora.

– Você está boiando.

– Boiando – tinham lido os lábios um do outro, e por um momento ela sentiu como se ele estivesse se inclinando para ela. – Boiando – seus lábios tão próximos, tão próximos...

– Me dá isso aqui!

Ivy levantou a cabeça rapidamente e seus pés afundaram no chão. Tirou a água dos olhos.

A porta do vestiário estava aberta e Gregory corria pelo gramado, carregando uma pequena peça de roupa escura em suas mãos. Seu cabelo tinha uma estranha espuma branca. Eric vinha correndo atrás dele, uma mão agarrando o chapéu de Beth, a única parte coberta de seu corpo, e a outra segurando uma faca de cozinha. – Você é um homem morto, Gregory.

– Venha pegar – Gregory o provocou, segurando o calção de Eric. – Vamos lá, dê o melhor de si.

– Eu vou...

– Claro que vai, claro – instigou Gregory.

Eric parou de correr de repente. – Vou pegar você, Gregory – avisou. – Quando você menos esperar.

Capítulo 2

Lacey voltou a se sentar em uma cadeira da lanchonete. Sorria para Tristan, pois estava muito satisfeita consigo mesma. Aparentemente, já havia perdoado Tristan por tê-la arrancado do vale-tudo na festa de Eric ao redor da piscina. Uniu os polegares e estava agitando os demais dedos das mãos para imitar o bater das asas de uma borboleta. – Você tem de admitir que fazer aquela borboleta pousar no ombro de Ivy foi um toque de mestre.

Tristan observou seus dedos saltitantes e as unhas compridas, e sua reação foi esboçar algo entre uma careta e um sorriso. Quando viu Lacey Lovitt pela primeira vez, tinha pensado que suas unhas roxas e o estranho tom avermelhado de seus cabelos espetados estivessem assim pelo fato de ela estar vagando neste mundo há dois anos – um período muito longo para a categoria de anjo em que estavam. Contudo, na verdade, ela gostava de suas unhas e cabelos assim, com a cor que tinha usado logo após seu último filme em Hollywood, um pouco antes de seu avião cair no mar.

– O lance da borboleta foi legal, mas...

– Você gostaria de saber como foi que fiz – ela interrompeu Tristan e continuou. – Acho que vou ter de ensiná-lo a usar campos de força – disse, olhando para a bandeja que passava, repleta de sobremesas – como se ela ou ele pudessem realmente comer algo.

– Mas... – repetiu Tristan.

– Você está pensando como eu sabia sobre a borboleta. Já te falei. Li tudo sobre o herói do Colégio Stonehill no jornal local, Tristan Carruthers, o grande nadador. Sabia que seu ponto forte era o nado borboleta e sabia também que esse gesto faria Ivy pensar em você.

– Na verdade, estava pensando por que você não consegue deixar as tortas em paz.

Ela olhou novamente em direção à bandeja de sobremesas.

– Nem pense nisso – disse, censurando-a.

Só havia alguns parcos clientes sentados na área externa da lanchonete às 16h30, mas ele sabia que Lacey tinha a capacidade de

criar um caos com muito pouco. Duas tortas e um pouco de *chantilly* – foi tudo o que precisou na casa de Eric pela manhã. – Esse tipo de truque não é meio velho, Lacey? Já era velho quando os Três Patetas faziam.

– Ah, fica frio, Mané. Todo mundo na festa adorou. Tá tudo bem! Algumas pessoas curtiram, e só algumas, como Suzanne, fizeram uma tempestade em copo d'água por causa do cabelo. Mas eu me diverti muito.

Tristan balançou a cabeça negativamente. Lacey tinha sido muito ágil, movimentando-se rapidamente pela piscina, provocando brigas. Era óbvio que tinha se divertido quando puxava o calção de Gregory sempre que Eric se aproximava. – Agora sei por que você nunca completa sua missão – disse Tristan.

– Ora, per-do-e-me! Por favor, não me deixe esquecer disso da próxima vez que você implorar para que eu o ajude a se comunicar com Ivy – levantou-se abruptamente e saiu da lanchonete batendo os pés.

Tristan já havia se acostumado a suas atuações dramáticas e a seguiu lentamente pela rua principal.

– Como você se atreve, Tristan, a criticar um simples momento de diversão. Onde você estava quando Ivy fazia cara de peixinho dourado na parte funda da piscina? Quem deu um jeito em Eric?

– Você! E você sabe onde eu estava.

– Todo enroscado dentro de Will.

Tristan concordou com a cabeça. A verdade era constrangedora.

Ele e Lacey caminhavam silenciosamente pela calçada de paralelepípedos, passando por várias lojas com toldos listrados e coloridos. Vitrines cheias de antiguidades e arranjos de flores secas, livros de arte e papéis de parede decorativos, exibindo o gosto da área mais abastada da cidade de Connecticut. Tristan ainda caminhava como se fosse vivo e sólido, desviando-se dos transeuntes. Lacey passava direto por eles.

– Devo estar fazendo alguma coisa errada – disse Tristan, finalmente. – Em um segundo, estou dentro de Will, em uma parte dele que, ao olhar para Ivy, sinto que também olho. É como se ele sentisse o que sinto por ela. Então, de repente, ele recua.

Lacey tinha parado para olhar a vitrine de uma loja de roupas.

– Acho que estou exigindo demais dele. Preciso que Will fale por mim. Mas acho que ele descobriu que estou perambulando pela sua mente e está com medo de mim.

– Ou, talvez – disse Lacey –, tenha medo dela.

– De Ivy?

– Ou dos sentimentos dele por ela.

– Dos meus sentimentos por ela! – corrigiu Tristan rapidamente.

Lacey virou-se para olhar para ele, inclinando a cabeça. Tristan fingiu um interesse súbito por um vestido feioso, preto e de paetês que estava pendurado na vitrine. Não dava para ver o reflexo do rosto de Lacey, assim como não dava para ver seu próprio reflexo. Só um brilho dourado e fragmentos de cores suaves brilhavam contra a vitrine; concluiu que era isso que uma pessoa que acreditasse em anjos conseguia ver ao olhar para eles.

– Por quê? – perguntou Lacey. – Quero saber por que você presume ser o único rapaz na face da Terra que esteja apaixonado por...

Tristan interrompeu-a. – Eu entrei em Will e, como ele é um bom radar, passou a sentir o que sinto e pensar o que penso. Não é assim que funciona?

– Não passou pela sua cabeça que a razão de um amador como você conseguir entrar em Will foi porque ele já estava sentindo o que você sentia e pensando o que você pensava, pelo menos em relação à Ivy?

Tinha passado sim, mas Tristan fez o melhor que pôde para tirar esse pensamento da cabeça.

– Também consegui entrar na mente de Beth – disse, refrescando a

memória dela.

A primeira vez que Lacey vira Beth, ela havia dito a Tristan que a jovem era um ótimo radar, alguém que conseguiria transmitir mensagens vindas do outro lado da vida. Assim como Tristan induzira Will a desenhar anjos na tentativa de consolar Ivy, ele fizera Beth escrever de forma automática, apesar de o texto ter ficado tão confuso que ninguém conseguiu entender o sentido da história.

– Você entrou, mas teve mais dificuldade – salientou Lacey. – Você deu vários tropeços, lembra-se? E, além do mais, Beth também ama Ivy.

Voltou a observar a vitrine. – Um arraso de vestido! – disse e começou a caminhar. – O que eu queria saber é o que todo mundo vê nessa garota.

– É muito legal da sua parte salvar uma garota que despreza – Tristan comentou de forma ríspida.

Passaram pela loja de fotografia em que Will trabalhava e pararam em frente ao Celentano's, a pizzaria em que Will havia desenhado os anjos em um pedaço de papel.

– Eu não a salvei. Eric estava só brincando, mas é melhor você descobrir que tipo de jogo é esse. Conheci pessoas assustadoras na minha vida, e tenho de dizer: ele não faria parte da minha turma de balada.

Tristan concordou. Tinha tanto a aprender. Depois de ter viajado no tempo dentro da sua própria mente, tinha certeza de que alguém mexera no freio na noite em que seu carro bateu bem de frente com um cervo.

Mas não fazia a mínima ideia do motivo.

– Você acha que foi Eric quem mexeu no carro?

– Deixando você sem freio? – Lacey começou a enrolar uma mecha do cabelo roxo em suas unhas afiadas. – Que avanço! De valentão inveterado a assassino. O que ele tem contra você e Ivy?

Tristan ergueu as mãos para o alto e as deixou cair. – Não sei.

– O que alguém teria contra você e ela? Podiam estar atrás de apenas um de vocês. Se alguém queria se livrar de você, conseguiu; mas ela está salva agora.

– Se ela está salva, por que então tenho de cumprir uma missão?

– Para me irritar. É óbvio que isso é algum tipo de punição para mim. Ah, anime-se, Mané. Talvez você tenha entendido tudo errado sobre a sua missão.

Ela atravessou a porta do Celentano's sem abri-la; depois, com um ar travesso, pegou os três sininhos que ficavam em cima da porta e os tocou. Dois rapazes que usavam camisetas e bermudas olharam para a porta. Tristan sabia que ela havia materializado as pontas de seus dedos, um truque que ele só conseguira realizar recentemente, para puxar a corda dos sinos. Ela os tocou novamente, e os rapazes, incapazes de conseguir ver Lacey ou Tristan, entreolharam-se.

Tristan sorriu e disse: – Você vai espantar a freguesia.

Lacey subiu no balcão ao lado de Dennis Celentano. Ele abrira uma massa de pizza e a estava jogando para cima de forma profissional – até que ela não veio mais para baixo. Ficou parada no ar como um trapo molhado. Dennis olhava para aquilo sem entender nada, inclinando-se de um lado para o outro, tentando entender o que poderia estar segurando a massa.

Tristan imaginou que a massa viraria mais uma torta na cara de alguém. – Seja boazinha, Lacey.

Ela deixou a massa cair impecavelmente no balcão. Ao saírem, deixaram Dennis e seus fregueses entreolhando-se sem entender o que estava acontecendo. – Com você por perto, vou ganhar medalhas de ouro e concluir minha missão rapidinho.

Tristan tinha suas dúvidas. – Talvez você possa ganhar mais estrelas ajudando-me em minha missão.

– Você não me disse que havia um jeito de viajar de volta no tempo pela mente de outra pessoa? Você não disse que eu podia investigar o passado pelas lembranças de outra pessoa?

– Não, disse que eu podia.

– Me ensine.

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Ah, por favor, Lacey.

Já estavam no final da rua, parados em frente a uma velha igreja circundada por um muro baixo. Lacey subiu no muro e começou a caminhar sobre ele.

– É muito arriscado, Tristan. E acho que não vai te ajudar em nada. Mesmo que você consiga entrar na mente de alguém como Eric, o que você acha que vai encontrar? Os circuitos daquele cara foram queimados e cortados. Seria, digamos assim, uma viagem muito ruim para você.

– Me ensine – ele insistiu. – Se realmente sabotaram os freios, vou ter de voltar àquela noite na mente de todo mundo que possa ter visto algo, incluindo Ivy.

– Ivy! Você nunca vai conseguir entrar! Aquela garota se fechou totalmente para você e para qualquer outra pessoa.

Lacey fez uma pausa, esperando conseguir total atenção de Tristan; depois, ergueu uma perna como se estivesse praticando equilíbrio. Ela nunca se cansava de atuar, pensou Tristan.

– Eu mesma tentei entrar em Ivy na festa da piscina hoje à tarde. Não consigo imaginar, mesmo quando você era vivo, como é que se relacionava com aquela garota.

– Será que você consegue dar um jeito de aconselhar sem fazer comentários sarcásticos sobre “aquela garota”?

– É claro – ela concordou, e começou a caminhar pelo muro também. – Mas isso vai acabar com a minha diversão.

– Vou tentar com Philip novamente – disse Tristan, falando mais consigo mesmo do que com ela. – E com Gregory...

– Gregory vai ser um osso duro de roer. Você confia nele? Pergunta tola – disse antes que ele pudesse responder. – Você não confia em ninguém que tenha olhado para Ivy.

Tristan inclinou a cabeça. – Gregory namora a Suzanne.

Ela riu dele. – Você é tão ingênuo! É reconfortante, para um atleta bonitão como você, mas também é de dar pena.

– Me ensine – pediu pela terceira vez, e então pegou na mão dela. Como as mãos dos anjos não atravessam umas nas outras, ele conseguiu segurar firme. – Estou preocupado com ela, Lacey. Estou mesmo preocupado.

Ela olhou para baixo.

– Me ajude.

Lacey olhou para seus dedos longilíneos presos aos dele e foi retirando a mão bem lentamente, depois abaixou-se e deu um tapinha carinhoso na cabeça dele. Odiava a superioridade com que ela agia, e não gostava de implorar, mas ela sabia fazer coisas que ele demoraria muito tempo para aprender sozinho.

– Tá certo! Mas, ouça bem, porque só vou falar uma vez.

Ele concordou com a cabeça.

– Primeiro, você tem de achar um gancho. Você tem de se lembrar de algo que a pessoa tenha visto ou feito naquela noite. O melhor tipo de gancho é um objeto ou ação que esteja conectado apenas com aquela determinada noite, mas evite coisas que possam ameaçar seu anfitrião. Ele não vai gostar de ter a sensação de um despertador zunindo dentro de sua cabeça.

Andava cuidadosamente por uma parte do muro que estava em ruínas. – É como fazer um caça-palavras em uma biblioteca virtual. Se você escolher um termo que seja muito genérico, vão aparecer vários verbetes que não te interessam nem um pouco.

– Até aí, é bem fácil – disse Tristan com confiança.

– Ah-hã – ela respondeu, revirando os olhos. – Assim que encontrar seu gancho, você entra na pessoa, da mesma forma como já fez com Will e Beth, só que você tem de ser mais cuidadoso que nunca. Se seu anfitrião sentir sua movimentação, se ele achar que há algo estranho no ar, vai ficar desconfiado e alerta demais para permitir que

sua mente vagueie por entre as lembranças dele.

– Eles jamais vão notar minha presença.

– Ah-hã. Seja paciente e entre rastejando – ela mostrou o movimento, andando pelo muro como se estivesse em câmera lenta. – E devagar vai conseguir dar foco a qualquer imagem que esteja usando por meio do gancho. Lembre-se de vê-la da mesma forma que seu anfitrião faria.

Pulou do muro e disse: – É só isso!

– Só isso?

– É quando o divertimento começa.

– Mas me diga como funciona, Lacey, para que eu saiba o que esperar. Me diga qual é a sensação.

– Ah, acho que você consegue descobrir essa parte sozinho.

Ele parou de repente. – Você consegue ler mentes?

Ela se virou para poder olhar bem nos olhos dele. – Não, mas sou muito boa em analisar expressões faciais. E a sua é um enorme livro aberto.

Ele desviou o olhar.

– Você precisa de mim, Tristan, mas não me leva a sério. Quando eu estava viva, conheci muita gente igual a você.

Ele não sabia o que dizer.

– Escute, tenho minha própria missão para cuidar. Já é hora de começar a bisbilhotar em Nova York, voltar ao começo de tudo e descobrir o que tenho de fazer. Graças a você, já estou atrasada para pegar o trem.

– Desculpe.

– Não é culpa sua! Então, se você cumprir sua missão antes da minha volta, posso ficar com seu jazigo? Quer dizer, não tenho um, a menos que considere meu avião no fundo do oceano Atlântico como um, e você não iria mesmo precisar mais dele depois de...

– Claro, claro.

– É claro que tenho de, primeiro, cumprir minha missão.

Depois de dois anos de procastinação? Pensou Tristan, mas não ousou verbalizar seus pensamentos.

– Juro que seu rosto parece um dos enormes livros abertos que minha mãe costumava ler.

Em seguida, ela riu e foi correndo em direção à estação que ficava no limite da cidade, ancorada entre o rio e as montanhas.

Tristan foi na direção contrária, subindo a rua que iria levá-lo ao topo da montanha em que ficava a casa da família Baines. Talvez Philip esteja em casa, pensou. O irmão caçula dela mantinha sua crença nos anjos, nos quais Ivy não acreditava mais. Ele conseguia ver o brilho de Tristan, apesar de não entender seu significado. Por mais estranho que parecesse, a gata de Ivy, Ella, também podia ver Tristan.

Tristan conseguia fazer carinho em Ella quando materializava as pontas dos dedos. Isso era tudo o que sabia fazer até o momento: acariciar um gato, pegar uma folha de papel. Queria muito poder tocar em Ivy, sendo forte o suficiente para poder envolvê-la em seus braços.

Foi direto para dentro da casa e esperou que ela voltasse da festa. Também ia esperar por Gregory. Enquanto não chegava ninguém, ficou imaginando qual das mentes teria a pista de que precisava, e como, pediu em oração, poderia se comunicar com Ivy. Por favor, falem para mim!

Capítulo 3

Suzanne afastou do caminho uma planta pendurada no teto, que precisava ser podada; depois se esticou esplendorosamente pelo quarto. Vestia um roupão de seda dourado e tinha uma toalha verde e dourada presa à cabeça como se fosse um turbante. Tudo no ambiente — a enorme banheira redonda, as almofadas, o carpete exuberante e o papel de parede de textura sedosa — era verde e dourado.

Na primeira vez em que Ivy havia entrado nesse quarto da casa de Suzanne, ficou de olhos arregalados. Na época, tinha 7 anos. A sala de banho suntuosa, a elegância do quarto de brinquedos e os baús revestidos de veludo, que continham 26 bonecas Barbie, haviam convencido Ivy, imediatamente, de que Suzanne era uma princesa, e a forma de agir de Suzanne confirmava sua suspeita. Era uma princesa notável que dividia todos os seus brinquedos com alegria e tinha um quê de selvagem dentro de si. Na ocasião, Ivy e Suzanne cortaram mechas de seus próprios cabelos para fazer perucas para as bonecas. Era preciso muito cabelo para dar conta de 26. Ivy pensou que nunca mais seria convidada a voltar lá, mas logo a Sra. Goldstein passou a levá-la com frequência, pois Suzanne dizia que queria brincar com Ivy mais do que queria receber sua mesada ou ganhar um pônei.

Suzanne suspirou, ajeitou o turbante e abriu os olhos. – Você está confortável, Ivy?

Ivy concordou com a cabeça. – Está tudo perfeito! – Após trazer Suzanne para casa, Ivy tirou o traje de banho e vestiu *shorts* e camiseta. Suzanne lhe emprestou um roupão de cetim cor-de-rosa por causa do ar-condicionado, o que fez Ivy sentir-se como parte do cenário de princesa.

– Perfeito! – repetiu Suzanne, esticando a longa perna bronzeada até os dedos dos pés. De repente, bateu de forma desajeitada na planta pendurada no teto e deixou a perna cair, dando risada. Agora que já tinha lavado o cabelo para tirar a torta e o creme de *chantilly*,

seu humor estava muito melhor.

– Ele é... perfeito. Me diga a verdade, Ivy. O Gregory pensa em mim com frequência?

– Como posso saber, Suzanne?

Suzanne virou de lado para olhar Ivy nos olhos. – Então tá, o Gregory fala em mim?

– Sim – disse com cautela.

– Muito?

– É claro que ele não falaria muito para mim. Ele sabe que sou sua melhor amiga e contaria para você, ou, no mínimo, você arrancaria de mim sob tortura – Ivy disse, sorrindo.

Suzanne sentou-se e retirou a toalha da cabeça, deixando cair os cabelos pretos sobre os ombros.

– Ele adora flertar. Gregory flertaria com qualquer pessoa – até com você.

Ivy não se sentiu ofendida com as palavras “até com você”. – É claro que sim. Ele sabe que isso te deixa nervosa. Ele também gosta de joguinhos.

Suzanne sorriu para Ivy, e brincou, deixando o queixo cair por entre os cachos de cabelo molhado. Ivy continuou falando. – Sabe, vocês dois dão a Beth uma tonelada de material para suas histórias. Antes da formatura ela terá conseguido escrever pelo menos cinco romances. Se fosse você, pediria para ela parar um pouco.

– Mmm... – Suzanne riu para si mesma. – Eu estou só começando.

Ivy riu e levantou-se. – Preciso ir embora agora.

– Você já vai? Espere! A gente mal falou das outras garotas da festa!

Já haviam dissecado as outras garotas no caminho de volta para casa, e acrescentado outros vários comentários malignos durante o banho barulhento de Suzanne.

– E também não falamos sobre você – disse Suzanne.

– No que diz respeito a mim, não há nada que possamos dizer, não é mesmo? – disse Ivy, retirando o roupão para começar a dobrá-lo.

– Nada? Não foi isso que ouvi falar – disse Suzanne maliciosamente.

– O que você ouviu falar?

– Em primeiro lugar, quero que saiba que, quando ouvi...

– Ouviu o quê? – perguntou Ivy impacientemente.

– ... disse a todos que, por conhecer você há muito tempo, achava muito improvável.

– Achava o que improvável?

Suzanne começou a pentear o cabelo. – Acho que disse muito improvável. Não me lembro ao certo.

Ivy sentou-se. – Suzanne, do que você está falando?

– Pelo menos disse a eles que estava muito surpresa em ouvir que você estava beijando Eric no fundo da piscina.

Ivy ficou de boca aberta. – Beijando Eric! E você disse a eles que era improvável? Devia ter dito que era totalmente impossível! Suzanne, você sabe que eu não faria isso!

– Não tenho mais certeza de nada. As pessoas fazem coisas estranhas quando estão de luto. Sentem-se sozinhas. Tentam coisas diferentes para esquecer... O que exatamente você estava fazendo?

– Era um jogo.

– Um jogo de beijos?

A resposta de Ivy soou como uma explosão. – Um jogo idiota!

– Estou feliz em ouvir isso. Não acho que Eric seja a pessoa certa para você. Ele é muito rápido e gosta de brincar com coisas muito esquisitas. Mas é claro que você deveria começar a namorar novamente.

– Não.

– Ivy, está na hora de você voltar a viver.

– Viver e namorar não são a mesma coisa – Ivy salientou.

– Para mim são – respondeu Suzanne.

As duas riram.

– E o Will? – perguntou Suzanne.

– O que tem ele?

– Bem, ele é novo em Stonehill, assim como você, e tem um estilo artístico, assim como você. Gregory disse que as gravuras que ele inscreveu no festival são incríveis.

Gregory havia dito a mesma coisa a Ivy. Ficou imaginando se os dois não estavam conspirando para que ela e Will ficassem juntos.

– Você ainda não está brava por causa daquele desenho de anjos, está?

Por causa dos desenhos de Tristan em forma de anjo, abraçado a mim, Ivy corrigiu em pensamento. – Sei que ele pensou que aquilo faria com que eu me sentisse melhor – disse em voz alta.

– Então, dê uma trégua para ele, Ivy. Sei o que você está pensando. Sei exatamente o que está sentindo. Lembra-se de quando Sunbeam morreu e eu disse “Chega de pomerânios. Nunca mais quero ter um cachorro novamente?” Mas agora tenho Peppermint e...

– Vou pensar no assunto, certo?

Ivy sabia que Suzanne tinha boas intenções, mas perder Tristan não era a mesma coisa que perder um cachorro meio cego, de 14 anos, completamente surdo. Estava cansada de, por causa de boas intenções, as pessoas dizerem coisas ridículas.

Quinze minutos depois, Ivy já estava no caminho de casa em seu velho Dodge subindo a extensa montanha. Há alguns meses não acreditaria que isso fosse possível, mas tinha aprendido a gostar do muro de pedras baixo e das árvores enfileiradas, bem como das flores selvagens espalhadas pelo caminho por onde passava: o muro, as árvores e as flores de seu padrasto, Andrew.

A imensa casa branca no topo da montanha, com suas alas e chaminés duplas e pesadas persianas pretas, era o seu lar na verdade.

O teto de pé-direito alto não parecia mais tão alto para ela, o vasto

hall de entrada com o lance de escadas no centro não mais a intimidava, embora ainda geralmente preferisse a entrada dos fundos.

Ainda faltava uma hora para o jantar e Ivy queria muito ficar um pouco sozinha na sua sala de música. Fazia quatro semanas que Tristan havia morrido – apesar de ninguém mais parecer ter se lembrado da data – e há quatro semanas exatamente ela havia parado de tocar piano. Seu irmão de 9 anos, Philip, havia implorado para que tocasse para ele e ela o fez, uma vez. Mas, toda vez que se sentava no banco, sentia-se fria por dentro, como se a música estivesse congelada em algum lugar dentro dela.

Tenho de superar esse bloqueio, pensou ao estacionar o carro na garagem atrás da casa.

O Festival de Artes de Stonehill aconteceria em duas semanas, e Suzanne tinha feito sua inscrição. Se Ivy não começasse a praticar logo, ela e Philip teriam de apresentar seu famoso dueto do “Bife”.

Ivy parou do lado de fora da garagem para ver Philip brincar embaixo da casa da árvore. Estava tão envolvido no jogo que nem notou sua presença.

Mas Ella notou. Era como se a gata estivesse esperando por ela, encarando-a com seus olhos verdes, cheios de expectativa. Estava ronronando antes mesmo de Ivy acariciar em volta das suas orelhas, seu lugar predileto, em seguida, acompanhou Ivy para dentro da casa.

Ivy cumprimentou sua mãe e Henry, o cozinheiro, que estavam sentados à mesa da cozinha.

Henry parecia entediado, e sua mãe, cujas receitas mais complicadas haviam sido copiadas das embalagens de latas de sopa, parecia confusa. Ivy imaginou que estivessem planejando o cardápio de algum jantar para receber benfeitores da faculdade de Andrew.

– Como foi a festa, querida? – sua mãe perguntou.

– Boa.

Henry estava muito ocupado apagando os itens da lista de Maggie.

– Frango à moda, torta de chocolate com *chantilly* – dizia, evidentemente desaprovando as escolhas.

– Até mais tarde – disse Ivy. Ao ver que nenhum dos dois olhava para ela, decidiu subir as escadas.

A ala oeste da casa, onde ficavam a sala de jantar, a cozinha, a sala de televisão, era a parte mais usada da casa. Uma galeria estreita, repleta de quadros, ligava a sala de televisão à ala em que ficava o escritório de Andrew, no primeiro andar, e o quarto de Gregory, no segundo. Ivy subiu as escadas da galeria e atravessou a passagem que dava para a ala principal da casa, seguindo pelo corredor que levava ao seu quarto e ao de Philip. Assim que entrou no quarto, sentiu um aroma adocicado.

Sua respiração acelerou pela surpresa. Na sua escrivaninha, ao lado da fotografia de Tristan usando seu boné predileto e seu velho casaco da escola, havia uma dúzia de rosas. Ivy foi até elas. As lágrimas rapidamente saltaram de seus olhos, como se já estivessem lá o tempo todo, sem que ela percebesse.

Tristan havia lhe dado 15 rosas no dia em que brigaram por causa da sua crença nos anjos, uma para cada estatueta de anjo que ela possuía.

Quando percebeu o quanto ela gostou da cor exótica das flores, comprou mais e as entregou a ela enquanto iam ao jantar romântico programado para a noite do acidente.

Havia um bilhete ao lado das rosas. Não era fácil decifrar a caligrafia irregular de Gregory, e as lágrimas faziam com que ficasse ainda mais difícil. Enxugou os olhos e tentou novamente.

O bilhete dizia o seguinte: “Sei que essas foram as quatro semanas mais difíceis da sua vida”.

Ivy ergueu o vaso e encostou o rosto suavemente nas pétalas perfumadas. Gregory esteve ao seu lado, dando todo seu apoio, desde a noite do acidente. Enquanto todas as outras pessoas tentavam encorajá-la a se lembrar da noite do acidente para falar

sobre isso, pois diziam que essa atitude curaria suas feridas, ele a deixava seguir o próprio ritmo, permitindo que encontrasse uma maneira própria de curar sua dor. Talvez a sua própria perda, o suicídio de sua mãe, tivesse feito com que ele ficasse tão compreensivo.

O bilhete caiu no chão. Ivy abaixou-se rapidamente para pegá-lo. Ele caiu de novo. Quando tentou novamente, o papel rasgou-se um pouco em seus dedos, como se tivesse ficado preso em alguma coisa. Ivy franziu a testa e ajeitou o papel com carinho, colocando-o de volta na escrivaninha e prendendo uma parte dele debaixo do vaso.

Apesar das lágrimas, sentia-se um pouco mais em paz agora.

Decidiu tentar tocar piano, na esperança de conseguir encontrar a música dentro de si. – Vamos, Ella. Vamos subir. Preciso praticar.

A gata seguiu-a pela porta do quarto, que continha um lance de escadas que dava para o terceiro andar da casa.

A sala de música de Ivy, com uma janela no teto inclinado, fora decorada por Andrew e era um presente para ela. Ainda era difícil acreditar que tinha um piano de cauda, com suas teclas cintilando sem nenhuma rachadura, totalmente afinado, só para ela. Ainda ficava fascinada ao ver o aparelho de CD funcionando perfeitamente bem, como a velha vitrola que tocava a coleção de discos de vinil que pertencera a seu pai.

No começo, Ivy ficou envergonhada pela forma como Andrew esbanjava, presenteando Philip e ela com coisas caras. Achava que isso deixava Gregory com raiva. Mas, agora, aqueles meses em que pensou que Gregory a odiava por ter invadido sua vida tanto na escola como em casa pareciam distantes.

Ella subiu correndo para a sala, pulando no piano.

– Então, você tem certeza de que eu vou tocar hoje? – perguntou Ivy.

A gata ainda estava com os olhos arregalados para Ivy, ronronando.

Ivy pegou suas partituras, tentando decidir o que tocar. Qualquer coisa, qualquer coisa, apenas movimente os dedos, pensou. Repetiria algo de uma de suas antigas audições no festival. Ao escolher entre as partituras de música clássica, deixou de lado um livro que continha canções dos musicais da Broadway. Era o único tipo de música suave que Tristan, fã de *rock*, conhecia.

Abriu a partitura de Liszt. Suas mãos tremiam ao tocar as teclas suaves, e assim começou as primeiras escalas da música. Seus dedos gostaram de sentir o toque familiar; o tom crescente e decrescente das notas musicais a acalmavam. Olhou bem para a abertura da peça Liebestraum e se dispôs a tocar.

Suas mãos assumiram o controle e agiam como se ela nunca tivesse parado de tocar. Por um mês ficou se segurando tanto que agora se entregava totalmente à música, que ressoava ao seu redor. A melodia parecia querer carregá-la e ela permitia ser levada para onde quer que desejasse.

– Eu amo você, Ivy, e um dia você vai acreditar em mim.

Parou de tocar. A sensação de que ele estava por perto era impressionante. A lembrança era tão forte — ele em pé, atrás dela sob a luz do luar, ouvindo-a tocar — que não conseguia acreditar que ele não estava mais ali. Deixou a cabeça cair sobre o teclado do piano. – Tristan! Sinto tanto a sua falta, Tristan!

Chorou como se alguém tivesse acabado de dar a notícia da morte dele a ela. Nunca vai melhorar, pensou. Nunca.

Ella chegou bem perto de sua cabeça e se esfregou nela, como que a consolando. Quando sentiu que suas lágrimas haviam cessado, levantou-se para pegar Ella. Nesse momento, ouviu um barulho: três notas musicais distintas. Os pés de Ella devem ter escorregado, pensou, deve ter pisado sem querer no piano.

Ivy piscou para umedecer os olhos e pegou a gata em seus braços. – O que eu faria sem você, Ella?

Segurou a gata até o ritmo da sua respiração voltar ao normal.

Depois, colocou-a gentilmente sobre o banco do piano e foi lavar o rosto. Ivy já estava na metade do caminho, de costas para o piano, quando ouviu as mesmas notas novamente.

Dessa vez, essas mesmas notas foram tocadas duas vezes seguidas.

Virou-se para a gata, que piscou para ela, e sorriu em meio as lágrimas que insistiam em aparecer. – Ou estou ficando louca, Ella, ou você tem praticado – daí desceu as escadas para voltar ao seu quarto.

Queria fechar as cortinas para dormir um pouco. Não acreditava que a dor fosse ficar mais amena algum dia, mas tinha de seguir seu caminho, mantendo seu foco nas pessoas que estavam ao seu redor. Sabia que Philip tinha desistido dela. Já fazia três semanas que não pedia a ela que tocasse com ele. Então, decidiu ir buscá-lo lá fora para convidá-lo a tocar.

Da porta dos fundos, viu-o realizando algum ritual de mágica culinária debaixo das duas enormes árvores de bordo e da sua nova casa da árvore. Os galhos de madeira estavam arrumados como uma fogueira e, em cima deles, havia um velho caldeirão.

É só uma questão de tempo, pensou Ivy, até que decida acender a fogueira, colocando fogo no quintal de Andrew. Já tinha rabiscado com giz no chão da garagem.

Olhava para ele com um ar divertido e, ao fazê-lo, a lembrança daquelas notas musicais voltaram a sua mente. A repetição do arranjo lhe era familiar, de uma música que já tinha ouvido há muito tempo. De repente, conseguiu unir letra e música. – Ao caminhar pela tempestade...

Ivy foi se lembrando da letra lentamente, cantando. – Ao caminhar pela tempestade... fique olhando para cima – fez uma pausa. – E não tenha medo do escuro.

Era uma das canções do musical Carrossel. Não se lembrava muito da peça, com exceção do final, quando um homem, que havia

morrido, retornava em forma de anjo para a pessoa amada. O título da canção flutuava em sua mente.

– Você nunca estará sozinha – disse em voz alta.

Levou a mão à boca.

Estava ficando louca por imaginar Ella tocar aquelas notas especificamente, como se estivesse enviando uma mensagem. Mesmo assim, Ivy se sentiu consolada ao lembrar da letra da canção.

Do outro lado do gramado, Philip entoava sua própria canção em cima do caldeirão cheio de folhas. Ivy aproximou-se silenciosamente. Quando ele olhou para cima, movendo a varinha em sua direção, ela entendeu que ele a estava transformando em um personagem do jogo e participou da brincadeira.

– O senhor pode me ajudar? Estou perdida na mata há dias. Estou longe de casa e não tenho nada para comer.

– Sente-se, garotinha – disse Philip, impostando a voz para parecer um homem de idade.

Ivy mordeu os lábios para segurar o riso.

– Vou dar-lhe um pouco de comida.

– Você não é... você não é um bruxo, é? – perguntou, encenando uma expressão de cautela.

– Não.

– Que bom! – respondeu, sentando-se ao lado da fogueira, fingindo aquecer as mãos.

Philip levou o caldeirão cheio de folhas até ela e disse:

– Sou um mago.

– Nossa! – exclamou com um salto.

Philip soltou a maior gargalhada, retornando rapidamente à expressão séria do mago. – Sou um mago do bem.

– Ufa!

– Exceto quando fico mal.

– Entendi. Qual o seu nome, mago?

– Andrew.

A escolha do nome surpreendeu-a por um momento, mas optou por não fazer nenhum comentário. – Essa é a sua casa, mago Andrew? – perguntou, apontando para a casa da árvore em cima deles.

Philip fez que sim com a cabeça.

O outro Andrew, o que fazia mágica com o cartão de crédito, tinha contratado carpinteiros para reconstruir a casa da árvore em que Gregory costumava brincar quando criança. Seu tamanho agora fora mais do que duplicado. Tinha uma passarela estreita que levava à arvore de bordo ao seu lado, onde havia um anexo feito de piso de madeira e gradil. Às duas árvores foram acrescentados outros andares. Uma escada feita de corda estava pendurada a uma das árvores, e uma corda grossa, que acabava presa a um balanço, prendia-se à outra árvore. Era tudo que uma criança poderia querer, e um pouco mais. Gregory e Ivy haviam concordado sobre isso ao subirem na casa uma vez, quando Philip não estava por perto.

– Você quer entrar no meu esconderijo? Estará salva de todas as feras selvagens, garotinha.

Subiu correndo pela escada de cordas e Ivy o seguiu, curtindo o esforço físico, a textura da corda dura em suas mãos, e a forma como o movimento do vento fazia a escada balançar. Subiram dois níveis acima do primeiro piso e pararam para recuperar o fôlego.

– Aqui é bem legal, mago.

– É seguro, exceto quando a cobra selvagem aparece.

A 500 metros abaixo deles havia o muro baixo de pedras, marcando o limite da propriedade da família Baines. Dali, a terra se estendia deslizando por entre rochas irregulares, arbustos retorcidos e árvores compridas e finas que se inclinavam de forma estranha para conseguirem se segurar ao chão pedregoso. Ao longe, bem abaixo da propriedade, estava a pequena estação de trem de Stonehill, mas da casa da árvore só dava para ouvir o apito dos trens que corriam por entre o rio e a montanha.

Ao norte, Ivy conseguia ver um pedaço deformado de azul, como se

fosse uma fita de céu cortada, caída por cima das árvores, refletindo a luz do sol.

Perguntou, apontando naquela direção. – O que é aquilo, mago Andrew?

– A cobra selvagem – respondeu sem hesitar.

– Ela morde?

– Só se você passar pelo caminho dela. Daí ela vai te engolir e te cuspir no rio.

– Eca!

– Às vezes, à noite, ela sobe a montanha – disse Philip com uma expressão absolutamente séria.

– Não é possível!

– É verdade – insistiu. – E você tem de tomar muito cuidado para não deixá-la nervosa.

– Está certo. Vou ficar quietinha.

Ele balançou a cabeça com aprovação e avisou: – Você não pode deixá-la perceber que está com medo. Tem de prender a respiração.

– Prender a respiração? – perguntou, analisando as palavras de seu irmão.

– Ela vai perceber se você se mexer. Observa você quando ninguém mais está olhando. Dia e noite.

De onde ele tirava essas ideias?

– Se você estiver com medo, ela irá sentir pelo seu cheiro.

Será que estava mesmo com medo de alguma coisa, ou aquilo era mesmo uma brincadeira? Ela se perguntava. Philip sempre foi muito criativo, mas estava sentindo que a brincadeira estava extrapolando. Ivy queria que o amigo dele, Sammy, voltasse logo do acampamento de verão. Seu irmão tinha tudo o que queria, mas ficava muito isolado das outras crianças. Vivia muito em seu próprio mundo.

– A cobra não vai me pegar, Philip – disse, quase que incisivamente. – Não tenho medo dela. Não tenho medo de nada, pois estamos a salvo em nossa casa. Certo?

– Tudo bem, garotinha, fique aqui. E não deixe mais ninguém entrar. Vou até minha outra casa pegar umas roupas mágicas para você. Elas vão torná-la invisível.

Ivy esboçou um sorriso. Como iria brincar de ficar invisível? Em seguida, pegou uma vassoura velha e começou a varrer o chão.

Então, ouviu os gritos de Philip. Saiu correndo para vê-lo tentar manter o equilíbrio na beirada da passarela estreita, a 50 metros do chão. Largou a vassoura e correu atrás dele, mas sabia que não conseguiria pegá-lo a tempo.

Entretanto, na mesma hora, ele conseguiu se equilibrar, desceu a escada segurando-se em quatro apoios e olhou para trás por cima dos ombros. A expressão de êxtase em seus olhos fez Ivy parar. Já tinha visto aquele olhar no rosto dele antes: maravilhado, um brilho de prazer, a boca entreaberta em um sorriso tímido.

– O que aconteceu? Você tropeçou? – perguntou Ivy, indo lentamente na direção dele.

Ele balançou a cabeça negativamente, pegando uma tábua solta.

Ivy inclinou-se para analisar a tábua. A ponte tinha sido construída como se fosse uma passarela em miniatura, com duas tábuas finas e longas, presas entre as duas árvores e uma série de placas menores, posicionadas na frente delas. As placas pequenas estavam suspensas, cerca de poucos centímetros, sobre as tábuas. Essa placa especificamente estava presa de um lado só – Ivy mesmo teria conseguido arrancar o prego com as mãos, do outro lado havia o furo, mas não havia prego algum.

– Quando pisei aqui – apontou Philip – o outro lado levantou.

– Como se fosse uma gangorra. Ainda bem que você não perdeu o equilíbrio.

Philip concordou. – Ainda bem que meu anjo estava bem ali.

Ivy prendeu a respiração.

– Porque às vezes ele não está. Mas geralmente ele aparece quando você está por perto.

Ivy fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Ele já foi embora agora – concluiu Philip.

Que bom! Ivy pensou. – Philip, já falamos sobre isso antes.

Anjos não existem. Tudo o que você tem é um monte de estatuetas...

– As suas estatuetas – ele a interrompeu. – Só estou cuidando delas para você.

– Já te falei – disse, sentindo a garganta apertar e a cabeça começar a girar. – Já te falei que, se você quiser ficar com elas, não deve nunca mais falar sobre anjos perto de mim. Já não te disse isso?

Ele abaixou a cabeça e concordou.

Ivy suspirou e pegou o pedaço de madeira. – Agora, fique ao meu lado. Antes de você ir adiante, quero dar uma olhada em todas as tábuas.

– Mas Ivy! Eu vi meu anjo! Vi quando ele pegou a madeira e a abaixou para que eu não caísse. Eu o vi!

Ivy sentou-se sobre os joelhos. – Não me diga nada. Deixe-me adivinhar! Ele tinha asas e uma camisola, e tinha uma auréola de luz sobre a cabeça.

– Não, era apenas luz. Ele estava brilhando. Acho que ele tem uma espécie de forma, mas é sempre difícil de ver. É difícil ver o rosto dele. – Philip disse, com uma expressão de honestidade.

– Pare! Pare! Não quero mais ouvir falar sobre isso! Deixe para falar disso com Sammy quando ele voltar, está bem?

– Tudo bem – disse, formando uma linha reta com a boca ao subir a escada, passando direto por ela.

Ivy começou a examinar as tábuas enquanto ouvia seu irmão varrer a casa da árvore. De repente, parou de varrer. Ela olhou por cima dos ombros. A expressão de Philip era de felicidade novamente. Ainda estava segurando a vassoura, mas estava na ponta dos pés, se esticando. – Obrigado – disse por entre os dentes.

Capítulo 4

-Naquela noite, Ivy andava de cômodo em cômodo, sentindo-se agitada e irritada. Não queria telefonar para uma amiga, mas não encontrava nada para fazer em casa. Cada vez que ouvia o relógio bater na sala de jantar, não conseguia evitar que sua mente voltasse à noite em que Tristan havia morrido.

Quando Maggie e Andrew foram para cama, Ivy subiu para seu quarto para ler. Queria que Gregory estivesse em casa. Nas últimas semanas, tinham passado muito tempo juntos assistindo TV até bem tarde, sentados silenciosamente um ao lado do outro, comendo biscoitos e rindo de piadas tolas. Perguntava-se onde ele estaria naquele momento. Talvez tivesse ajudado Eric a arrumar tudo depois da festa para saírem juntos mais tarde. Ou talvez tivesse ido para a casa de Suzanne. Poderia ligar para Suzanne e dizer, mas Ivy parou antes que aquele pensamento continuasse. Em que estava pensando? Ligar para Suzanne no meio de um encontro?

Estou ficando muito dependente de Gregory, pensou.

Desceu as escadas na ponta dos pés e pegou uma lanterna na gaveta da cozinha. Talvez uma caminhada pudesse trazer seu sono de volta; talvez fizesse com que aquela sensação estranha parasse de formigar em sua mente.

Quando abriu a porta dos fundos, viu a BMW de Gregory estacionada na garagem. Ele devia ter trazido o carro de volta em algum momento e saído novamente.

Queria que ele estivesse lá para conversar com ela.

O caminho que levava à garagem seguia por uma curva sinuosa ao redor da montanha, devia ter por volta de 400 metros. Ivy caminhou até o fim dele. Depois da volta íngreme, seu corpo finalmente sentiu-se cansado, mas sua mente ainda estava acordada e tão agitada quanto o movimento das árvores. Era como se houvesse algo de que ela precisasse se lembrar, e não iria conseguir dormir até que o fizesse – mas não tinha ideia do que era.

Quando voltou para casa, o vento havia mudado e um forte aroma

úmido invadia a montanha. Relampejava a oeste, fazendo com que as nuvens parecessem uma continuação do alto das montanhas. Ivy desejava uma tempestade com raios e vento para liberar o que quer que estivesse enclausurado dentro dela.

Foi para a cama à 1h30 da manhã. A tempestade havia ido para o outro lado do rio, mas ainda havia relâmpagos a oeste. Talvez a próxima rajada de vento e chuva viesse para ficar.

Ainda estava acordada às 2 horas. Ouviu o longo apito do trem noturno ao cruzar a ponte, passando correndo pela pequena estação lá embaixo da montanha. – Me leve com você – sussurrou –, me leve com você.

Sua mente vagou atrás do som do apito solitário e Ivy sentiu-se divagando, embalada pelo murmúrio dos trovões nas montanhas ao longe.

Então, os trovões foram ficando cada vez mais fortes e mais próximos, assim como os relâmpagos.

O vento soprava forte, e as árvores, que antes se movimentavam lentamente de um lado para o outro, agora agitavam seus galhos ensopados pela chuva. Ivy deu uma olhada na tempestade.

Mal dava para ver alguma coisa, mas sabia que havia algo errado. Abriu a porta.

– Quem está aí? – gritou. – Quem está aí?

Foi lá para fora, lutando contra o vento, indo em direção à janela, ouvindo o som agudo dos relâmpagos à sua volta. A janela parecia ter ganhado vida por causa dos reflexos e das sombras. Mal dava para ver a silhueta do outro lado, mas sabia que havia algo ou alguém por lá, e era uma silhueta familiar.

– Quem está aí? – gritou novamente, aproximando-se cada vez mais da janela.

Sabia que isso já tinha acontecido antes, em algum momento, em algum lugar, talvez em um sonho, pensou. Uma sensação de pânico tomou conta dela.

Estava sonhando, presa nele, em seu velho pesadelo. Queria sair! Sair!

Sabia que o final seria terrível. Não conseguia se lembrar dele, apenas sabia que era terrível.

Então Ivy ouviu um choramingo. Ela se virou. O choro foi aumentando até ser engolido pela tempestade. O ronco de uma Harley vermelha se aproximou.

– Pare! Por favor, pare! – Ivy gritava. – Preciso de ajuda! Preciso sair desse sonho! O motoqueiro hesitou, mas depois acelerou, partindo em alta velocidade.

Ivy voltou-se para a janela. A imagem ainda estava lá. Estava acenando para ela? Quem ou o quê poderia ser? Ivy aproximou seu rosto da janela. De repente, o vidro explodiu.

Ela não parava de gritar enquanto via o cervo ensanguentado atravessando a janela.

– Ivy! Ivy! Acorde!

Gregory a sacudia. – Ivy, é só um sonho. Acorde! – ele ainda estava com roupa de sair e Philip estava em pé atrás dele, parecia um fantasma pálido de pijamas.

Ivy olhava para um e para o outro, e acabou se atirando nos braços de Gregory. Ele a abraçou.

– Era o cervo de novo? O cervo atravessando a janela? – perguntou Philip.

Ivy concordou com a cabeça e engoliu seco várias vezes.

Era bom sentir os fortes braços de Gregory ao seu redor. – Desculpe-me por tê-lo acordado, Philip.

– Está tudo bem.

Tentou fazer com que suas mãos parassem de tremer. Gregory já estava em casa, disse a si mesma, tudo vai ficar bem agora.

– Sinto muito por isso ficar se repetindo, Philip. Não queria assustar você.

– Não estou assustado.

Ivy olhou bem para o rosto de seu irmão e viu que realmente não estava assustado.

– Os anjos estão no meu quarto – explicou.

– Então, por que você não volta para eles? – Gregory disse a ele. Ivy sentiu os músculos do braço dele se contraindo. – Por que você não...

– Está tudo bem, Gregory. Deixe o Philip em paz – disse, de forma resignada. – Ele está fazendo o melhor que pode.

– Mas ele está dificultando as coisas para você – argumentou Gregory. – Não dá para entender? Tentei várias vezes...

Ele parou, e Ivy sabia que Gregory também tinha visto: o brilho nos olhos de Philip, a expressão de certeza em seu rosto. Por um momento, a determinação do garotinho era mais forte do que a dos dois juntos. Era impossível argumentar contra a crença dele. Ivy desejou ser tão inocente assim novamente.

Gregory suspirou e disse a Philip: – Posso tomar conta de Ivy. Por que você não dorme um pouco? Temos um grande dia amanhã, o jogo dos Yankees, lembra-se?

Philip olhou para Ivy e ela balançou a cabeça mostrando que estava de acordo.

Então, ele olhou por detrás de onde ela e Gregory estavam de um jeito que a fez instintivamente se virar para olhar. Não havia nada.

– Você vai ficar bem – disse com confiança e foi para a cama.

Ivy se aninhou em Gregory novamente. Ele envolveu seus braços ao redor dela, suas mãos eram macias e reconfortantes. Ele acariciou seu cabelo e ergueu o rosto dela em direção ao dele.

– Como você está? – perguntou.

– Acho que estou bem.

– Não consegue se livrar daquele sonho, não é?

Percebeu que estava preocupado pelo modo como parecia procurar pistas em seu rosto que expressassem os sentimentos dela.

– Era o mesmo sonho, mas diferente. Quer dizer, havia detalhes

diferentes.

A ruga de preocupação em sua testa ficou ainda mais profunda. – Que detalhes?

– Havia uma tempestade e várias imagens difusas na janela novamente, mas dessa vez percebi que o que via era uma tempestade. As árvores se agitavam e os relâmpagos refletiam no vidro da janela. E havia uma motocicleta – disse.

Era difícil explicar essa sensação de pesadelo que a motocicleta havia trazido, pois aquela parte do sonho era simples e comum. O motoqueiro não havia feito nada de ruim para ela. Tudo o que havia feito tinha sido se recusar a ajudá-la.

– Uma motocicleta vermelha veio em alta velocidade – continuou. – Chamei o motoqueiro, esperando que ele pudesse me ajudar. Ele diminuiu um pouco, mas depois continuou a viagem.

Ela encostou o rosto no peito dele e ele acariciava o rosto dela. – Acho que posso explicar isso. Eric acabou de me trazer para casa. Ele tem uma Harley vermelha – você já a viu antes. Deve ter ouvido o ronco dela enquanto dormia e acabou por incluí-la em seu sonho.

Ivy balançou a cabeça negativamente. – Acho que é mais que isso, Gregory.

Ele parou de acariciar o rosto de Ivy e ficou imóvel, como se estivesse esperando pelo que ela diria em seguida.

– Lembra-se como estava chovendo na noite em que sua mãe se ma... morreu?

– Se matou – disse, de forma clara.

Ela concordou. – E eu estava no bairro, fazendo uma entrega para a loja.

– Sim.

– Acho que isso faz parte do sonho. Tinha me esquecido completamente disso. Pensava que meu pesadelo só tivesse a ver com Tristan e o acidente e o cervo atravessando o vidro, batendo contra o para-brisa. Mas não é.

Parou de falar para tentar organizar as coisas em sua mente.

– Por alguma razão, acabei unindo os acontecimentos. Na noite em que sua mãe morreu, não conseguia encontrar a casa em que precisava fazer a entrega. Quando parei para olhar o nome da rua na placa, alguém em uma motocicleta vermelha passou por mim. Ele me viu acenando para ele e hesitou, depois passou apressadamente por mim.

Dava para sentir a respiração rápida e ritmada de Gregory. Ele a mantinha tão próxima de si que dava até para ouvir seu coração batendo rapidamente.

– Mais tarde achei que tivesse encontrado a casa, tinha resumido minhas opções a duas casas. Uma delas tinha uma janela bem grande, e alguém estava em pé do lado de dentro, mas não dava para ver quem era. Pensei que fosse a pessoa que estava esperando pela minha entrega. Daí, a porta da casa ao lado se abriu e era lá o lugar correto da entrega.

Era estranha a maneira como os detalhes voltavam a sua mente aos poucos.

– Você percebe, Gregory? Essa é a janela da qual estou sempre me aproximando no sonho, para tentar ver o que tem do outro lado. Não sei por quê.

– Você sabe se foi Eric quem você viu naquela noite? – perguntou.

Ivy deu de ombros. – Era uma motocicleta vermelha, e o motoqueiro tinha um capacete vermelho. Mas até aí, acho que um monte de gente tem. E se fosse o Eric, ele não teria parado para mim?

Gregory não respondeu.

– Talvez não. Quer dizer, ele é seu amigo, mas ele nunca gostou de mim – disse, rapidamente.

– Pelo que sei, Eric só gostou de verdade de uma pessoa na vida. Ele pode dificultar bastante as coisas para as pessoas que se aproximam dele.

Ivy olhou para cima, surpresa. Gregory via Eric com mais clareza do

que ela imaginava. Mesmo assim, sempre fora um amigo leal a ele, assim como era para ela agora.

Ela relaxou em seu peito novamente. Estava ficando mais sonolenta, mas relutava em sair do conforto dos braços dele.

– Não é estranho? Que eu tenha unido a morte da sua mãe e a de Tristan em um mesmo sonho? – refletiu.

– Na verdade, não é. Nós dois temos sofrido muito, Ivy, e estamos passando por isso juntos, ajudando um ao outro a superar o que aconteceu. A mim, parece-me bem natural que você conecte esses eventos em seu sonho – Gregory ergueu o rosto dela em direção ao seu novamente, olhando bem no fundo dos olhos dela. – Não é?

– Acho que sim.

– Você sente muito a falta dele, não é? Não consegue evitar ficar se lembrando dos fatos.

Ivy deixou a cabeça cair, depois sorriu para ele em meio às lágrimas. – Só tenho de continuar me lembrando de como tenho sorte por ter um amigo como você, alguém que entende de verdade.

– Isso é melhor do que qualquer filme estreando em Hollywood nesse verão – disse Lacey.

– Quem te chamou aqui? – perguntou Tristan.

Ele estava sentado ao lado da cama de Ivy, observando-a dormir. Não sabia há quanto tempo. Finalmente Gregory o deixara sozinho com ela. Finalmente Ivy parecia estar em paz.

Depois que Gregory saiu, Tristan tentou organizar as novas informações e manter-se consciente ao mesmo tempo. O vazio da escuridão não o havia dominado até o momento. Não o encontrava mais com a frequência de quando tinha acabado de se tornar anjo, mas sabia que não podia continuar sem parar para descansar. Mesmo assim, por mais cansado que estivesse, não tolerava perder esse momentos a sós com Ivy no silêncio da noite. Ficou chateado pela intromissão de Lacey.

– Fui enviada por Philip – disse a ele.

– Por Philip? Não entendi.

– Hoje, em Manhattan, encontrei essa estatueta muito maneira de um anjo da guarda, era um jogador de beisebol com asas – bateu os braços de forma dramática. – Trouxe de presente para ele.

Ele viu o meu brilho e apontou para cá. Acho que imaginou que sua irmã precisava de toda a ajuda possível.

– Há quanto tempo está aqui? – Tristan perguntou, pois não tinha notado a presença dela.

– Desde o momento em que Gregory acariciou o cabelo de Ivy e ergueu o rosto dela para que olhasse para ele – respondeu.

– Você viu aquilo?

– Pode acreditar, ele seria muito útil em Hollywood. Ele tem a postura adequada – disse Lacey.

O comentário de Lacey era ao mesmo tempo agradável e assustador para Tristan. Por outro lado, queria que Gregory estivesse apenas fazendo um joguinho romântico com Ivy; não queria que algo de verdade estivesse acontecendo entre eles. Contudo, temia que houvesse alguma razão obscura por trás do jogo.

– Então você ouviu tudo. Você estava aqui o tempo todo.

– Sim – disse Lacey, subindo no pé da cama. Seus olhos castanhos pareciam duas contas cintilantes, e as mechas púrpuras em seu cabelo pareciam pálidas plumas sob a luz do luar, indo em direção à cabeceira da cama, ao lado de Ivy.

– Não quis incomodá-lo. Você estava tão entretido. E achei que você queria um tempo para ficar sozinho com ela.

Tristan inclinou a cabeça. – Por que ficou tão compreensiva subitamente? Concluiu sua missão? Está se preparando para partir?

– Conclui? – ela quase engasgou ao ouvir a palavra. – Ah... não – disse, desviando o olhar dele. – Duvido que eu parta para o outro mundo tão breve.

– Ah, então o que houve em Nova York?

– Acho que não vou te contar nada. Provavelmente deve sair nos

jornais de amanhã, mesmo.

Tristan concordou. – Então, voltou para marcar uns pontinhos.

– Tire vantagem de mim enquanto pode – disse, encorajando-o.

Tristan sorriu.

– Ganho pontos por isso – disse, tocando os lábios dele com a ponta de uma de suas unhas compridas, mas o sorriso dele não durou muito tempo. – Você está mesmo preocupado.

– Você ouviu o sonho dela. Está bem óbvio. Há alguma relação entre a morte de Caroline e a minha.

– Me fale de Caroline. Como ela morreu?

– Com um tiro na cabeça.

– E é certeza que foi suicídio?

– Bem, a polícia só encontrou as impressões digitais dela, e seus dedos ainda estavam presos à arma. Ela não deixou nenhum bilhete, mas havia fotografias rasgadas do pai de Gregory e da mãe de Ivy.

Lacey pulou da cabeceira e começou a andar em círculos pelo quarto.

– Suponho que alguém possa ter armado para parecer que fosse um suicídio. E Ivy estava no bairro naquela noite. Ela pode ter visto alguma coisa. Lacey! E se ela viu algo que não devia...

– Já falei para você que participei da série Perry Mason? – interrompeu Lacey.

– ... e se ela nem percebeu que isso aconteceu? – exclamou Tristan.

– É claro que Raymond Burr já morreu também – continuou Lacey.

– Preciso verificar qual o endereço da mãe de Gregory e o endereço em que Ivy deveria fazer a entrega naquela noite.

– Assim que li sobre a morte dele, comecei a procurar por Raymond – disse Lacey.

– Ouça o que estou falando, Lacey.

– Tinha certeza de que ele receberia algum tipo de missão.

– Lacey, por favor – implorou.

– Achava que podíamos nos tornar parceiros.

– Lacey! – gritou.

– Quer dizer, Raymond seria um anjo incrível.

Tristan segurou a cabeça com as mãos. Precisava de tempo para pensar no que estava acontecendo e como poderia manter Ivy a salvo.

– Mas ele deve ter subido rapidamente – disse Lacey.

– Deve – murmurou Tristan, dava para sentir sua mente se apagando. Precisava descansar antes de entender o que estava acontecendo.

– Nem te conto o quanto fiquei decepcionada!

– Acabou de contar! – respondeu Tristan, obviamente cansado.

– Raymond disse que jamais se esqueceria do episódio que fizemos juntos.

Poderia haver várias razões para isso, pensou Tristan.

– Raymond sempre apreciou meu talento.

Ivy corria perigo, e ele não sabia como avisá-la ou contra quem ela deveria se precaver, e Lacey não parava de falar sobre um ator morto.

– O que estou querendo dizer é que é bem provável que possa te ajudar com esse assunto – disse Lacey.

Tristan olhou para ela. – Só porque você participou de um seriado em que o ator principal fingia ser um advogado que de alguma forma resolvia os crimes que aconteciam na televisão?

– Se você vai colocar dessa forma, não espere a minha ajuda!

Caminhou pelo quarto e parou como se estivesse atuando, olhando por cima dos ombros.

Tristan queria que ela não tivesse parado de andar. O quarto começava a ser invadido pela pálida luz da manhã, e os pássaros já estavam acordados, cantando de galho em galho. Queria ficar a sós com Ivy durante o pouco tempo que lhe restava. Virou-se para ela, desejando tocá-la.

– Não faria isso se fosse você.

– Você não sabe o que eu vou fazer.

– Ah, posso adivinhar – disse de costas para ele. – E você está cansado demais.

– Me deixe em paz, Lacey.

– Só achei que deveria avisá-lo.

– Me deixe em paz!

E foi o que ela fez.

Assim que ela saiu, ele estendeu a mão. Ivy dormia tranquilamente. Queria tanto tocá-la, sentir seu calor e a sua pele aveludada só mais uma vez. Juntando toda a sua força, Tristan se concentrou nas pontas dos dedos. Sabia que estava cansado, mas mesmo assim concentrou toda a energia que lhe restava.

As pontas de seus dedos pararam de brilhar e tinham se materializado.

Lentamente, e de forma gentil, deslizou os dedos pelo rosto dela, sentindo a suavidade, maravilhado por ela. Passou os dedos pela boca dela.

Se ele ao menos pudesse beijar seus lábios! Se pudesse abraçar Ivy, envolvê-la em seus braços...

Então começou a parar de senti-la.

Tentou tocá-la novamente, mas estava perdendo o toque.

– Não! – gritou. Parecia que estava morrendo novamente. A dor de perdê-la era tão intensa, tão insuportável, que quando o vazio da escuridão se aproximou, entregou-se a ele de boa vontade.

Capítulo 5

Bom dia, dorminhoco! – disse a garota sentada em um banquinho. Tristan pulou de susto ao ser despertado de sua meditação profunda. Tinha voltado da escuridão a cerca de 15 minutos e sua primeira ação foi procurar Ivy em seu trabalho na loja ‘TIS The Season. Estava há 15 minutos tentando ligar as peças do sonho entrecortado de Ivy para tentar entender seu significado, mas, em sua mente, só havia obscuridade e desorganização.

Lacey riu dele. – Sabe que dia é hoje?

– Ãh, segunda?

– Pénnnnnnn – fez sua imitação arrogante de campanhia de programa de televisão, depois fez um gesto para que sentasse ao lado dela.

Tristan sentou-se. – É segunda – insistiu. – Quando cheguei no shopping, olhei no jornal, como você me ensinou a fazer.

– Talvez devesse procurar olhar no jornal do dia. Hoje é terça e já são quase 13 horas. Logo será a hora do almoço de Ivy.

Olhou em direção à loja em que Ivy trabalhava. Ela estava ocupada, atendendo dois clientes, um senhor careca que experimentava uma capa de super-homem e uma vovozinha que segurava uma cesta cor-de-rosa e usava uma tiara de orelhas de coelho.

Sabia que a ‘TIS The Season vendia fantasias e acessórios para datas comemorativas, mas a maioria dos itens era de datas passadas.

Contudo, o fato de ter acabado de voltar da escuridão e ver os dois clientes vestindo fantasias estranhas juntamente com uma senhora enorme que segurava uma rosquinha e uma xícara de café, e que havia acabado de sentar bem em cima dele, deixavam a cena muito confusa.

Lacey deu um tapinha em seu braço. – Falei que você estava muito

cansado. Eu te avisei.

– Vá mais para lá – resmungou. Apesar de não sentir o peso da mulher, era meio estranho ver o enorme vestido listrado em cima dele.

Lacey foi um pouco mais para lá e disse: – Tenho uma coisa para te contar. Enquanto você estava na escuridão, fiz um monte de coisas.

– Já sei disso.

Tinha prestado atenção no jornal de segunda-feira por causa de um artigo de pessoas reunidas na Times Square para rezar diante de uma imagem da Barbra Streisand, projetada em um *outdoor* eletrônico, que subitamente se transformou em um anjo cor-de-rosa gorducho e saiu voando para todos os lados.

– Isso tem alguma coisa a ver com o congestionamento na rua 42? – perguntou.

Ela fez um sinal com a mão para mostrar a insignificância do acontecimento.

– Li alguma coisa sobre Barbra querer processar, e como os motoristas de táxi de Nova York...

– Barbra nunca devia ter dito que eu ronco igual a um porco.

Nem que eu poderia ter feito mais algumas lições de impostação de voz...

– Lacey, como você vai conseguir concluir sua missão?

– Minha missão? Hoje vim para ajudar você com a sua – disse, levantando-se do banco.

Tristan balançou a cabeça e foi atrás dela.

– Fui até o cemitério no domingo, visitar a mãe de Gregory – disse enquanto caminhavam com as pessoas no shopping. – Enquanto estava lá, uma pessoa apareceu. Um homem alto, magro, de cabelos pretos. Devia ter por volta de 40 anos e deixou flores para Caroline.

– Já o vi lá antes. Foi no dia em que estávamos na capela – lembrou-se de ter visto o homem de costas e o confundido com Gregory até ele virar de frente. Ainda conseguia se lembrar do rosto

angustiado dele.

– Qual o nome dele?

– Não sei.

Estavam se distanciando da ‘TIS The Season. Tristan olhou para trás, sentindo a falta de Ivy, mas Lacey continuou em frente.

– Temos de descobrir. Pode ser que ele nos ajude.

– Ajudar em quê?

– A descobrir o que aconteceu na noite da morte de Caroline.

Pararam ao lado da fonte para ver a cascata azul e rosa. Um dia, quando ninguém estava olhando, Tristan havia feito um pedido ali, tinha desejado que Ivy fosse sua.

– Verifiquei o endereço de Caroline na lista telefônica. Rua Willow, 528. A data da morte estava escrita no túmulo dela.

Vim aqui hoje de manhã para verificar os registros da loja referentes aquele dia – ela fez uma pausa e olhou para Tristan cheia de expectativa.

Como ele não disse nada, ela mesma concluiu. – Você é um anjo e tanto, Lacey! Ajudando-me dessa maneira.

– O que você descobriu? – perguntou, ignorando o comentário sarcástico.

– Um coisa é certa, aquela Lillian e a irmã dela não têm a mínima noção de como organizar um livro de registros. Mas, depois de cavar muito, encontrei o que queria: a entrega do dia 28 de maio para a Sra. Abromaitis na Rua Willow. Verifiquei na lista telefônica e adivinha o que achei? O endereço dela é Rua Willow, 530.

– Bem ao lado – sussurrou Tristan, com a mente latejando de medo. – Sabia! Sabia que Ivy tinha visto alguma coisa.

– Parece que sim – concordou Lacey, pegando uma moeda que uma senhora havia jogado na fonte e devolvendo a ela em seguida. A mulher ficou olhando para a moeda até que decidiu colocar a moeda azarada em um vaso de samambaias.

– Ivy viu alguma coisa na casa de Caroline, e não foi um suicídio.

– Não podemos pressupor isso – retrucou Lacey. – Caroline ainda pode ter se matado, e alguém pode ter ido até lá depois disso, para pegar ou esconder alguma coisa. Quer dizer, pode haver um monte de coisas que Ivy tenha visto...

– Que não deveria ter visto – Tristan terminou a frase de Lacey. – Tenho de conseguir fazer contato com ela, Lacey!

– Achei que fôssemos dar uma olhada na casa hoje.

– Tenho de avisá-la agora.

– Lembro-me de como fizemos uma busca em Perry Mason – disse, empurrando Tristan para a saída do shopping, mas ele estava decidido a voltar para a ‘TIS The Season e ele era mais forte. – Tristan, me ouça! Não há nada que você possa fazer para proteger Ivy. Você e eu não recebemos esse tipo de poder. O melhor que você pode fazer é combinar os seus poderes com os de outra pessoa para torná-la mais forte. Mas você, sozinho, não pode evitar que outra pessoa a machuque, se quiser.

Tristan ficou parado. Nunca havia temido pela própria vida como temia pela de Ivy agora.

– Enquanto ela estiver com outras pessoas, estará a salvo. Vamos olhar a casa e...

– Assim que ela entrar no carro, estará sozinha. Se decidir sair para caminhar ou se for à sala de música, estará correndo perigo.

– Há outras pessoas com ela em casa. Provavelmente, estará a salvo por lá. Então, vamos descobrir quem é a pessoa com quem ela deve tomar cuidado e, então...

Mas Lacey ficou falando sozinha. Beth e Suzanne haviam acabado de entrar no shopping. Ao vê-las, Tristan virou-se rapidamente e começou a caminhar com elas. Imaginou que se encontrariam com Ivy para almoçar. Dessa vez, conseguiria se comunicar.

Ivy estava em pé na frente da loja, e, por um momento, Tristan havia se esquecido de que aquele olhar acolhedor era só para as amigas.

Quando viu a expressão de Ivy, correu em direção a ela, apenas para perceber que ela estava olhando somente para Beth e Suzanne. Nunca iria melhorar. A dor de estar ao lado dela e, ao mesmo tempo, tão distante, nunca iria diminuir.

– Aproveitem a hora do almoço. O movimento está fraco, então façam algumas compras e não se esqueçam de ir àquela loja de presentes nova. Aposto que eles não têm a campainha de vento que brilha no escuro.

– Em formato de fada e duende, não – disse Beth. Sempre que entrava na loja, parecia ficar maravilhada. Suzanne teve de ir atrás dela para puxá-la para fora.

Tristan seguiu as garotas pelo shopping. Elas paravam em todas as vitrines e ele começou a ficar impaciente. Queria que Beth se sentasse logo e começasse a rascunhar em seu caderno. Pensou que elas nunca mais sairiam da loja Beautiful You, com todos aqueles frascos e tubos e potinhos coloridos.

– Acalme-se, Tristan – disse Lacey. – Ivy está segura por enquanto, a não ser que alguém resolva correr atrás dela com uma lixa de unha.

Assim que falou, foi a uma seção da loja, pois estava tão fascinada quanto as outras pelas centenas de cores – que por sinal pareciam ser somente variações de vermelho e rosa para ele. Tristan imaginava que se de fato, algum dia, conseguisse ir para o outro mundo, alguns mistérios sobre as garotas seriam revelados.

Suzanne, que tinha faixas de diferentes tons de batom por todo o braço, falava sobre um casamento na Filadélfia, ao qual teria de ir no final de semana.

– Queria que você viesse conosco, Ivy. Mostrei uma foto sua ao meu primo. Ele ficou definitivamente interessado e ele é perfeito para você.

Maravilha, pensou Tristan.

– Afinal, decidiu ir ao lago? – perguntou Beth, experimentando uma

touca de banho que mais parecia um cogumelo.

– Ao lago – disse Suzanne, surpresa. – Ela vai ficar em casa e você vai ficar com ela, Beth!

Beth franziu a testa. – Suzanne, você sabe que não posso faltar à reunião da minha família. Achei que ela fosse viajar com você.

Ivy desviou o olhar das duas amigas.

– Ivy!

– Que foi? – disse, procurando por presilhas e grampos em uma caixa, evitando olhar para elas.

– O que você vai fazer no final de semana?

– Ficar em casa.

Suzanne ergueu as sobrancelhas negras, perfeitamente delineadas. – Sua mãe vai deixar você ficar sozinha?

– Ela acha que você e Beth vão ficar comigo. E conto com vocês duas para me darem cobertura.

Lacey olhou para Tristan.

– Não sei qual é o problema. Gostaria de ficar sozinha em casa para variar. Terei tempo suficiente para praticar para o festival e Ella vai me fazer companhia.

– Mas Ella não pode te proteger – protestou Tristan.

– É que não gosto da ideia de vê-la mofando em casa o final de semana inteiro – disse Suzanne.

– A casa é grande demais, solitária demais – acrescentou Beth.

– Ouça suas amigas, Ivy – Tristan implorou.

– Já falei para vocês duas que não vou para o lago Juniper! Não posso!

– Isso tem a ver com Tristan, não tem? – perguntou Suzanne.

E tinha mesmo. Tristan se lembrou dos planos que haviam feito na noite em que ele morreu. Ivy tinha dito a ele que iria boiar sob a luz do sol na parte mais funda do lago Juniper. – Vou boiar à luz da lua também.

– À luz da lua! Você nadaria no escuro?

– Com você eu nadaria.

Lacey tocou no braço de Tristan. – Você tem de se comunicar com ela dessa vez.

Ele concordou.

Seguiram as garotas quando saíram da loja. Tristan estava tentado entrar na mente de Beth bem ali e levá-la a uma mesa em que pudesse pegar seu caderninho, mas não queria dar muitas instruções, pois ela poderia mostrar resistência.

Beth parou de súbito em frente à loja Electronic Wizard e Tristan seguiu seus olhos em direção a um mostruário de computadores lá dentro.

– Olhe para ela. Olhe para ela! – disse Suzanne, cutucando Ivy.

– Quem diria que Beth paqueraria alguns rapazes.

– É para o *laptop* que estou olhando – disse Beth.

Então Lacey posicionou-se atrás dela rapidamente. Tristan viu que as pontas de seus dedos tinham parado de brilhar. Deu-lhe um empurrãozinho de leve.

Beth tropeçou na porta e olhou surpresa para Suzanne e Ivy, que a seguiram para dentro da loja, com Tristan e Lacey bem atrás.

– Posso ajudá-la? – perguntou o vendedor.

– Ah, só estou olhando – respondeu Beth, corando. – Posso experimentar uma das máquinas de mostruário?

Ele fez um sinal com a mão em direção aos aparelhos e saiu andando.

– É a sua deixa, Tristan – disse Lacey.

Não demorou muito para Beth achar o programa de processamento de texto. Tristan teve dificuldade para entrar em sintonia com ela, para imaginar o que ela pensaria em seguida, pois essa era a forma que Lacey o havia ensinado a entrar na mente das outras pessoas.

Quando uma escritora olha para uma tela de computador em branco, o que ela vê? Uma tela de cinema pronta para ser iluminada com novos personagens? A imagem do céu noturno com apenas uma

estrelinha brilhando no alto? Um universo pronto para começar a ser descrito? Infinitas possibilidades. Infinitas reviravoltas amorosas – e todas as impossibilidades do amor.

Beth começou a digitar: “Impossibilidades. O que ela via quando olhava toda noite para a negritude solitária do céu? Possibilidades. Infinitas reviravoltas amorosas e, ah, amargo coração, todas as impossibilidades do amor.”

– Ufa! – pensou Tristan.

– Ufa! – Beth digitou e, na mesma hora, apertou os olhos, aproximando-se da tela.

– Fique com ela, Tristan. Mantenha o foco – disse Lacey.

Volte. Apague a palavra. Ah, coração amargo, Tristan ia dizendo o que Beth devia fazer.

– Ah, coração amargo, coração solitário – Beth digitou e, depois, fez uma pausa.

Os dois estavam sem ideias, mas Tristan logo viu uma maneira de continuar: Você não deve ficar em casa sozinha.

Beth digitou: – Você não deve ficar em casa sozinha.

Não é seguro ficar sozinha, pensou.

E ela digitou: – Não é seguro ficar sozinha.

Então, antes que ele pudesse enviar uma mensagem sobre qualquer outra coisa, ela escreveu: – Mas meu coração está a salvo com ele?

Não, Tristan pensou.

– Sim – Beth respondeu.

– Não!

– Sim!

– Não!

– Sim! – Beth franziu a testa.

Tristan suspirou. É claro, ela queria que o romance entrasse em ação para que a garota que olhava para o céu solitário não ficasse mais sozinha. Mas Tristan queria mandar um aviso. Se Ivy ficar

sozinha com a pessoa errada...

– Qual o problema? – perguntou Ivy.

– Estou com uma sensação estranha novamente.

É bem esquisito, como se alguém estivesse dentro da minha cabeça, dizendo coisas.

– Ah, esses escritores – reclamou Suzanne.

Ivy inclinou-se para olhar para a tela – Não! Sim! Não! Sim! – leu, depois deu um sorriso triste. – Isso se parece comigo quando encontrei Tristan pela primeira vez.

– É o Tristan – Beth digitou rapidamente.

Ivy parou de sorrir.

Tristan pressionou e Beth passou a digitar tão rápido quanto o pensamento dele. – Tome cuidado, Ivy. É perigoso, Ivy. Não fique sozinha. Eu te amo, Tristan.

Ivy endireitou o corpo. – Isso não tem graça, Beth! É ridículo e de mau gosto!

Beth olhava para a tela com a boca aberta, sem acreditar no que via.

Suzanne inclinou-se para ela. – Beth! Como você pôde? Ivy, espere!

Mas Ivy já estava a caminho da porta da rua. Suzanne correu atrás dela. Beth olhava para a tela e seu corpo inteiro tremia. Tristan saiu da mente de Beth, exausto.

– Gostaria de imprimir seu texto? – perguntou o vendedor, vindo na direção dela.

Beth balançou a cabeça lentamente e apertou a tecla necessária para apagar o texto. – Dessa vez não – disse com lágrimas nos olhos.

Todo esforço que Tristan havia feito para se comunicar com Ivy naquela semana havia dado errado.

E o que era pior, suas tentativas de avisá-la tinham feito com que se afastasse ainda mais dele e das pessoas que gostavam dela.

Estava evitando Beth, e Philip também, depois que o garotinho disse a ela que seu anjo da guarda tinha dito que ela não podia ficar

sozinha. Tristan poderia ter tentado novamente com Will, mas sabia que isso só faria com que Ivy erguesse uma barreira ainda maior.

Na quinta-feira à noite, ele foi para o cemitério Riverstone Rise, onde planejava descansar um pouco. Tinha esperanças de escapar do vazio da escuridão para que pudesse tomar conta de Ivy no final de semana. No caminho de seu próprio túmulo, Tristan decidiu passar pelo de Caroline para ver se novas rosas haviam sido colocadas lá. Concordava com Lacey, tinham de descobrir quem visitava Caroline e o que ele sabia sobre a morte dela.

Tristan andava com cuidado pelo cemitério como se ainda fosse de carne e osso, com medo de perturbar a paz dos mortos. Sob a luz da lua, as pedras brancas pareciam uma vista completa da cidade: os obeliscos pareciam arranha-céus, os mausoléus representavam as mansões, as pedras arredondadas e os blocos retangulares reluzentes simbolizavam os bairros das pessoas comuns. Entretanto, era uma cidade estranha, a cidade dos mortos; a minha cidade, pensou, fechando a cara. Nesse momento, reconheceu a lápide que sinalizava o jazigo da família Baines.

Era um jazigo bem cuidado, com estátuas ornamentadas, figuras que pareciam observar Tristan se aproximar do túmulo de Caroline por trás. Ao passar pela frente da lápide, foi pego de surpresa.

Sentado na grama do túmulo de Caroline, encostado na lápide como se estivesse deitado em uma cama, estava Eric. Seus braços e pernas estavam largados e a cabeça caída para o lado, o rosto achatado contra a lápide. A princípio, Tristan não conseguia perceber se Eric estava respirando. Quando chegou mais perto, viu que os pálidos olhos de Eric estavam abertos, as pupilas estavam tão dilatadas que ele parecia ter “cheirado todas”.

Respirava suavemente e estava resmungando algo, algo que só fazia sentido para uma mente consumida pelas drogas. Tristan imaginava se Eric era capaz de certas ações no estado em que estava. Será que conseguiria se levantar? Será que conseguiria

andar? Com a mente confusa desse jeito, será que faria algo que não tinha feito ainda? Tristan correu seus dedos materializados pela palma da mão de Eric, que estava virada para cima.

Eric agarrou os dedos de Tristan e, por um momento, ele ficou preso. Então, desmaterializou os dedos, deixando a mão livre novamente.

– Já faz tempo – disse Eric, flexionando a mão que havia agarrado Tristan. – Já faz muito tempo, Caroline, desculpe-me por isso. Tem muita coisa acontecendo, mais do que as pessoas sabem – riu e apontou como se ela estivesse na frente dele. – É claro que você sabe.

– Não sei – respondeu Tristan. – O que está acontecendo? Me conte.

Eric inclinou a cabeça e, por um momento, Tristan achou que ele tivesse ouvido a pergunta.

– É... provavelmente – disse Eric, como se respondendo a outra pergunta. – Mas, sabe, pode virar bagunça. E eu não gosto de... bagunça.

Bagunça? Tristan se perguntou. O que será que ele quis dizer com isso? Complicado? Sangrento?

Eric se ajeitou no túmulo, piscando os olhos, prestando atenção à voz que ouvia em sua cabeça. Seu cabelo à luz da lua parecia grisalho, seus olhos sombrios pareciam atravessar Tristan.

– Você quer dizer Ivy. O nome dela é Ivy – disse Eric, acenando com a mão magra e cheia de ossos para o ar, que atravessou Tristan diretamente, dando-lhe calafrios como se tivesse sido tocado por um esqueleto.

– O que posso fazer? – disse Eric. – Você sabe onde estou, Caroline. Não me pressione! Sai fora! – levantou-se em um salto e ficou lá, cambaleando.

Depois, começou a rir de forma gutural. – É, é. Este final de semana

todo mundo vai para o lago, menos a Ivy – Eric riu como se tivesse acabado de ouvir algo engraçado. – Isso não é uma coisa muito legal de se dizer!

O quê, naquela mente cheia de drogas, ele achou que Caroline estivesse dizendo?

– Ei! – Eric gritou. – Já disse para não me pressionar! – deu dois passos cambaleantes. – Sai fora, Caroline! Não quero mais ouvir você. Sai fora!

Eric começou a correr, pisando em cima dos túmulos, gritando em um estranho tom agudo: – Sai fora, Caroline! Sai fora!

Tristan ficou olhando enquanto ele desaparecia do cemitério. Tentou imaginar a outra metade da conversa de Eric. O que Eric achou que Caroline queria que ele fizesse?

Pensamentos aterrorizantes dominavam a mente de Tristan. Então, acalmou-se e, canalizando toda a sua energia, gritou: – Caroline, você está aí? Chamou três vezes, esperando que ela fosse responder. Mas sua intuição de anjo lhe dizia o que o silêncio comprovava: não havia nada além de um corpo gélido e as respostas apodreciam com ele.

Capítulo 6

Na sexta de manhã, Gregory entregou um papel contendo um número de telefone para Ivy. – Prometa para mim – disse.

Ela deu de ombros e concordou, acenando com a cabeça sem entusiasmo.

– O lago Juniper fica a uma hora e meia daqui, e, do jeito que dirijo, venho em uma hora – disse, forçando o riso. – Prometa, Ivy.

– Sei cuidar de mim mesma – disse, arrumando os alimentos na geladeira de isopor pela quarta vez. Maggie ia preparar as refeições para Andrew, Gregory, Philip e ela mesma durante o final de semana, mas tinha embalado quantidade suficiente para alimentar uma família de ursos.

– Sei que pode se cuidar sozinha – disse Gregory. – Mas você pode ficar com medo. Essa casa pode ficar bem assustadora quando se está sozinho – apontou para o papel. – Não faz mal se for no meio da noite – me ligue.

Ivy abaixou a cabeça um pouco, o que não significava que iria ou não ligar, depois começou a embalar vários pacotes de biscoitos e batatas *chips* que sua mãe havia deixado no balcão da cozinha. – Espero que esteja preparado para comer 24 horas por dia – comentou com Gregory.

Ele riu e abriu um dos pacotes que ela estava segurando para pegar dois biscoitos. Colocou um na boca dela e ela deu uma mordida.

– Já te falei, Ivy, não vou contar para ninguém que você vai ficar aqui sozinha, mas o combinado é que você me ligue uma vez por dia – disse, fazendo com que ela olhasse nos olhos dele.

– Combinado?

Ela concordou com a cabeça.

– Prometa – disse com o rosto bem próximo ao dela, colocando o dedo na alça da calça dela para trazê-la mais para perto.

– Prometa.

– Tá, tá, eu prometo – disse, rindo.

Ele a soltou. Por um momento, desejou que Gregory ficasse em casa com ela.

– Sei quais são os seus planos – provocou. – Assim que gente sair daqui, vai começar a ligar para a galera e vai dar a maior festa.

– É isso aí! – respondeu Ivy, colocando um pacote de guardanapos na cesta dos lanches. – Você descobriu tudo.

– Pensou em ligar para o Will? – ele ainda sorria, mas estava falando sério.

– Não – disse com firmeza.

– Por que você não gosta dele? Não é por causa daqueles anjos...

– Não, não é isso – disse ao verificar as embalagens de pratos e copos descartáveis. Eram artigos da 'TIS The Season, decorados com perus do dia de Ação de Graças e corações do Dia dos Namorados. – Eu gosto dele. Só não me sinto à vontade perto dele. Não sei bem explicar o porquê. Quando olho para ele, tem alguma coisa em seus olhos que...

Gregory deu uma gargalhada. – Amor? Ou são só os seus hormônios à flor da pele?

– Tá certo. Tá certo. Devem ser os hormônios.

– Acho que sim – respondeu, colocando as mãos nos ombros dela, não permitindo que ela se virasse. – Qualquer dia desses, você vai perceber que há rapazes que você nem suspeita estarem olhando para você... que têm alguma coisa nos olhos.

Ivy abaixou a cabeça, olhando fixo para seus pés.

Ele riu novamente, retirando as mãos. – Seja boazinha com o Will. Ele já passou por poucas e boas.

Antes que Ivy pudesse perguntar quais eram as poucas e boas, Maggie e Philip apareceram na cozinha. Philip estava usando o boné com o logo dos Yankees e a camiseta que Gregory havia comprado no jogo.

Aos poucos, Philip estava se aproximando de Gregory, e Gregory

parecia estar feliz com isso. O papo de Philip sobre anjos ainda o deixava irritado, mas provavelmente era porque sabia que isso irritava Ivy.

Philip deu um soquinho de leve no braço de Ivy. Já tinha percebido que seu irmão não a abraçava mais quando havia outras pessoas por perto. Maggie, que do pescoço para baixo estava vestida para passar o dia ao ar livre e, do pescoço para cima, pronta para uma sessão de fotos, deu um abraço apertado e um beijo em Ivy.

Gregory e Philip enrubesceram ao mesmo tempo. Ivy deu um sorriso amarelo para eles, mas não limpou a marca de batom vermelho de seu rosto.

– Essa é a minha garota! Já embalou tudo para nós. Juro que criei você para ser uma mãe melhor que eu – disse Maggie.

Ivy riu.

Gregory pegou a geladeira de isopor e os outros o seguiram com as sacolas e as mochilas, colocando tudo no carro de Maggie. Gregory iria no seu próprio carro e Andrew, que havia ficado preso em uma reunião de final de tarde, iria para o lago mais tarde.

O barulho de portas de carro batendo e o som da música alta eram intensos. Philip, que queria ir no carro de Gregory, estava escolhendo músicas. Finalmente, os dois carros partiram e Ivy ficou sozinha, curtindo o silêncio. A tarde estava agradável e tranquila. O único ruído era o das copas das árvores, chacoalhando suas folhas secas. Era um dos poucos momentos de verdadeira paz que havia sentido desde a morte de Tristan.

Foi para dentro da casa e pegou um livro, um que Beth dera a ela, portanto tinha certeza absoluta de que seria uma história de puro romance. Beth havia mandado o livro por Suzanne, junto com um bilhete de desculpas, pois estava com medo de encarar Ivy e também de telefonar para ela. Ivy havia ligado para Beth para dizer que não estava mais chateada com ela.

Contudo, ainda estava espantada. O que Beth fizera tinha sido tão

estranho – criar mensagens de computador supostamente enviadas por Tristan. Beth geralmente era tão sensível em relação aos sentimentos dos outros.

Até aí, ela também pensava que Will fosse sensível, e olha só o que ele tinha feito: colocado um par de asas em Tristan.

Apesar da dor dessa lembrança, Ivy até sorriu um pouco. O que Tristan teria pensado sobre o fato de Will tê-lo transformado em um anjo?

Leu por mais de uma hora e meia na casa da árvore, olhando por entre os galhos das árvores para a faixa brilhante do fluir do rio de vez em quando. Depois, prendeu o livro na calça jeans e desceu pela corda. Como estava com vontade de caminhar, Ivy circundou a frente da casa, indo em direção à entrada dos carros espiralada. Apertou o passo e manteve o ritmo na subida da montanha também, voltando ao topo toda suada, porém feliz.

Talvez fosse finalmente o momento de tentar tocar Liebestraum, pensou. Com toda essa tranquilidade ao seu redor, conseguiria se inspirar para tocar toda a canção de amor. Estava praticando diariamente para o festival, mas ainda não tinha conseguido chegar até o final da peça. Em um determinado momento, as lembranças a dominavam como uma maré mansa que a arrastava para longe da música. Talvez hoje conseguisse se ater à melodia.

Ivy pegou uma garrafa de refrigerante na cozinha e correu para seu quarto para tomar banho. Na metade do caminho, ela se perguntou se havia trancado a porta dos fundos. Não seja boba, disse a si mesma. Ninguém sobe a montanha. Queria aproveitar esses dias de paz e não ia deixar que as preocupações de Suzanne, Beth e Gregory a chateassem.

Quando subiu as escadas da sala de música, Ella passou na sua frente, sentando em cima do banquinho do piano.

Ivy sorriu. – Está praticando para o festival também?

Pensou no acorde triplo que Ella havia “tocado” uma semana antes,

depois tirou esse pensamento da mente, pois a música a faria pensar em Tristan.

Ivy começou a aquecer os dedos, depois tocou as melodias prediletas de Philip para, finalmente, começar Liebestraum. Estava satisfeita com sua atuação, dedilhando o teclado, totalmente envolvida pela cadência vibrante. Um pouco antes de retornar ao tema de abertura, no momento em que fez uma pausa para virar a página, ouviu um barulho.

Imediatamente pensou em vidro se quebrando. Seu corpo ficou todo arrepiado, mas lutou contra o medo. Lembrou a si mesma que esse som era o que ouvia em seus pesadelos. Se alguém quisesse mesmo entrar, bastava abrir a porta da frente. Não era barulho de vidro estilhaçado, disse a si mesma. Um galho de árvore podia ter caído em cima da casa, ou alguma coisa tinha sido derrubada lá embaixo.

Mesmo assim, Ivy estava preocupada. Olhou ao redor do quarto e viu que Ella não estava mais lá. Talvez a gata tivesse quebrado algo. O melhor a fazer era investigar para provar a si mesma que não era nada. Ivy foi até o topo da escada do sótão para ouvir melhor.

Achava que o barulho tinha vindo da ala oeste, perto do escritório de Andrew.

Talvez fosse Andrew que tivesse saído mais cedo da reunião e dado uma passadinha em casa para pegar alguma coisa.

Ivy desceu a escada que levava ao seu quarto na ponta dos pés e parou atrás da porta que dava para o corredor. Queria que Ella estivesse junto; a gata iria avisá-la levantando as orelhas ou torcendo a cauda.

De súbito, a casa parecia enorme, o dobro do tamanho, cheia de esconderijos e longe de qualquer pessoa que pudesse ouvir seu grito. Ivy deu um passo para trás e pegou o telefone do seu quarto, depois colocou-o no gancho novamente.

Controle-se, pensou. Você não pode trazer a polícia até aqui por nada.

– Andrew? – chamou. – Andrew, é você?

Não houve resposta.

– Ella, venha aqui. Onde você está, Ella?

O silêncio era ensurdecedor.

Ivy foi na ponta dos pés até o corredor e decidiu descer a escada central em vez de usar a mais estreita, que dava para a ala oeste. Havia um telefone na mesa do corredor de baixo. Se percebesse alguma coisa de diferente, ligaria na mesma hora.

No pé da escada, Ivy olhou rapidamente para os dois lados. Talvez, o melhor a fazer fosse sair correndo pela porta da frente, pensou.

E depois o quê? Deixar a pessoa levar o que quisesse? Ou, melhor ainda, deixá-lo encontrar um lugar para se esconder e esperar por ela?

Não deixe sua imaginação tomar conta de você, censurou-se.

Os cômodos da ala leste – a sala de estar, a biblioteca, a varanda – estavam fechados, ainda escuros contra a luz do sol. Ivy dirigiu-se para o outro lado, olhando de soslaio para a sala de jantar. Atravessou-a, ficando tensa cada vez que ouvia o piso de madeira estalar, e abriu a porta da cozinha. À sua frente estava a porta que tinha esquecido de trancar, ainda fechada. Depois de olhar rapidamente em dois armários, trancou a porta dos fundos.

Mas e quanto ao porão? Trancou a porta que ficava na cozinha. Mais tarde, daria uma olhada na porta de entrada, pensou, e foi para a sala de TV. Tudo estava no lugar.

Assim que entrou na galeria, Ella veio em sua direção.

– Ella! – Ivy respirou aliviada. – O que você aprontou?

Ella agitava a cauda para lá e para cá.

– Primeiro foi a cadeira dele – disse, apontando o dedo para a gata, apesar de estar aliviada por tê-la por perto. – O que foi agora? Um vaso Waterford*?

Entrou no cômodo e parou.

Uma vidraça estava quebrada e a porta ao lado estava entreaberta.

Ivy deu um passo para trás e pisou nele – O que...?

Antes que pudesse se virar, um saco foi enfiado em sua cabeça. Ivy gritou e lutou para se soltar, rasgando o saco com as mãos, arranhando como uma gata. Quanto mais gritava, mas forte ele apertava. Sentiu que estava sufocando.

Lutou para manter o controle ao mesmo tempo em que lutava com alguém muito mais forte que ela. Pense! Pense! Dizia a si mesma.

Seus pés ainda estavam livres. Mas sabia que se tentasse chutar e perdesse o equilíbrio, ele a dominaria por completo. Começou a usar o peso do seu corpo, balançando o corpo todo de um lado para o outro. Balançava cada vez mais forte. Ele perdeu a força e ela conseguiu se livrar.

Entretanto, ele a agarrou novamente. Começou a empurrá-la, devia estar querendo encurralá-la contra a parede ou uma quina, pensou. Não dava para ver nada dentro do saco escuro e ela não sabia mais onde estava. Mesmo que conseguisse se livrar dele, não sabia ao certo para onde correr.

O saco era tão áspero que, cada vez que tentava puxá-lo, o tecido queimava seu rosto. Queria erguer as mãos para arrancá-lo da cabeça a fim de que pudesse ver o rosto do agressor.

Ele não fazia ruído algum. Ele a segurava com apenas um dos braços agora. Então, percebeu algo sendo pressionado contra a sua cabeça. Era uma coisa dura e redonda – como o cano de uma arma.

Ela começou a chutar para todo lado, e gritar.

Então, ouviu um som de batida vindo de algum lugar da casa. Alguém batia e gritava. – Ivy! Ivy!

Ela tentou responder.

Foi empurrada para frente e não conseguiu evitar a queda. Bateu contra algo duro como uma pedra e caiu. Objetos de metal barulhentos caíram em cima dela e, então, tudo ficou escuro.

– Ivy! Ivy! – Tristan gritava.

– Ivy! Ivy! – gritava Will, batendo na porta da frente. Em seguida,

correu pelo lado de fora da casa, procurando por uma outra forma de entrar lá.

Viu o carro de Gregory estacionado na garagem. Parou – Tristan parou – em frente à janela quebrada e a porta que dava para o escritório de Andrew.

– Ivy, o que... quem fez isso? – Gregory dizia, abaixando para vê-la, retirando o saco delicadamente. – Você está bem? Calma. Está segura agora.

Acessórios da lareira estavam espalhados pelo chão. Ivy esfregou a cabeça e olhou para Gregory. Tristan tinha acabado de sair da mente de Will, mas conseguiu ver o medo e a desconfiança no rosto de Ivy, bem como a raiva no de Gregory.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Gregory de forma agressiva.

Will estava sem palavras, e mesmo que Tristan ainda estivesse em sua mente, não saberia dar uma resposta que deixasse Gregory e Ivy satisfeitos.

– Não sei. Só pensei... apenas sabia que tinha de vir para cá. Senti que havia algo errado e tinha de ver – explicou Will.

O rosto de Gregory parecia mais pálido que o normal quando a expressão de raiva começou a desaparecer. Parecia tão abatido quanto Ivy.

– Você está bem, Ivy? – perguntou Will.

Ela fez que sim com a cabeça e desviou o olhar, aninhando-se no peito de Gregory.

– Há algo que eu possa fazer?

– Não.

– Acho melhor chamar a polícia.

– É melhor mesmo – disse Gregory, em um tom frio e hostil.

Will falou calmamente ao telefone, mas Tristan sabia que seu parceiro estava tão abalado e desnorteado quanto ele. Tristan sabia bem pouco a mais que Will sobre como ele teve a sensação de que

Ivy corria perigo.

Ela precisa de você. Foi a mensagem que Tristan recebeu, apesar de não saber dizer se tinha ouvido ou simplesmente entendido. Mas, como sabia que alguma coisa aconteceria, e como Lacey havia dito que ele não poderia ajudá-la sozinho, que tinha de combinar seus poderes com os de alguém, decidiu ir correndo procurar Will e encorajá-lo a ir até a casa de Ivy para ajudá-la.

Tinha sido bem difícil. Tristan teve de aprender a canalizar sua energia e, aos poucos, Will foi se entregando às suas instruções. Tristan se perguntava se Will tinha noção de que havia subido a montanha a 120 quilômetros por hora, apesar da altura e das curvas. Será que Will se lembrava que a forma como havia corrido para os fundos da casa era muito maior do que um humano conseguiria?

Mas, mesmo assim, não tinha sido suficiente para pegar o agressor de Ivy, pensou Tristan. Até que soubesse quem fizera aquilo, não havia como saber quando ele atacaria novamente, ou como ele e Will poderiam protegê-la.

Will e ele. Ele e Will. Não havia como negar que Will se preocupava com Ivy, e que Tristan precisava dessa preocupação.

Tristan observou Gregory pegar Ivy e carregá-la até o sofá. Ella se escondeu embaixo da escrivaninha de Andrew e seus olhos brilhavam como se estivessem em chamas.

– Quem fez isso, Ella? Você foi a única que viu. Quem foi? – perguntou Tristan.

Will saiu de lá e voltou com uma bolsa de gelo.

Gregory segurou-a gentilmente na cabeça de Ivy. – Estou aqui. Tudo vai ficar bem – não parava de dizer, friccionando as costas dela, procurando acalmá-la.

Não demorou muito para que ouvissem o som de uma sirene. Um carro de polícia entrou na garagem, seguido por um outro carro que não era esperado. O de Andrew.

– O que aconteceu? – gritou Andrew, entrando apressadamente em

casa com os policiais. – Ivy, você está bem?

Ele viu a vidraça quebrada, depois olhou para Will e, finalmente, virou sua atenção para Gregory. – Por que você está aqui? Você deveria estar com Maggie e Philip.

– Por que você está aqui? – Gregory devolveu a pergunta.

Andrew olhou de relance para a polícia e apontou para a escrivaninha. – Deixei uns papéis aqui, uns relatórios do meu trabalho que queria levar para o lago.

– Vim porque Ivy ligou para mim – disse Gregory. – Falei para ela hoje cedo que era para me ligar se precisasse de qualquer coisa – disse, olhando para ela. Ivy olhou para ele com uma expressão confusa.

– Foi você quem me ligou, não foi? – perguntou.

– Não.

Gregory ficou surpreso, depois apertou bem as mãos dela e as soltou – Nossa! Você deve uma para alguém.

Ele se virou para os demais. – Quando chegamos no lago, tive de ir até a mercearia. Maggie tinha se lembrado de levar tudo para a viagem, menos papel higiênico.

– Quando voltei, um funcionário do acampamento disse que alguém tinha ligado três vezes, procurando por mim, mas não tinha deixado recado. Imaginei que tivesse sido Ivy. Tem sido muito difícil para ela ultimamente... vocês sabem disso – disse, recorrendo ao seu pai. – Não quis perder tempo. Vim direto para casa.

– Garota de sorte – comentou um dos policiais.

A polícia começou a fazer perguntas. Tristan andava lentamente pelo escritório, analisando os rostos e lendo o que a polícia escrevia.

Era ciúme que sentia toda vez que Gregory tocava em Ivy? Ou era algum tipo de intuição? Perguntava-se. Será que Ivy estava mesmo a salvo nos braços de Gregory?

Será que Gregory tinha contado para Eric que Ivy ficaria sozinha o final de semana todo? Se Eric fosse o responsável por isso, será que

Gregory daria cobertura a ele?

E por que Gregory questionara seu pai? Será que pensava que a desculpa de Andrew para ter retornado à casa era conveniente demais?

A polícia ficou um bom tempo por lá naquela tarde, fazendo muitas perguntas, mas Tristan sentia que estavam todas erradas.

* Vaso Waterford é um tipo de vaso de vidro famoso, vindo de uma cidade com o mesmo nome no sul da Irlanda. (N. da T.)

Capítulo 7

Quando Ivy atendeu a porta na terça-feira à tarde, sabia que Beth tinha lido o jornal local. Sua amiga entrou apressada, dizendo um tímido “como vai” e dando um abraço tão apertado em Ivy que quase lhe tirou o fôlego, depois recuou, enrubescendo.

– Estou bem. Está tudo bem.

– Está mesmo? – Beth tinha a expressão de uma mãe “coruja”, preocupada, com os olhos arregalados e os cabelos tingidos caindo para fora do nó, parecendo penas macias. Não parava de olhar para o machucado no rosto de Ivy.

– É o mais novo lance desde que inventaram as tatuagens – disse Ivy, rindo e tocando o rosto de leve.

– Seu rosto parece uma... violeta.

Ivy riu. – Roxo e amarelo. Estarei linda no festival. Você tem alguma coisa que combine com isso?

Beth tentou rir, mas acabou mordendo os lábios.

– Venha comigo – disse Ivy, levando-a para a cozinha. – Vamos tomar alguma coisa. Temos de ficar por aqui. Vou ser interrogada pela terceira vez.

– Pela imprensa?

– Pela polícia.

– A polícia! Ivy, você falou para eles... – Beth hesitou.

– Falar o quê?

– Das mensagens no computador – concluiu em voz baixa.

– Não! – Ivy indicou um banquinho para Beth se sentar. – Por que eu deveria? Não passou de uma estranha coincidência. Você só estava brincando e...

O olhar de Beth a fez parar. – Eu não estava brincando.

Ivy deu de ombros, depois ficou contando grãos de café. Desde sexta-feira, estava agindo como se nada importante tivesse acontecido, como se já tivesse superado o medo. Sentiu-se mal por ter atrapalhado o final de semana de todo mundo e tentou fazer com

que não se sentissem extremamente preocupados com ela. Mas a verdade era que estava feliz por ter sua família ao seu lado em casa. Estava começando a entrar em pânico.

Philip estava convencido de que um anjo havia enviado Gregory – o mesmo anjo que o ajudara a não cair da casa da árvore. Recentemente, havia encontrado uma estatueta de um anjo jogador de beisebol e dizia ter sido entregue a ele por uma amiga brilhante do seu próprio anjo da guarda.

Ivy sabia que seu irmão falava assim por estar com medo. Talvez, pensou, por ter perdido Tristan, Philip estivesse com medo de perdê-la também. Talvez fosse por isso que a tivesse avisado tantas vezes sobre o trem que subiria a montanha para pegá-la.

Como poderia culpá-lo? Houve o acidente e, na sexta-feira, ela escapou por um triz.

A própria Ivy estava imaginando perigo em qualquer lugar para onde olhasse, e se havia uma coisa que não precisava nesse momento era do olhar de Beth dizendo ter visto algo assustador vindo do além.

– Beth, você é minha amiga e está preocupada por eu ter ficado sozinha, assim como Suzanne e Gregory estavam preocupados. A diferença é que você é escritora e... e tem uma imaginação muito ativa – acrescentou, sorrindo. – É natural que sua preocupação esteja atrelada a uma história.

Beth não parecia convencida.

– De qualquer forma, não é culpa sua. Mesmo que você fosse médium, os médiuns só ficam sabendo das coisas, não as fazem acontecer.

A campainha tocou e Ivy foi correndo secar as mãos. – Então, não há motivo para contar para a polícia.

– Contar o que para a polícia? – perguntou Gregory, entrando na cozinha.

Acordara mais cedo que o costumeiro, vestido para passar o dia em Nova York com Suzanne.

– Conte para o Gregory, Beth, se isso fizer com que se sinta melhor – aconselhou Ivy e foi atender a porta.

Um homem de cabeleira ruiva, mascando uma bala de menta, estava parado em frente à porta, como se estivesse esperando há horas. Ele se identificou como Tenente Donnelly e perguntou se poderia conversar com Ivy no escritório em que o ataque ocorrera.

– Vou ver – respondeu Ivy. – Meu padrasto não foi para a faculdade hoje e se ele estiver trabalhando...

– Ele está? Que bom! – disse o detetive rispidamente. – Ele também está na minha lista.

Um pouco depois, estavam no escritório, seguidos por Gregory. O detetive tinha perguntas para todos eles, mas a maioria dos fatos relatados referia-se ao que havia ocorrido antes.

Quando terminaram, o tenente disse: – Nossa razão para interrogá-los novamente é porque houve um incidente similar na noite passada em Ridgefield. O mesmo estilo de arrombamento. A vítima era uma adolescente e um saco foi enfiado em sua cabeça. Se nosso amigo está iniciando uma onda de ataques, queremos encontrar o maior número de semelhanças possível. Assim, podemos estabelecer um padrão, antecipar o ataque, e pegarmos o cara.

– Então vocês concluíram que o ataque a Ivy foi aleatório e o agressor não a conhecia? – disse Andrew.

– Não concluímos nada – respondeu o detetive, inclinando-se, erguendo suas sobrancelhas grossas e ruivas. – E estou interessado nas teorias de outras pessoas.

– Não tenho nenhuma teoria – respondeu Andrew de forma ríspida. – Só quero saber se ela está segura.

– Há alguma razão para o senhor achar que ela não esteja? Há alguém que conheça que poderia querer machucar um membro da sua família?

– Não – respondeu Andrew e, virando-se para Gregory, perguntou: – Não que me lembre agora – disse lentamente. – Você conhece

alguém Gregory?

Gregory deixou a pergunta pairando no ar um pouco e disse: – Não.

Andrew virou-se para o detetive e disse: – Só queremos saber se você pressupõe que Ivy esteja segura.

– Claro, entendi, senhor. E é claro que o senhor entende que não posso garantir que ela esteja – respondeu Donnelly, entregando seu cartão para Ivy. – Se você se lembrar de mais alguma coisa, ligue para mim.

– Quanto à garota em Ridgefield – disse Ivy, segurando a manga da camisa do detetive. – Ela está bem?

O homem formou uma linha reta com a boca e balançou a cabeça duas vezes. – Morreu – disse, em voz baixa, depois abriu a porta ao lado da vidraça recém-consertada e disse: – Encontro a saída sozinho.

Assim que saiu, Ivy correu da sala para que os outros não vissem suas lágrimas. Gregory a pegou no meio do caminho. Ela se afastou dele, jogando-se na escada. Ele a puxou para perto de si.

– Ivy. Fale comigo. O que foi?

– Poderia ter sido eu! Se você não tivesse aparecido naquele exato momento, se você não o tivesse espantado – as lágrimas rolavam em seu rosto.

– Não aconteceu – disse gentilmente, mas com firmeza, fazendo com que ela se sentasse na escada.

Não saia daqui agora, Ivy implorou em silêncio. Não saia com Suzanne hoje. Preciso de você mais do que ela.

Na mesma hora, sentiu-se culpada por seus pensamentos.

Gregory enxugou suas lágrimas.

– Desculpe – disse Ivy.

– Desculpe pelo quê?

– Por agir de forma tão... tão...

– Humana?

Ela recostou-se nele.

Ele tirou os cabelos dela do rosto e deixou seus dedos acariciando-o.

– Meu pai estava certo, sabe. Pelo menos uma vez o velho Andrew acertou. Sinto pela família da outra garota, mas estou bem aliviado. Agora sabemos que a pessoa não estava atrás de você – afastou a cabeça para olhar melhor para ela. – E isso livra a barra de Will – brincou.

Ivy não riu.

– A menos que Will tenha uma carreira que não conhecemos. Ele sabe ser terrivelmente quieto e misterioso...

Mesmo assim, Ivy não sorriu. Tentava respirar da forma mais ritmada possível, tentando controlar o soluço. – É melhor você ir, Gregory. Já viu que horas são? Suzanne não gosta de atrasos.

– Eu sei – disse, afastando-se de Ivy, analisando-a.

Será que olhava para Suzanne daquela forma, tão intencional, como se estivesse tentando adivinhar seus pensamentos? Será que olha nos olhos dela do jeito que olha nos meus?

Uma nova onda de culpa tomou conta dela e seu rosto deve tê-la denunciado.

– O que foi? No que você está pensando? – ele indagou.

– Em nada. É melhor ir.

Ele continuou a olhar para ela com uma expressão de indecisão.

– Quando sair, você diz a Beth que já vou descer?

Ele deu de ombros e respondeu. – Claro.

Ivy subiu correndo. Estava feliz por passar a maior parte do dia com Beth. Se Ivy dissesse a ela que não queria falar sobre determinado assunto, Beth a atenderia prontamente. Infelizmente, já tinha combinado de sair com Suzanne para jantar naquela noite, depois que Gregory e ela voltassem de Nova York. Ivy não estava ansiosa para ouvir todos os detalhes do resgate heroico de Gregory e todos os “ele disse, eu disse” referentes ao encontro de Suzanne.

Ivy havia acabado de passar em frente ao quarto de Gregory

quando o telefone dele tocou. Pensou se deveria atender ou deixar a secretária eletrônica pegar o recado.

Deve ser a Suzanne, pensou, ligando para saber onde ele está. Parou para ouvir, se fosse a sua amiga, pegaria o telefone para dizer a ela que Gregory estava a caminho.

O bipe da secretária soou. Houve um momento de silêncio e, então, uma voz disse: – Sou eu. Preciso da grana, Gregory. E não quero ter de falar para o seu velho. E você sabe o que vai acontecer se eu não conseguir a grana. Preciso da grana agora, Gregory.

A pessoa desligou sem se identificar, mas Ivy reconheceu a voz. Era Eric.

Ivy batia os dedos na cadeira de vime, olhando para o lago atrás da casa da família Goldstein, verificando a hora em seu relógio mais uma vez.

Obviamente, Suzanne tinha se esquecido dos planos. Ficaram de se encontrar às 18h30 e eram 19h25.

Ivy estava irritada por ter esperado tanto, especialmente porque nem queria ver Suzanne naquela noite. Mas pensava que, sendo sua leal melhor amiga, era melhor ficar.

– Sempre sua melhor amiga – murmurou. Em casa tinha uma caixa enorme com cartas, recadinhos que Suzanne começou a escrever no 5º ano, sempre que ficava entediada. Todas as cartas terminavam com “sempre sua melhor amiga”.

Sempre. Mas a verdade era que, com Gregory por perto, as coisas estavam diferentes entre elas. E Suzanne se sentia tão culpada quanto ela. Ivy levantou-se da cadeira abruptamente e começou a descer a escada.

Do outro lado da casa, ouviu o ronco do motor de um carro entrando na garagem. Uma porta bateu. Gregory e Suzanne vinham andando em direção à casa, de braços dados. Suzanne recostava a cabeça no ombro dele. Ivy desejou ter ido embora mais cedo, bem mais cedo.

Gregory a viu primeiro e parou de andar. Então Suzanne olhou para

cima. – Oi, Ivy! – disse, surpresa. Em seguida, levou a mão à cabeça. – Ah, não! Me esqueci completamente! Sinto muito. Espero que não tenha esperado muito.

Desde às 18h30, e você sabe disso, e estou morrendo de fome, era o que Ivy queria dizer, mas não disse. Mas também não queria jogar o jogo de Suzanne, tranquilizando-a de alguma forma, dizendo “Não, não. Acabei de chegar”.

Era isso que ela queria que dissesse, não era? Ivy só olhou para a amiga e deixou-a descobrir sozinha.

Talvez Gregory tenha percebido a tensão entre elas, pois rapidamente começou a falar: – Decidimos na última hora comer uma pizza no Celentano’s. Sinto muito por não sabermos que você estava aqui. Teria sido ótimo se você tivesse vindo conosco.

Como recompensa, recebeu duas caras feias: a de Suzanne, por ele ter dito que o jantar teria sido ótimo com a companhia de Ivy, e a de Ivy, por ele ter sugerido que ela gostaria de fazer parte do encontro deles. Será que ele nunca ouvira a máxima “três é demais”?

Gregory se soltou de Suzanne e foi voltando para o carro. Colocou uma das mãos no bolso e a outra na porta, que já estava aberta, tentando parecer casual.

– Dá para perceber que vocês vão ter uma conversinha e lavar a roupa suja. Talvez seja melhor eu ir antes de começar a me interessar pela novela.

Você é a novela, Ivy pensou.

– É melhor mesmo – respondeu Suzanne. – A maioria dos rapazes não passa de amador quando se trata de ter uma conversa.

Gregory riu, não tão à vontade quanto fingiu estar, depois acenou para elas com as chaves do carro na mão e foi embora.

– Estou exausta – disse Suzanne, jogando-se nos degraus da escada da frente ao mesmo tempo em que puxava Ivy para perto dela. – Manhattan no verão, vou te contar uma coisa, tem todo tipo de louco. Você tinha de ter visto as pessoas na Times Square,

esperando ver novamente o...

Ela parou de falar, mas Ivy sabia o que iria dizer. Já tinha lido sobre a versão angelical da Barbra Streisand.

Suzanne aproximou-se mais de Ivy e segurou seu rosto de uma forma muito delicada. – Será que o pessoal do pronto-atendimento não está cansado de ver você por lá?

Ivy deu uma risadinha.

– Como você está se sentindo? – perguntou Suzanne.

– Estou bem... de verdade – acrescentou ao ver a dúvida no olhar de Suzanne.

– Você também está tendo sonhos sobre isso?

– Até agora não – disse Ivy.

– Você é forte – disse Suzanne, balançando a cabeça. – E aposto que está morrendo de fome e está pronta para me matar.

– Com muita fome e quase pronta – Ivy respondeu enquanto Suzanne levantava-se da escada, procurando pelas chaves em sua bolsa. O cachorro da raça pomerânia de Suzanne, Peppermint, veio cumprimentá-las, latindo de alegria, imaginando que fosse hora do jantar. Foram direto para a cozinha.

Enquanto Suzanne dava o jantar de Peppermint, Ivy explorava a geladeira da família Goldstein, que estava sempre muito bem abastecida. Escolheu uma enorme tigela de sopa caseira. Suzanne colocou uma bandeja de *brownies* e bolinhos de limão com cobertura em cima da mesa. Pegou um *brownie* e começou a balançar a cadeira para frente e para trás. – Já o conquistei, Ivy – disse. – Gregory foi definitivamente fisgado. Agora, tudo o que tenho de fazer é puxar a linha para trazê-lo mais para perto.

– Achei que fosse puxar a linha semana passada, ou talvez na retrasada – Ivy refrescou a memória dela.

– É por isso que preciso da sua ajuda – completou Suzanne rapidamente. – Nunca tenho certeza de nada com Gregory. Tenho de saber, Ivy: ele saiu com outras garotas este final de semana? Quer

dizer, eu estava fora e ele teve de voltar para casa por sua causa. Fico imaginando se ele não resolveu pegar a agenda para relembrar encontros antigos e...

Ivy remexia a sopa com a colher à procura de macarrão. – Não sei – foi a sua resposta.

– Como você pode não saber? Você mora com ele!

– Ele estava em casa no sábado de manhã. À tarde, jogamos tênis e fizemos compras. À noite, ele foi ao cinema comigo e com Philip. Ele saiu um pouco no domingo à tarde, mas passou o resto do dia com Philip e comigo.

– E com você. Ser minha melhor amiga e meia-irmã de Gregory é uma boa coisa – disse Suzanne. – Senão eu estaria morrendo de ciúme e cheia de suspeita. Vocês têm sorte, não é mesmo?

– Pois é – respondeu Ivy, sem entusiasmo.

– E na segunda? Ele saiu?

– Um pouco de manhã e ontem à noite. Suzanne, não acho certo ficar passando o relatório dele para você.

– Ué? De que lado você está?

Ivy quebrou uma bolacha em sua sopa. – Não sabia que havia lados.

– Você se sente mais leal a quem, a mim ou a Gregory? – insistiu Suzanne. – Sabe, no começo eu achava que você não gostava muito dele.

Na verdade, achava que você não o suportava, mas não dizia nada para não me magoar.

Ivy concordou com a cabeça. – Eu não o conhecia tão bem. Mas conheço agora, e como você gosta dele e eu gosto de você, e já que você está atrás dele...

– Eu já o fisguei, Ivy.

– Já que você o fisgou agora e a mim há muito anos, como pode haver lados?

– Não seja tão ingênua. Sempre há lados no amor – disse, cortando

o *brownie* em vários pedaços. – O amor é guerra.

– Não faça isso, Suzanne.

Ela parou de cortar e perguntou: – Não faça o quê?

– Não faça o que está fazendo com ele.

Suzanne sentou-se na cadeira novamente. – Do que é que você está falando? – a frieza em seu tom de voz era bem perceptível.

– Estou falando para você não fazer joguinhos com ele. Não o intimide como fez com outros rapazes. Ele merece tratamento melhor, muito melhor.

Suzanne ficou em silêncio por um momento. – Sabe do que você precisa, Ivy? De um namorado só seu.

Ivy ficou olhando fixamente para sua sopa.

– E Gregory concorda comigo.

Ivy levantou o olhar rapidamente.

– Ele acha que Will é perfeito para você.

– Tristan era perfeito para mim.

– Era – disse Suzanne. – Era. A vida continua e você tem de continuar com a sua.

– É o que vou fazer, assim que estiver pronta – Ivy respondeu.

– Você tem de esquecer o passado – Suzanne pegou na mão de Ivy. – Você tem de parar de bancar a garotinha indefesa que não solta da mão do irmão mais velho, no caso, Gregory.

Ivy desviou o olhar.

– Você tem de começar a sair e prestar atenção em outros rapazes. Will já é um começo.

– Cai fora, Suzanne.

– Gregory e eu podemos arranjar tudo para você.

– Já disse, cai fora!

– Tá bom!

Suzanne partiu uma minifatia de , depois apontou a faca para Ivy. – Mas caia fora você também, e não venha me dizer o que fazer. Estou te avisando, não se intrometa entre mim e Gregory.

O que ela quis dizer com intrometer? Ivy se perguntava. Não dar nenhum conselho a ela ou soltar da mão de Gregory?

As duas ficaram olhando para seus pratos em silêncio. Peppermint sentou-se no meio delas, olhando de um lado para o outro. Então, de alguma forma, depois de um silêncio que parecia interminável, encontraram um assunto neutro para conversar: o casamento a que Suzanne tinha ido. Mas, conforme Suzanne ia falando e Ivy concordando, tudo o que Ivy conseguia pensar era que, de uma forma ou de outra, acabaria perdendo alguém que amava.

Capítulo 8

Só mais uns minutinhos, Philip – disse Ivy. – Queremos ver o restante dos quadros.

– Acho que vou procurar o Gregory.

Ivy foi correndo atrás dele e trouxe o irmão de volta, puxando pela camiseta. – Hoje não. Você vai ficar comigo e com Beth.

Nos últimos quatro dias, Ivy tinha passado o mínimo de tempo possível com Gregory, encontrando-o apenas casualmente nas horas das refeições e, às vezes, no corredor. Sempre que seus caminhos se cruzavam, tomava cuidado suficiente para não prolongar a conversa. Quando ele procurava por ela – e quanto mais ela o evitava, mais ele a procurava –, dizia que estava indo à sala de música para praticar.

Gregory não entendia nada e parecia um pouco bravo com a distância que ela estava colocando entre eles. Mas o que mais ela podia fazer? Eles tinham ficado próximos demais. Mesmo sem querer, Ivy ficara muito dependente dele. Se não recuasse agora, acabaria perdendo a amizade de Suzanne.

Suzanne e Beth tinham ido se encontrar com Ivy, Gregory e Philip na cidade, naquela tarde, no final da rua principal, onde acontecia o festival. Suzanne, imediatamente, se agarrou a Gregory, enfiando a mão no bolso de trás da calça dele e caminhando, distanciando-se rapidamente de Ivy e Philip.

Ivy reagiu indo com Philip para a direção contrária. Beth ficou na esquina, em pé, sozinha.

– Venha conosco! – convidou Ivy. – Vamos ver um pouco de arte.

A mostra acontecia em uma travessa estreita, cheia de lojas antigas, no final da rua principal. Uma variedade de pessoas – mulheres empurrando carrinhos de bebê, senhoras com chapéus de palha, crianças com os rostos pintados, e dois homens vestidos de palhaços

– caminhava pela rua, admirando os quadros, tentando adivinhar quem eram os artistas, mas os nomes estavam camuflados para o julgamento que aconteceria no dia seguinte.

Ivy, Beth e Philip estavam quase no final da exposição quando Philip começou a “inventar moda” de querer procurar Gregory. Ivy então apontou para uma pintura estranha, tentando chamar a atenção dele. – O que você acha que é? – perguntou.

– Coisas – leu o título fazendo cara feia.

– Para mim, parece um monte de batons enfileirados – disse Beth. – Ou árvores caindo, ou velas de Natal, ou frascos de molho de tomate, ou ainda mísseis no pôr do sol...

Philip aumentou a careta. – Para mim, parece ridículo – disse em voz alta.

– Psiu! Philip, fale baixo. É bem possível que o artista esteja bem atrás de nós – avisou Ivy.

Philip virou-se para trás para olhar. De repente, a cara feia havia desaparecido e seu rosto se iluminou. – Não – disse – mas tem um an... – hesitou.

– O quê? – perguntou Beth.

Ivy olhou para trás rapidamente. Não havia ninguém lá.

Philip deu de ombros e disse: – Deixa pra lá – suspirou.

Foram até o último quadro inscrito, um painel com quatro aquarelas.

– Uau! – disse Beth. – Isso é fabuloso! Número 33, quem quer que seja você, é o meu campeão.

– O meu também – concordou Ivy. As cores eram quase transparentes e possuíam uma luz própria.

Ivy apontou para o que tinha um jardim. – Queria poder sentar ali por horas a fio. Faz com que eu me sinta tão em paz.

– Gosto da cobra – comentou Philip.

Só um garotinho teria encontrado aquela cobra tão escondida na pintura, pensou Ivy.

– Quero falar com a mulher do último quadro – disse Beth.

A mulher estava sentada embaixo de uma árvore com o rosto virado para o lado oposto do pintor. Flores caíam de seu corpo, reluzentes flores de maçã, mas faziam com que Ivy se lembrasse da neve. Olhou para o título: “Cedo demais”.

– Há uma história por trás desse aí – disse Beth suavemente.

Ivy concordou. Conhecia a história, ou uma parecida, sobre perder alguém antes que se tivesse a chance de...

Por um momento, seus olhos arderam. Então ela piscou e disse: – Bem, já vimos tudo no show. Vamos gastar!

– Sim! – gritou Philip. – Onde ficam as montanhas-russas?

– Não há montanhas-russas, não é um festival desse tipo.

Philip parou de andar. – Sem montanhas-russas? – não conseguia acreditar. – Sem montanhas-russas!

– Acho que vamos ter uma longa tarde! – Ivy falou para Beth.

– É só enchê-lo de comida o tempo todo.

– Quero ir para casa.

– Vamos voltar para a rua principal e ver o que todo mundo está vendendo – sugeriu Ivy.

– Isso é chato – seu irmão estava começando a fazer aquele olhar que significava encrenca. – Vou procurar o Gregory.

– Não! – falou de forma tão incisiva que Beth olhou fixo para ela.

– Ele está em um encontro, Philip – Ivy o lembrou, falando baixinho. – E não podemos incomodá-lo.

Philip começou a arrastar os pés como se tivesse caminhado muitos quilômetros. Beth também andava devagar, examinando Ivy.

– É, só que não é justo com o Gregory – disse para Beth, como se ela tivesse pedido uma explicação. – Ele não está acostumado a ter um menino de 9 anos grudado nele o tempo todo.

– Ah – a forma como Beth desviou o olhar mostrou a Ivy que sua amiga sabia que não estava falando a verdade.

– E é claro que Suzanne está menos acostumada ainda.

– Acho que não – respondeu Beth delicadamente.

– Isso é chato, chato, chato. Quero ir para casa – reclamou Philip.

– Então ande! – disse Ivy, repreendendo-o.

Beth deu uma olhada ao redor. – Que tal tirarmos uma foto? – sugeriu. – Todo ano tem uma barraca chamada Velhas Fotos do Oeste. Tem fantasias diferentes que podemos vestir. É divertido.

– Boa ideia! – respondeu Ivy. – Vamos tirar o suficiente para montarmos um álbum – e acrescentou, sussurrando para Beth: – Desde que isso o mantenha ocupado.

A barraca de forma abobadada estava armada em frente à loja de fotografia, formando um pequeno cenário. Havia vários fundos para escolher, baús com roupas para crianças e adultos e vários acessórios espalhados – pistolas, canecas de madeira, uma cabeça de búfalo com pele artificial. O som de piano ao fundo dava ao lugar uma atmosfera dos salões do Velho Oeste.

O próprio fotógrafo usava um chapéu de caubói, colete e calças de couro. Beth olhou-o por trás. – Bonitinho – comentou. – Muito bonitinho.

Ivy sorriu.

– Gosto de qualquer coisa que use botas – disse Beth, um pouco alto demais.

O caubói se virou.

– Will!

Will riu de Beth, que corou de vergonha. Colocou a mão no braço dela, tranquilizando-a, depois acenou com a cabeça para cumprimentar Ivy. Philip já tinha se encaminhado ao baú de fantasias.

– Como vão vocês? – perguntou Will.

Beth deu uma batida em sua própria cabeça. – Me esqueci completamente de que, com o seu emprego, você iria fazer esse tipo de trabalho.

Ele sorriu para ela; um enorme sorriso reconfortante. Era impossível ver os olhos de Will debaixo da sombra do cabelo, mas Ivy podia perceber que seus olhos passaram de Beth para ela, pois seu sorriso

diminuiu e não era tão reconfortante.

– Querem tirar uma fotografia? – ele perguntou.

Philip já estava remexendo as roupas.

– Parece que nosso companheiro quer – Beth falou para Ivy.

– Seu companheiro?

– Meu irmão, Philip – explicou Ivy, apontando para o irmão, que estava no meio de dois grandalhões que mais pareciam jogadores de futebol americano. – O baixinho.

Will concordou. – Talvez seja melhor mostrar um outro baú de roupas para ele. As fantasias femininas estão bem ali – disse Will, apontando para os baús em que estavam várias garotas reunidas.

Algumas delas eram mais velhas que Ivy e Beth. Outras pareciam dois ou três anos mais novas. Todas elas não paravam de andar em círculos, olhando para Will e dando risadinhas.

– Ei, caubói. Aposto que elas iam gostar mais da sua ajuda do que o Philip – brincou Beth.

– Elas estão bem – disse e virou-se de costas para ajudar Philip.

– Adorei o traseiro!

Will parou.

Ivy olhou para Beth e Beth olhou para Ivy. Ivy sabia que ela não tinha falado nada, mas Beth agia como se também não tivesse dito. Os olhos azuis de Will, que brilhavam de surpresa, pareciam estar sorrindo.

– Eu não falei nada.

– Eu também não.

Will só balançou a cabeça e continuou andando.

– Mas você pensou! – alguém falou e Ivy olhou para os lados.

– Tá, talvez tenha pensado, Ivy – admitiu Beth. – Mas...

Will virou-se novamente.

– Não fui eu que falei! – insistiu Ivy.

– Disse o quê? – perguntou Will, inclinando a cabeça.

Ivy tinha certeza de que ele ouvira. – Que você tem um... Que eu

pensei... Que... – Ivy olhou de canto de olho para Beth. – Ah, deixa para lá!

– Do que ela está falando? – Will perguntou para Beth.

– Alguma coisa sobre o seu traseiro – disse Beth.

Ivy ergueu as mãos para o alto. – Não tô nem aí para o traseiro dele!

O burburinho cessou e a barraca ficou no maior silêncio. Todo mundo olhou para Will e, depois, para Ivy.

– Você gostaria de ver o meu? – perguntou um dos grandalhões.

– Ah, não! – disse Ivy.

Will deu uma gargalhada.

– Suas bochechas estão vermelhas – Beth falou para Ivy.

Ivy levou as mãos ao rosto.

Beth tirou as mãos dela. – Essa cor combina muito mais com você do que roxo e amarelo.

Quinze minutos mais tarde, Ivy deu um sorriso amarelo para Beth enquanto esta fechava o zíper da roupa de Ivy de frente para o espelho do vestiário.

– Se eu me debruçar, Will vai conseguir tirar uma foto legal.

– Ele vai tirar uma foto legal mesmo se você ficar ereta – foi o comentário de Beth.

Tinham decidido se vestir como dançarinas de salão, com idênticos vestidos vermelhos e pretos; “mulheres da vida” foi como Beth as definiu, passando as mãos pelos quadris largos e dizendo: – Não me importo que meu homem seja um fora da lei – disse com sotaque do oeste. – Desde que ele obedeça às minhas leis.

Ivy riu, depois deu mais uma olhada no espelho. Beth tinha dado o vestido menor para ela usar; não havia uma curva em seu corpo que não estivesse saliente. Ivy relutou para sair do vestiário, apesar de Beth ter-lhe dito que os jogadores de futebol tinham ido embora. Ivy sabia lidar muito bem com os “*Macho Men”*. Era Will quem a constrangia.

Talvez ele tenha percebido, pois estendeu a mão para Beth assim que ela e Ivy saíram do vestiário. – Oh, Srta. Lizzie. A senhorita está maravilhosa hoje – disse. – A senhorita também, Srta. Ivy – acrescentou timidamente.

– E eu? – perguntou Philip. Ele apareceu com calças de franja e um colete que quase servia nele. Mas as abas do chapéu de caubói eram maiores que ele.

– Assustador – disse Will. – Assustador e maneiro, mas ficariam melhor se pudesse ver seu queixo!

Ivy riu, sentindo-se mais confortável novamente.

– Que tal trocarmos por um outro tamanho?

– Arrume um preto – disse Philip.

– Certo, Magrão.

Will achou um chapéu e posicionou os três alinhados em frente à câmera no ângulo adequado. Então, colocou o chapéu para trás e foi para detrás da câmera. Era uma câmera nova na carcaça de uma velha, montada de forma a bafejar fumaça – parte do show. Contudo, depois do flash e da fumaça, Will levantou a cabeça por detrás do equipamento. Tinha uma expressão quase cômica e, a princípio, Ivy pensou que fosse parte do show. Mas a forma como Will olhava fez com que os três se virassem para trás.

– Eu... ãh... vou tirar mais uma – disse. – Vocês podem se posicionar como estavam antes?

Eles se arrumaram e mais uma bafejada de fumaça foi ao ar.

– O que deu errado da outra vez? – perguntou Beth.

– Não sei bem – ele e Beth trocaram um olhar que Ivy não conseguia interpretar. Balançou a cabeça e colocou o chapéu para frente novamente. – Vai levar um tempinho para imprimir. Vocês querem duas ou três cópias? – perguntou.

– Duas está bem. Uma para Beth e outra para nós.

– Quero uma só para mim – disse Philip.

– E eu também – disse uma outra voz.

Todos se viraram.

– Tarde, compadre! – disse Gregory, estendendo a mão para Philip. – Senhoras – seu olhar se demorou em Ivy, viajando lentamente pelo seu corpo.

Suzanne olhou de relance para ela. – Você se apertou aí dentro, hein? – comentou. – Não sei como não há uma plateia por aqui.

Will deu um puxão em suas calças agarradas. – Está falando dela ou de mim?

Gregory riu. Beth riu em seguida, depois olhou desconfortavelmente para Suzanne, que não parecia estar se divertindo.

Will colocou dois cartuchos de filme na máquina de revelação e se arrumou para os próximos clientes.

– Suzanne, só havia dois vestidos iguais – Ivy se apressou em dizer. – E Beth e eu queríamos usar a mesma coisa, então ela pegou um e eu peguei... – fala para ela, Beth.

Entretanto, enquanto Beth repetia a explicação, Ivy pensava. Por que me incomodar? Não vai adiantar nada enquanto Gregory não aprender a não desviar os olhos para outras garotas. Queria que ele tivesse olhado para Beth!

Estava voltando para o vestiário quando Gregory pegou em seu braço e disse: – Vou esperar por você. Vamos dar uma olhada nos quadros de Will.

Ivy viu Suzanne pelo canto do olho, batendo os dedos na tampa de um baú, seu anel cor-de-rosa brilhava.

– Nós já vimos – Ivy falou para ele.

– Apesar de não sabermos quais são os dele. O nome do artista está coberto – completou Beth.

– São as aquarelas – disse Gregory.

– Aquarelas? – Ivy e Beth disseram ao mesmo tempo.

– Will. Qual o seu número de inscrição? – perguntou Gregory.

– Trinta e três – ele respondeu.

Beth e Ivy trocaram olhares.

– Você pintou o jardim em que Ivy gostaria de se sentar por horas – disse Beth.

– E a cobra – continuou Philip.

– E a mulher cujas flores caem ao seu redor como se fossem flocos de neve – acrescentou Ivy.

– É isso aí! – disse Will sem parar de trabalhar, ajeitando seus clientes na frente da câmera.

– É surpreendente! – disse Beth.

– Eu gosto da cobra – disse Philip.

Ivy observava Will sem dizer nada. Estava sendo o Will O'Leary indiferente novamente, agindo como se o quadro e o que eles tinham dito sobre ele não fosse nada demais. Então, ela percebeu que ele virou a cabeça rapidamente, como se estivesse verificando se ela ainda estava lá. Nesse momento, percebeu que ele queria que fizesse algum comentário.

– Seu quadro... ãh... – todas as palavras em que conseguia pensar pareciam desinteressantes.

– Tudo bem – disse, interrompendo-a antes que ela pudesse pensar na descrição adequada.

– Vocês vêm dar uma segunda olhada com a gente? – perguntou Gregory impacientemente.

– Só um minutinho – respondeu Beth, apressando-se em trocar de roupa.

Philip ia para o vestiário e tirava a roupa ao mesmo tempo.

– Não posso – Ivy falou para Gregory. – Vou tocar às 17 horas e preciso...

– Praticar?

– Preciso de tempo para me acalmar, pensar na melodia, só isso. Não consigo fazer isso junto com outras pessoas.

– Que pena que você não pode vir! – disse Suzanne. Ivy sabia que estava progredindo. Mesmo assim, magoava-se ao ver Gregory sair na outra direção.

Demorou-se no vestiário o tempo suficiente para que todos já tivessem ido. Quando saiu, só havia dois clientes que experimentavam chapéus e riam.

Will estava relaxando, sentado em uma cadeira de lona com uma das pernas apoiada em um baú, analisando uma fotografia em suas mãos. Virou-a para baixo quando a viu e disse: – Obrigado por ter vindo.

– Will, você não me deu chance de dizer o que gostei em seu quadro. A princípio, não conseguia encontrar as palavras certas...

– Não estava atrás de cumprimentos, Ivy.

– Não me importo se você estava ou não – disse, sentando-se na cadeira ao lado dele. – Tenho algo a dizer.

– Tudo bem – disse, curvando um pouco a boca. – Fale!

– É sobre o que se chama “Cedo demais”.

Will tirou o chapéu. Queria que ele não tivesse feito isso. De alguma forma, cada vez mais, sentia que olhar nos olhos dele tornava a fluência das palavras mais difícil. Disse a si mesma que eram apenas profundos olhos marrons, mas, sempre que olhava para eles, sentia-se em plena queda livre.

“Os olhos são as janelas da alma”, tinha lido uma vez. E as janelas dele estavam bem abertas.

Concentrou-se nas mãos dele – Às vezes, quando algo te toca, fica difícil encontrar as palavras certas. Você até pode dizer coisas como “bonito”, “fabuloso”, “incrível”. No entanto, as palavras não descrevem seus sentimentos, especialmente se você está sentindo tudo isso por conta do próprio quadro; e faz com que se sinta triste também. E foi isso que senti ao ver seu quadro; disse, entortando os dedos. – É isso aí!

– Obrigado! – ele disse.

Ela olhou para ele, o que foi um erro.

– Ivy...

Tentou desviar o olhar, mas não conseguiu.

– ... como está você?

– Estou bem. Sério, estou mesmo – por que ela tinha de dizer isso às pessoas o tempo todo? E por que, ao dizer isso para Will, parecia que ele conseguia ver a mentira diretamente através dos olhos dela?

– Eu também tenho algo a dizer: se cuide! – disse Will.

Ela podia sentir que ele estava olhando para seu rosto machucado. Ainda estava meio pálido no lugar da pancada, apesar de ela ter feito o máximo que podia para esconder com maquiagem.

– Por favor, se cuide.

– Por que eu não me cuidaria? – devolveu a pergunta rispidamente.

– Às vezes, as pessoas não se cuidam.

Ivy queria dizer: “Você não sabe do que está falando, você nunca perdeu alguém que amasse”. Mas, então, lembrou-se do que Gregory disse sobre Will ter passado por poucas e boas. Talvez ele entendesse o que ela sentia.

– Quem é a pessoa no seu quadro? Alguém que eu conheça? – Ivy perguntou.

– Minha mãe. Meu pai ainda não consegue olhar para ele – então, inclinando-se para Ivy, pareceu esquecer aquele pensamento e disse: – Tenha cuidado, Ivy. Não se esqueça de que há pessoas que sentirão ter perdido tudo se perderem você.

Ivy desviou o olhar.

Ele segurou seu rosto. Ela recuou instintivamente quando ele tocou em seu machucado. Mas ele não a machucaria, e não a soltou. Escorou sua nuca com a outra mão. Não havia como escapar.

Talvez ela não quisesse escapar.

– Tome cuidado, Ivy. Tome cuidado! Estou te falando... tome cuidado! – seus olhos brilhavam com tamanha intensidade que a fizeram piscar, soltar-se dele e sair correndo.

Capítulo 9

Tristan deitou-se na grama, exausto. O parque no final da rua principal estava cada vez mais cheio de gente. As toalhas de piquenique pareciam pequenas jangadas coloridas no meio do mar esverdeado. As crianças pintavam e bordavam. Os cachorros puxavam suas coleiras, sentindo o ambiente com seus focinhos. Dois adolescentes se beijavam. Um casal mais velho rodava seus guarda-chuvas e observava o cenário, a mulher sorria.

Lacey voltava da sua exploração ao palco do parque, que estava pronto para a apresentação das 17 horas. Deitou-se ao lado de Tristan. – Foi uma bobagem o que você fez – ela o repreendeu.

Já esperava que ela fosse dizer isso.

– Qual parte? – perguntou, pois a tarde tinha sido longa e cheia de acontecimentos.

– Tentar entrar na mente de Gregory. Não sei como ele não te jogou lá em Manhattan ou L.A.!

– Estava desesperado, Lacey! Tenho de saber qual o jogo que está fazendo com Ivy e Suzanne.

– E achou que precisava de uma viagem para dentro da cabeça dele para descobrir isso? – perguntou, incrédula. – Você devia ter me perguntado. O jogo não era nada diferente do que já tinha visto muitos outros rapazes fazendo com outras garotas. Está levando a Srta. Fácil Demais para passear enquanto dá em cima da Srta. Sou Difícil Mesmo – disse, aproximando seu rosto de Tristan. – Estou certa?

Tristan não respondeu. Não era somente um joguinho romântico que o incomodava. Desde que havia ligado a morte de Caroline à entrega de Ivy na casa ao lado, perguntava-se sobre o motivo oculto por trás da recém-aproximação de Gregory e Ivy.

– Bem, espero que tenha aprendido a lição de hoje – disse Lacey.

– Minha cabeça está latejando. Satisfeita?

Ela pousou a mão suavemente na testa dele e disse gentilmente: – Se isso fizer com que se sinta melhor, Gregory também está.

Tristan semicerrou os olhos para ela, surpreso com a pequena gentileza.

Ela tirou a mão e devolveu o olhar. – E por que assediou Philip, entrando na mente dele? – quis saber. – Foi mais um desperdício de energia. Ele vê o seu brilho – e sempre se dá mal toda vez que toca nesse assunto. Sua conversinha com ele deixou Gregory de muito bom humor hoje à tarde.

– Tinha de contar para Philip quem eu era. Beth assinou meu nome na mensagem do computador. Se Philip contar a ela que me vê, mais cedo ou mais tarde ela vai acabar acreditando também.

Lacey balançou a cabeça, duvidando.

– E por falar em Philip – disse Tristan, levantando-se em um impulso só. – Percebi como o humor de Gregory ficou ainda melhor quando Philip parou de falar em anjos para mostrar uma fotografia de um anjo de verdade. Qual era a missão que você estava tentando cumprir hoje quando pulou na frente daquela foto?

Lacey não respondeu logo de cara. Olhou para as três mulheres de macacão que tinham começado a se apresentar no palco. – O que você acha que elas vão fazer?

– Uma apresentação de dança ou de aeróbica. Responda às minhas perguntas!

– Se fosse elas, usaria véus.

– Tente mais uma vez.

– Estava praticando minha semimaterialização. Tornar-me sólida o suficiente para mostrar uma forma geral, sem mostrar meu corpo de verdade. Nunca se sabe, posso precisar fazer algo do tipo no futuro. Para concluir minha missão, é claro.

– É claro. E projetar a sua voz para que todo mundo na barraca de fotos pudesse ouvi-la era só para praticar um pouco também.

– Bem, aquilo – disse, balançando a mão – era para ajudar na sua missão.

– Na minha missão?

– Do meu jeito – respondeu. – Você e eu temos estilos diferentes.

– É verdade. Jamais pensaria em fazer um comentário sobre o traseiro de Will.

– E que traseiro! O melhor que já vi – olhou para Tristan com pesar. – Aceite o fato!

– Nem pensar!

Ela riu e disse: – A sua garota transforma o corpo dela em uma armadura. Achei que se eu fizesse uma piadinha, poderia ajudá-la a se soltar um pouco, assim ela se abriria para Will. Senti que era uma oportunidade, já que ela não conseguia ver os olhos dele por causa do chapéu. Acho que o problema dela está nos olhos dele, são eles que fazem com que ela se feche daquele jeito.

– Ela me vê nos olhos dele – disse Tristan.

– Alguns rapazes tem esse poder – Lacey continuou. – De ter olhos que atraiam as garotas como imãs.

– Ela não sabe disso, mas ela me vê nos olhos dele.

Vendo que Lacey não dizia nada, ele sentou-se e disse: – A Ivy me vê olhar para ela pelos olhos de Will?

– Não. Ela vê um outro rapaz que se apaixonou por ela e morre de medo disso.

– Não acredito! Você entendeu tudo errado!

– Entendi tudo certo!

– Will pode ter uma queda por ela e ela até pode achá-lo meio atraente, mas...

Lacey deitou-se na grama. – Tá, tá. Você só vai acreditar no que quiser acreditar e danem-se os fatos – disse, colocando os braços atrás da cabeça como apoio. – O que não é tão diferente dos fatos em que Ivy acredita, apesar de a verdade estar bem na cara dela.

– Ivy jamais amaria outra pessoa – insistiu Tristan. – Não sabia disso antes do acidente, mas sei agora. Ivy só ama a mim. Tenho certeza disso.

Lacey cutucou o braço dele com suas unhas cumpridas.

– Desculpe-me por lembrá-lo de que você está morto agora.

Tristan abraçou os joelhos e se concentrou para materializar as pontas dos dedos, depois deixou uma das mãos cair e começou a arrancar a grama.

– Você está ficando bom nisso. Não precisou se esforçar tanto.

Estava bravo demais para absorver o elogio.

– Tristan, você está certo. Ivy ama você, mais do que ama qualquer outra pessoa. Mas a vida segue, e se você quer que ela continue viva, não pode querer que ela continue apaixonada pela morte. A vida precisa da vida. É assim que o mundo funciona.

Tristan não disse nada. Olhou as três mulheres se agitando no palco e saindo de lá brilhando de tanto suor. Ouviu também uma garotinha vestida como a Annie* cantar e gritar "Tomorrow" sem parar.

– Não importa quem esteja certo – disse, finalmente. – Preciso de Will. Não posso ajudar Ivy sem ele.

Lacey concordou. – Ele acabou de chegar. Acho que está na hora da folga dele; está sozinho, não muito longe do portão do parque.

– Os outros estão ali – disse Tristan, apontando para a direção oposta.

Beth e Philip estavam deitados de barriga para baixo em uma toalha, assistindo às apresentações enquanto arrancavam trevos, fazendo uma longa fila com eles. Suzanne estava sentada com Gregory na mesma toalha, abraçando-o por trás, recostada nele e apoiando o queixo em seus ombros. Eric também estava com eles, mas tinha se sentado na grama ao lado da toalha, irritando-se com o canto dela. Olhava continuamente para a plateia, seu corpo contraía-se nos momentos mais estranhos e a cabeça estava sempre virando para trás.

Assistiram a várias apresentações, até que Ivy subiu ao palco. Philip imediatamente se levantou e começou a aplaudir. Todos riram, incluindo Ivy, que olhou na direção em que ele estava.

– Isso vai ajudá-la. Ele quebrou o gelo. Gosto daquele menino!

Ivy começou a tocar, não a canção que havia programado, mas a "Sonata ao Luar", a mesma que tocara para Tristan uma vez, em uma noite que parecia ter ocorrido verões e verões atrás.

Isso é para mim, pensou Tristan. Foi isso que ela tocou para mim, ela queria contar a todo mundo sobre a noite em que havia transformado a escuridão em luz, a noite em que havia dançado com ele. Ivy está tocando para mim, era o que Ivy queria dizer a Gregory e a Will.

Gregory estava em seu lugar, sem se dar conta dos pequenos movimentos de Suzanne, com os olhos focados em Ivy, como se estivesse enfeitiçado.

Will também estava sentado na grama, com um joelho levantado e um braço apoiando nele de forma casual. Mas não havia nada de casual na forma como ele a assistia. Tristan se levantou e foi até Will.

Tristan assistiu-a da perspectiva de Will, suas mãos fortes, seus cabelos dourados sob o sol de final de tarde, a expressão no rosto dela. Ela estava em um mundo diferente do dele, e ele desejava com toda a alma fazer parte do mundo dela. Mas ela não sabia, e ele temia que nunca soubesse.

Em um piscar de olhos, Tristan combinou seus pensamentos com os de Will e entrou na mente dele. Ouviu a música de Ivy pelos ouvidos de Will. Quando ela terminou de tocar, ele se levantou com Will. Aplaudiu e aplaudiu, com as mãos bem acima da cabeça de Will. Ivy agradeceu e balançou a cabeça, olhando para ele.

Depois, virou-se para seus amigos. Suzanne, Beth e Eric aplaudiam-na de forma animada. Philip pulava para cima e para baixo, tentando ver sobre as cabeças da plateia. Gregory não saiu do lugar. Gregory e Ivy eram as duas únicas pessoas naquele parque barulhento que estavam parados em pé, sem se mexer, em silêncio, olhando um para o outro como se tivessem se esquecido de todo o resto.

Will virou-se abruptamente e caminhou em direção à rua. Tristan

saiu da mente dele e se jogou na grama. Um pouco depois, Lacey já estava a seu lado. Não disse nada, apenas sentou-se com ele, ombro com ombro, como um velho companheiro de equipe no banco da piscina.

– Eu me enganei, Lacey. E você também. Ivy não me vê. Ivy não vê Will também.

– Ela vê Gregory – disse Lacey.

– Gregory – repetiu amargamente. – Não sei como posso salvá-la agora.

De certa forma, conversar com Suzanne depois da apresentação foi mais fácil do que Ivy esperava. Conforme combinado mais cedo, Ivy encontrou Philip e seus amigos no portão do parque. Antes que pudesse cumprimentá-los, Suzanne virou para o outro lado.

Ivy pegou no braço dela e perguntou: – O que achou dos quadros de Will?

Suzanne agiu como se não tivesse ouvido.

– Suzanne, Ivy estava perguntando a sua opinião sobre os quadros de Will – disse Beth calmamente.

A resposta veio bem devagar. – Sinto muito, Beth, o que você disse?

Beth olhava de forma desconfortável para Suzanne e Ivy. Eric ria, divertindo-se com a tensão formada entre as garotas. Gregory parecia preocupado e distante tanto de Ivy quanto de Suzanne.

– Estávamos falando das pinturas de Will – disse Beth.

– São maravilhosas! – disse Suzanne, com os ombros e a cabeça virados de forma a cortar Ivy de seu ângulo de visão.

Ivy esperou que umas crianças com bexigas passassem para mudar de posição e tentou falar com Suzanne novamente. Dessa vez, deu de cara com as costas de Suzanne. Beth ficou no meio das duas e começou a conversar, como se as palavras pudessem diminuir o silêncio e a distância entre elas.

Assim que Beth fez uma pausa para respirar, Ivy disse que tinha de

ir embora para poder levar Philip à casa de um amigo a tempo. Talvez Philip tivesse visto e ouvido mais do que Ivy imaginava, pois esperou até que estivessem a um quarteirão de distância dos demais e disse: – Sammy acabou de voltar do acampamento e disse para eu não chegar antes das 19 horas.

Ivy pousou a mão no ombro dele. – Eu sei. Obrigada por não mencionar isso na frente das pessoas.

No caminho para o carro, Ivy parou em uma barraca pequena e comprou dois buquês de papoula. Philip não perguntou por que ela os comprou, ou aonde eles iriam. Talvez já tivesse descoberto isso também.

Conforme Ivy se distanciava do festival, sentia-se surpreendentemente mais leve. Tinha tentado tranquilizar Suzanne, agradando a amiga ao se manter distante de Gregory. Tentou conversar com Suzanne várias vezes, mas, sempre que o fazia, era repelida. Não havia mais razão para continuar tentando, para continuar pisando em ovos quando estava perto de Suzanne e de Gregory. Sua raiva havia se transformado em alívio; sentiu-se subitamente livre de um fardo que nunca desejara carregar.

– Por que temos dois buquês? – Philip perguntou no meio do caminho. – Um deles vai ser dado por mim?

Ele tinha mesmo descoberto.

– Na verdade, os dois são de nós dois. Achei que seria delicado levar algumas flores ao túmulo de Caroline.

– Por quê?

Ivy deu de ombros. – Porque ela era a mãe de Gregory e ele tem sido bom para nós dois.

– Mas ela era uma mulher indecente!

Ivy olhou para Philip. Indecente não fazia parte do vocabulário dele. – O quê?

– A mãe do Sammy disse que ela era indecente.

– Bem, a mãe do Sammy não sabe de tudo – respondeu Ivy,

atravessando os enormes portões de ferro com o carro.

– Ela conhecia a Caroline – Philip teimou em dizer.

Ivy sabia que muitas pessoas não gostavam de Caroline. O próprio Gregory nunca tinha falado bem de sua mãe.

– Está bem, vamos fazer o seguinte: o buquê laranja será meu para Caroline e o outro, o de cor púrpura, será seu e meu para Tristan.

Caminharam em silêncio pela área luxuosa do Riverstone Rise.

Quando Ivy colocou as flores no túmulo de Caroline, percebeu que Philip recuou.

– Está frio? – ele perguntou.

– Frio?

– A irmã de Sammy disse que as pessoas más têm túmulos frios.

– Está bem quente. E olhe só, alguém deixou uma rosa de cabo longo para Caroline. Alguém que deve tê-la amado muito.

Philip não estava convencido e parecia ansioso para sair dali. Ivy se perguntava se ele agiria de forma estranha no túmulo de Tristan também. Mas, conforme foram se distanciando, ele começou a saltitar pelos jazigos, voltando a ser o velho e animado tagarela.

– Você se lembra de como Tristan fez um cabelo de salada para ele no casamento da mamãe? Só que não parava de cair da cabeça! E lembra-se do aipo enfiado no ouvido dele? – Philip perguntou.

– E rabinhos de camarão no nariz? – disse Ivy.

– E aquelas coisas pretas nos dentes dele.

– Azeitonas. Eu me lembro.

Era a primeira vez desde o funeral que Philip falava em Tristan, aquele Tristan com quem tinha brincado antes. Queria saber por que seu irmão tinha subitamente conseguido falar sobre ele.

– E lembra-se da surra que dei nele no jogo de damas?

– Você ganhou duas de três partidas.

– É mesmo – Philip riu para si mesmo, depois saiu correndo.

Foi até o último mausoléu em uma travessa em que havia elegantes jazigos e começou a bater na porta de um deles. – Abra! – gritou,

depois abriu os braços e passou voando na frente de Ivy, esperando por ela na próxima esquina.

– Tristan era bom em *video game* – disse Philip.

– Ele te ensinou uns truques bem legais, não foi?

– Foi. Sinto falta dele.

– Eu também – disse Ivy, mordendo os lábios. Ficou feliz quando Philip saiu correndo novamente. Não queria arruinar as lembranças felizes de seu irmão com suas lágrimas.

No túmulo de Tristan, Ivy se ajoelhou, correndo os dedos pelas letras na lápide – o nome de Tristan e as datas. Não conseguiu dizer a pequena oração que também estava esculpida, uma oração que o colocava nas mãos dos anjos, então seus dedos leram-na silenciosamente. Philip também tocou a lápide, depois arrumou as flores. Queria fazer a letra “T” com elas.

Ele está superando, Ivy pensou ao vê-lo. Se ele consegue, também consigo.

– Tristan vai gostar de ver isso quando voltar – disse Philip, admirando seu próprio trabalho.

Ivy achou que não tivesse entendido direito o que seu irmão dissera.

– O quê?

– Talvez ele volte para cá quando escurecer.

Ivy colocou a mão na boca. Não queria lidar com isso, mas alguém tinha de fazê-lo, e sabia que não podia contar com sua mãe.

– Onde você acha que o Tristan está agora? – indagou com cautela.

– Sei onde ele está. No festival.

– E como você sabe disso?

– Ele me contou. Ele é o meu anjo, Ivy. Sei que você disse para eu nunca mais falar a palavra anjo novamente – Philip falava bem rápido, como se assim pudesse evitar a raiva dela. – Mas é isso que ele é, não sabia que era ele, até ele me contar hoje.

Ivy esfregava as mãos em seus braços nus.

– Ele ainda deve estar lá com aquela outra – disse Philip.

– Aquela outra? – ela repetiu.

– Ela também é anjo – disse calmamente, colocando as mãos no bolso para pegar uma fotografia amassada. Era a foto que haviam tirado no festival, mas era diferente da cópia dela. Tinha ocorrido algum erro na revelação, ou talvez fosse o próprio filme. Havia uma névoa atrás deles.

Philip apontou para a névoa. – É ela. O outro anjo.

Seu formato vagamente lembrava uma garota, portanto, Ivy entendia o que ele queria dizer.

– Onde você conseguiu isso?

– Will deu para mim. Pedi para ele porque ela não conseguiu aparecer na foto que ele deu para você. Acho que ela é amiga de Tristan.

Ivy já conseguia imaginar qual seria a próxima criação na imaginação ativa de Philip – uma comunidade inteira de amigos e parentes de anjos. – Tristan está morto. Morto. Você consegue entender? – ela disse.

– Sim – o rosto dele estava tão sombrio e sagaz quanto o de um adulto, mas sua pele, sob o sol do entardecer, era macia e dourada como a de um bebê. Naquele momento, ele parecia a pintura de um anjo.

– Sinto falta do jeito como o Tristan era. Queria que ele pudesse brincar comigo. Às vezes, ainda tenho vontade de chorar. Mas estou feliz por ele ser meu anjo agora, Ivy. Ele também vai ajudar você.

Ela não queria brigar. Não dava para ser racional com uma criança tão crente como Philip.

– Precisamos ir – disse, finalmente.

Ele concordou, depois virou a cabeça para trás e gritou: – Espero que você goste, Tristan.

Ivy saiu correndo na frente dele. Ficou feliz quando o deixou na casa de Sammy para dormir. Com a volta de Sammy, Philip passaria mais

tempo no mundo real.

Quando Ivy chegou em casa, encontrou um bilhete da sua mãe lembrando-a que ela e Andrew tinham ido ao jantar de gala que fazia parte do festival.

– Que bom! – Ivy disse em voz alta. Sua cota de conversas estressantes já tinha se esgotado naquele dia. Uma noite apenas na companhia de Ella e de um bom livro era exatamente o que ela precisava. Correu para cima, jogando os sapatos para longe, rapidamente vestindo sua camiseta favorita, que estava cheia de furos e era tão grande que dava para fazê-la de vestido.

– Somos só você e eu, gata – disse a Ella que tinha ido atrás dela no quarto e agora voltava com ela à cozinha. – A *mademoiselle* está pronta para jantar? Posso preparar dois pratos no balcão. Para você, nuggets de frutos do mar e, para mim, atum. Espero que você não faça confusão.

Ella se esfregava na perna de Ivy enquanto esperava pela sua comida, miando suavemente.

– Você deve estar se perguntando: por que pratos sofisticados? – Ivy pegara dois pratos de vidro lapidado, junto com um copo e uma tigela de cristal. – É uma comemoração. Toquei a peça, Ella, toquei o movimento inteirinho!

Ella miou novamente.

– Não. Não aquele que estava praticando... tampouco aquele que você andou praticando. A "Sonata ao Luar". É isso mesmo – Ivy suspirou. – Acho que tinha de tocar para ele uma última vez antes que pudesse tocar para mim novamente. Acho que consigo tocar qualquer coisa agora! Vamos, gata.

Ella seguiu-a até a sala de televisão e observou curiosamente Ivy acender um vela, colocando-a no chão entre elas. – Me diga se isso não é sofisticado?

A gata miou novamente.

Ivy abriu as portas de correr que davam para o pátio no fundo da

casa e colocou um CD de *jazz* suave.

– Alguns gatos não têm uma noite de sábado como essa, sabia?

Ella ronronou durante todo o jantar. Ivy sentia-se muito feliz vendo Ella se limpar, depois arrumando um lugar para ficar ao lado das portas de tela, concentrando-se em sentir os aromas e os ruídos do crepúsculo.

Depois de ficar alguns minutos em vigília com Ella, pegou um livro debaixo da almofada da cadeira, uma coleção que Gregory estava lendo. Mantendo a vela longe da corrente de ar, virou-se de barriga para baixo e começou a ler.

Só então percebeu o quanto estava cansada. As palavras pareciam borrões aos seus olhos e a vela a hipnotizava. A história era algum tipo de mistério, e ela tentava se concentrar para não perder nenhuma das pistas. Mas, antes que o assassino agisse novamente, fechou os olhos.

Ivy não sabia dizer quanto tempo havia dormido. Não sonhou enquanto dormia. De repente, sua mente despertou, alertada por algum barulho.

Antes mesmo de abrir os olhos, sabia que era bem tarde. O CD havia terminado e dava para ouvir os grilos lá fora, um coral inteiro de grilos.

A badalada suave veio do relógio da sala de jantar. Tinha a noção das horas. Seria 11 horas? Meia-noite?

Sem levantar a cabeça, abriu seus olhos no quarto escuro e viu a vela, apesar de ainda estar acesa, era só um toquinho.

Ella tinha ido embora, e a porta de tela estava aberta, prateada pela luz do luar.

O frescor da brisa invadia o ambiente. Os pelos do braço de Ivy se arrepiavam. Sentiu um calafrio súbito. Disse a si mesma que Ella devia ter saído pela porta. Mas a corrente de vento estava forte, atravessando toda a sala até chegar à porta atrás de Ivy. Aquela porta, que dava para a galeria, estava fechada antes de Ivy pegar no

sono.

Agora estava aberta – sem se virar, Ivy já sabia. Tinha certeza de que alguém a estava observando. Uma tábua rangeu na soleira da porta, depois mais outra, muito mais próxima. Dava para sentir sua presença sombria flutuando no ar acima dela.

Ivy prendeu o fôlego em silêncio, depois abriu a boca e gritou.

* Annie é um musical da Broadway baseado na história em quadrinhos de Harold Gray e intitulado *Little Orphan Annie (A pequena órfã Annie)*. Uma das músicas mais populares da peça é "Tomorrow" (Amanhã). (N. da T.)

Capítulo 10

Ivy gritava e lutava com ele, chutando para trás com toda a sua força. Ele a segurava no chão, sua mão pressionava o nariz e a boca dela. Ela gritava mesmo assim, depois tentou mordê-lo, mas ele era rápido demais para ela. Começou a mover o corpo, rolando para todos os lados. Se precisasse, rolaria até por cima da chama da vela.

– Ivy! Ivy! Sou eu! Fique quieta, Ivy! Você vai acordar o Philip. Sou eu apenas.

Ela perdeu toda a sua força debaixo dele. – Gregory.

Lentamente, ele saiu de cima dela. Olharam um para o outro. Estavam suados e sem fôlego.

– Pensei que estivesse dormindo. Estava tentando ver se você estava bem sem ter de te acordar.

– Eu... eu... simplesmente eu não sabia quem era. Philip não está. Ele vai dormir na casa do Sammy hoje e a mamãe e o Andrew estão no jantar.

– Todo mundo saiu? – ele perguntou rispidamente.

– Sim, e pensei que...

Gregory socou a própria palma da mão várias vezes, depois parou quando viu que ela estava olhando.

– Qual é o seu problema? – quis saber. – Qual é o seu problema, Ivy? – segurou os dois braços dela. – Como você pode ser tão burra?

– O que você quer dizer?

Ele olhou bem nos olhos dela. – Por que você tem me evitado?

Ivy desviou o olhar.

– Olhe para mim! Responda!

Ela jogou a cabeça para trás. – Se você quer saber por que, pergunte à Suzanne.

Então, viu o brilho nos olhos dele, como se subitamente tivesse

entendido a resposta. Era difícil acreditar que ele não tivesse adivinhado o que estava acontecendo. Por que mais ela o evitaria?

Ele parou de apertá-la e disse, em uma voz mais suave: – Ivy, você está sozinha em casa, uma casa que foi invadida na semana passada, e a porta está escancarada. Você deixou a porta aberta! Por que faria algo tão idiota?

Ivy engoliu em seco. – Achei que a tela estivesse trancada. Mas acho que não estava, e Ella deve ter passado por lá, deixando-a mais aberta.

Gregory recostou-se no sofá, esfregando a cabeça.

– Sinto muito. Sinto muito se o chateei – ela disse.

Ele respirou fundo e colocou uma das mãos nela. Estava bem mais calmo. – Eu assustei você. Sou eu que devo me desculpar.

Mesmo pela trêmula vela, Ivy pôde ver o desgaste nos olhos dele. Esticou a mão e tocou na têmpora que ele estava esfregando.

– Dor de cabeça?

– Não está tão forte quanto estava antes.

– Mas ainda dói. Deite-se – disse, colocando um travesseiro para apoiar a cabeça dele. – Vou pegar um pouco de chá e uma aspirina.

– Eu mesmo posso fazer isso.

– Deixe que eu faça – colocou a mão no ombro dele. – Você fez muito por mim, Gregory. Deixe-me fazer isso por você.

– Não fiz nada que não quisesse.

– Por favor.

Ele se deitou.

Ivy levantou-se e colocou um CD de piano. – Muito alto? Muito suave?

– Perfeito – disse, fechando os olhos.

Ela fez um bule de chá e colocou alguns biscoitos na bandeja junto com uma aspirina, levando tudo à sala que estava à luz de velas.

Tomaram o chá em silêncio e comeram os biscoitos. Depois, Gregory brincou batendo sua xícara na dela, brindando em silêncio.

– Esse chá é do quê? Parece que estou bebendo um jardim.

Tomou outro gole e olhou para ela pelo pálido vapor. – Você é boa para mim – disse.

– Gostaria que eu arranhasse as suas costas? Philip adora.

– De arranhar as costas?

– De esfregar. Quando você era garotinho, sua mãe não costumava esfregar as suas costas para fazê-lo dormir?

– Minha mãe?

– Vire-se.

Ele olhou para ela, com cara de quem estava achando engraçado, então, deixou o chá de lado e ficou de barriga para baixo.

Ivy começou a esfregar as costas dele, fazendo pequenos círculos, da mesma forma que fazia com Philip. Dava para sentir a tensão no corpo dele, todos os músculos estavam rígidos. O que ele precisava mesmo era de uma massagem, e seria melhor se ele tirasse a camisa, mas ela estava com medo de dar essa sugestão.

Por quê? Ele é só meu irmão adotivo, lembrou a si mesma. Não é meu namorado. É um bom amigo e é como se fosse meu irmão e...

– Ivy?

– Sim?

– Tem problema se eu tirar a camisa?

– Seria melhor.

Ele tirou a camisa e deitou-se novamente. Suas costas eram longas, bronzeadas e fortes por causa do tênis. Ela recomeçou os movimentos, colocando mais força dessa vez, correndo as mãos pela coluna dele e pelos músculos dos ombros. Massageou a nuca enquanto os dedos cuidavam dos cabelos escuros, depois foi descendo pela coluna. Aos poucos foi sentindo que ele estava relaxando com seu toque.

Sem aviso prévio, ele se virou de barriga para cima e olhou para ela.

À luz de velas, suas feições mostravam sombras irregulares. A luz dourada preenchia um pequeno vazio em seu pescoço. Sentiu

vontade de tocar aquele vazio, levando a mão ao pescoço dele para sentir a pulsação acelerada.

– Sabe – Gregory começou a dizer –, no inverno passado, quando meu pai me contou que ia se casar com Maggie, a última coisa que queria era ter você na minha casa.

– Eu sei – Ivy respondeu com um sorriso.

Ele estendeu o braço e tocou no rosto machucado dela.

– Agora... – disse, deslizando os dedos, enroscando-os no cabelo dela – Agora... – ele a trouxe mais para perto.

Se nos beijarmos, pensou Ivy, se nos beijarmos e Suzanne...

– Agora? – ele sussurrou.

Ela não podia mais lutar contra aquilo. Fechou os olhos.

Com as duas mãos, ele trouxe o rosto dela suavemente para perto do dele. Então, as mãos tensas relaxaram e o beijo foi longo, leve e delicioso. Ele levantou o rosto dela, beijando de leve seu pescoço.

Ivy abaixou o rosto e eles começaram a se beijar novamente. Então, os dois ficaram paralisados, assustados com o ronco de um motor e com o feixe de luzes na garagem. Era o carro de Andrew.

Gregory jogou a cabeça para trás e riu – Inacreditável – suspirou. – Nossos guarda-costas chegaram.

Ivy sentiu seus dedos soltarem-na de forma lenta e relutante. Então, ela soprou a vela, acendeu a luz e tentou não pensar em Suzanne.

Tristan queria saber alguma forma de acalmar Ivy. Os lençóis estavam revirados e seus cachos dourados não paravam de se mexer. Será que estava sonhando novamente? Será que tinha acontecido alguma coisa depois que ela saiu do festival?

Depois da apresentação, Tristan sabia que tinha de descobrir quem queria machucar Ivy. Também sabia que estava lutando contra o tempo. Se Ivy se apaixonasse por Gregory, Will não poderia mais ajudá-lo a se comunicar com ela para avisá-la.

Ivy se mexeu. – Quem está aí? Quem está aí? – murmurou.

Tristan reconheceu o começo do sonho. Uma sensação de medo

tomou conta dele, como se ele mesmo estivesse sendo arrastado para o pesadelo. Não suportava vê-la tão assustada. Se ao menos pudesse segurá-la, se ao menos pudesse pegá-la em seus braços...

Ella, onde estava Ella?

A gata ronronava, sentada à janela. Tristan aproximou-se dela rapidamente, materializando seus dedos. Estava admirado com a força que crescia dentro dele, com a forma como conseguia pegar a gata pelo pescoço por alguns segundos e carregá-la até a cama. Ele a colocou na cama e, um pouco antes de seus dedos perderem a força, conseguiu cutucar Ivy para acordá-la.

– Ella – disse suavemente. – Ah, Ella – seus braços envolveram a gata.

Tristan afastou-se da cama. Era assim que teria de amá-la agora, a um passo de distância, ajudando os outros a consolá-la e a gostar dela em seu lugar.

Com Ella ao seu lado, Ivy passou a dormir mais tranquila. O sonho foi embora, levado às profundezas da mente dela, fundo o suficiente para não incomodá-la por um tempo. Se ao menos ele pudesse entrar naquele sonho.

Tristan tinha certeza de que Ivy vira alguma coisa que não devia no dia em que Caroline morreu, ou que alguém pensava que ela vira alguma coisa. Se ele soubesse o que era, saberia quem estava atrás dela. Mas não conseguia entrar na mente de Ivy, assim como na de Gregory.

Ele a deixou dormindo. Já tinha decidido o que fazer e planejava fazê-lo, apesar de todos os avisos de Lacey. Viajaria pela mente de Eric. Tinha de descobrir se era ele na motocicleta do sonho de Ivy, e se ele foi à casa de Caroline na noite em que ela morreu.

Conforme Tristan se aproximava da casa de Eric, começou a se lembrar de todos os detalhes que havia presenciado naquela noite. Depois do festival, Lacey fora com ele à casa de Caroline. Enquanto ela abria os armários, olhava atrás dos quadros e vasculhava coisas

que estavam sendo empacotadas, ele examinava os detalhes da casa por dentro e por fora. A chave estava ali, os objetos sobre os quais poderia meditar dentro da cabeça de alguém, dando a ele a chance de iniciar a corrente de lembranças adequadas.

– Se você vai levar esse plano idiota adiante, esteja preparado. E descanse um pouco primeiro – disse Lacey enquanto vasculhava as almofadas do sofá.

– Já estou pronto – argumentou, correndo os olhos pela sala em que Caroline havia morrido.

– Ouça, anjo atlético. Você está começando a sentir sua força agora. Isso é bom, mas não se deixe levar por isso.

Você ainda não está pronto para os jogos olímpicos celestiais. Se insiste em entrar na mente de Eric, então durma um pouco na escuridão. Vai precisar disso.

Tristan não respondeu logo de cara. De pé na janela, percebeu que tinha uma visão clara da rua e de qualquer pessoa vindo em sua direção. – Talvez você esteja certa – disse finalmente.

– Nada de talvez. Além do mais, Eric estará mais vulnerável a você ao amanhecer ou logo em seguida. Tente pegá-lo consciente o suficiente para seguir sua sugestão, mas não tão acordado que perceba o que está fazendo.

Parecia um bom conselho. Agora, com o céu começando a reluzir a leste, Tristan encontrou Eric dormindo no chão do quarto. A cama ainda estava arrumada, e Eric ainda usava as roupas do dia anterior, deitado de lado, enrolado em um canto ao lado do aparelho de som. Havia revistas espalhadas. Tristan se ajoelhou ao lado dele. Ao materializar seus dedos, folheou uma revista de motocicletas até encontrar uma que se parecia com a de Eric. Concentrou-se nela e o cutucou para acordá-lo.

Tristan estava admirando o design curvo e claro, imaginando seu poder, e, de súbito, estava vendo tudo isso pelos olhos de Eric. Tinha sido tão fácil quanto entrar em Will.

Talvez Lacey estivesse errada, pensou. Talvez ela não soubesse o quanto seus poderes tinham se desenvolvido. Então, a visão começou a ficar um pouco turva.

Os olhos de Eric se fecharam.

Por um momento não havia nada além da escuridão ao redor de Tristan. Agora era a hora de pensar na rua de Caroline, de levar Eric para um passeio em câmera lenta até a casa dela, de ativar as lembranças dele.

De repente, a escuridão se esvaiu, como se a parede escura tivesse sido aberta, e Tristan foi em frente. A rua veio até ele do nada e continuava vindo como se fosse um *video game* de corrida de carros. Ele se movia muito rapidamente para reagir, para perceber para onde estava indo.

Estava de moto, dirigindo por uma rua cheia de *flashes* de luzes e sombras. Ergueu os olhos e viu árvores, muros e casas. As árvores eram tão intensamente verdes que queimavam os olhos de Tristan. O azul do céu era néon. O vermelho parecia aquecer demais.

Estavam subindo uma rua, indo cada vez mais alto. Tristan tentou diminuir o ritmo, virar para um lado, depois para o outro, enfim, exercer algum controle, mas estava impotente.

De repente, os pneus cantaram e eles pararam. Tristan olhou para cima e viu a casa da família Baines.

A casa de Gregory... era e não era. Olhou para a casa enquanto entravam. Era como olhar para um ambiente refletido em um acessório natalino; viu objetos que sabia estarem distorcidos, vistos de uma estranha perspectiva, ao mesmo tempo esquisita e familiar.

Estava em um sonho, ou essa era uma lembrança entrecortada, queimada e modificada pela droga?

Bateram na porta e entraram pela porta da frente. Não havia teto nem chão. Na verdade, não havia mobília, mas um enorme parquinho cuja cerca era a cobertura da casa. Gregory estava lá, olhando para eles do topo de um enorme escorregador, uma rampa prateada que

não parava no piso térreo, mas formava um túnel nele.

Também havia uma mulher. Caroline, Tristan percebeu de repente.

Quando ela os viu, acenou e sorriu de forma amistosa. Gregory ficou no topo do escorregador, olhando para eles friamente, mas Caroline os chamava para entrar no carrossel, e eles não conseguiam resistir.

Ela estava de um lado e eles do outro. Corriam e empurravam, corriam e empurravam, então entraram nele. Giraram e giraram, mas, não diminuíram, como Tristan esperava, iam cada vez mais rápido. E, cada vez mais rápido, penduravam-se mesmo assim enquanto giravam. Tristan achava que sua cabeça sairia voando. Então, soltaram as mãos e voaram pelo espaço.

Quando Tristan olhou para cima, o mundo ainda girava um pouco, depois parou. O parquinho havia desaparecido, mas a cobertura da casa permanecia, encapsulando um cemitério.

Viu sua própria cova. Viu a de Caroline. Viu uma terceira cova, aberta, com um monte de terra ao lado dela.

Foi Eric quem começou a tremer ou era ele? Tristan não sabia, e não conseguia fazer parar – tremeu violentamente e caiu no chão.

O chão retumbava e se inclinava. Os túmulos passavam por cima dele, como se fossem dentes saltando para fora do crânio. Estava de lado, tremendo, em posição fetal, esperando a terra se abrir como uma boca para engoli-lo.

Então, parou. Tudo ficou calmo. Viu à sua frente a foto de uma motocicleta reluzindo. Eric tinha acordado.

Era um sonho, pensou Tristan. Ele ainda estava dentro, mas Eric não tinha percebido nada. Talvez estivesse cansado demais, ou talvez seu cérebro “frito” estivesse acostumado demais a sensações e pensamentos estranhos para reagir a Tristan.

Será que os bizarros acontecimentos de seu sonho significavam alguma coisa? Havia alguma verdade escondida dentro dele ou eram apenas devaneios de uma mente dominada pelas drogas?

Caroline era uma figura misteriosa. Lembrou-se de como eles não tiveram nenhuma vontade de resistir ao convite dela para entrar no carrossel. Seu rosto era tão acolhedor.

Viu novamente o rosto acolhedor. Estava mais velho agora. Imaginou-a à porta de sua própria casa. Então, entrou com ela. Dessa vez, estava dentro da lembrança de Eric!

Caroline olhou ao redor da sala e eles também. As cortinas estavam abertas, revelando a imensa janela; dava para ver nuvens escuras se acumulando no céu a oeste. No vaso, havia uma rosa de cabo longo, ainda a desabrochar. Caroline estava sentada de frente para ele, rindo. Depois, franziu a testa.

A lembrança deu um salto, como um filme de edição ruim, com interferência na imagem.

Ria e franzia a testa, depois ria de novo. Mal dava para Tristan ouvir o que conversavam; estavam sendo levados por ondas de emoção.

Caroline jogava a cabeça para trás e ria. Ria quase que histericamente e Tristan sentia uma imensa sensação de medo e frustração.

Agarrou os braços de Caroline e a chacoalhou tão forte que a cabeça foi para frente e para trás como uma boneca de pano. De repente, ouviu os gritos de alguém para ela:

– Escute! Estou falando sério! Não é piada! Ninguém está rindo além de você! Não é piada!

Tristan sentiu uma pressão apertando sua cabeça, comprimindo sua mente de forma tão intensa que achou que fosse se dissolver. Caroline e a sala se dissolveram, como a cena de um filme que se desintegra na frente de seus olhos; a tela ficou escura. Eric tinha reprimido aquela lembrança. Subitamente, seu quarto voltou a ser o foco.

Tristan levantou-se e moveu-se pelo quarto com Eric. Viu seus dedos abrirem uma mochila e pegarem um envelope. Eric sacudiu as

pílulas coloridas que brilhavam em sua mão trêmula, levou-as à boca e as engoliu.

Agora, pensou Tristan, era a hora de levar mais a sério os conselhos de Lacey sobre uma mente envenenada pelas drogas. Saiu de lá rapidamente.

Capítulo 11

Capas e dentaduras têm sido muito vendidas! – disse Betty ao verificar os recibos de vendas da 'TIS The Season. – Está havendo alguma convenção de vampiros no Hilton esta semana?

– Não sei – murmurou Ivy, contando o troco de um cliente pela terceira vez.

– Acho que você precisa descansar um pouco, querida – disse Lillian.

Ivy olhou para o relógio. – Faz apenas uma hora que jantei.

– Eu sei, mas como você vai fechar a loja para Betty e eu, e acabou de entregar àquele doce rapaz que comprou a capa do Drácula um par de lábios de cera...

– Lábios de cera? Tem certeza?

– Vermelhos rubi – disse Lillian. – Não se preocupe, consegui pegá-lo a tempo de fazê-lo trocar por um belo conjunto de caninos. Mas acho mesmo que você precisa de uma folguinha.

Ivy olhou para a caixa registradora, sentindo-se envergonhada. Estava cometendo um erro atrás do outro há três dias, apesar de as irmãs graciosamente fingirem que não estavam vendo. Imaginava se o caixa fora encerrado corretamente no domingo e na segunda. Estava surpresa com o fato de a deixarem fechar a loja naquela noite.

– Da última vez que você ficou assim, estava se apaixonando – comentou Betty.

Lillian olhou feio para a irmã.

– Não é isso dessa vez – disse Ivy com firmeza. – Mas talvez seja uma boa ideia dar um tempinho.

– Então vá, use o tempo que precisar – disse Lillian, empurrando Ivy com carinho.

Ivy andava de um lado para o outro no piso superior do shopping, tentando entender o que estava acontecendo mais uma vez. Gregory estava dando uma de tímido com ela: um roçar de mãos, troca de

olhares e cumprimentos gentis, recuando em seguida. No domingo à noite, a mãe dela tinha arrumado a mesa para o jantar, acendendo duas velas. Gregory olhou para Ivy do outro lado da mesa como já fizera tantas outras vezes, mas dessa vez havia uma chama dançando em seus olhos. Na segunda-feira, Gregory tinha saído cedo sem avisar ninguém. Ivy não sabia para onde ele tinha ido e nem ousava perguntar. Talvez para a casa de Suzanne. Talvez aquele sábado à noite tivesse sido apenas um momento de aproximação, um simples beijo, depois de todas as dificuldades que haviam superado juntos.

Ivy sentia-se culpada.

Mas era tão errado gostar de alguém que se preocupava com ela? Era errado querer tocar alguém que a tocava com tanta delicadeza? Era errado ter mudado de opinião sobre Gregory?

Ivy nunca se sentira tão confusa. Só uma coisa estava clara para ela: tinha de controlar seus sentimentos para se concentrar no que estava fazendo, dizia a si mesma – na mesma hora em que tropeçava em um carrinho de bebê.

– Opa! Desculpe!

A mulher que empurrava o carrinho sorriu, e Ivy retribuiu o sorriso, depois saiu de costas e bateu em um outro carrinho que vendia brincos e correntes. Balançou tudo.

– Desculpe! Desculpe!

Por pouco não derrubou uma lixeira, então decidiu ir direto ao Coffee Mill.

Ivy levou sua xícara de *capuccino* para um canto isolado do shopping. As duas lojas grandes que ficavam naquela parte estavam fechadas e muitas lâmpadas estavam queimadas. Sentou-se em um banco vazio sob a luz artificial do crepúsculo e tomou sua bebida. As vozes das pessoas que estavam do outro lado do shopping pareciam ondas suaves que não chegavam a se aproximar dela de verdade.

Ivy fechou os olhos um pouco, curtindo a solidão. Depois abriu-os,

virando a cabeça rapidamente, surpreendida com as três vozes distintas à sua direita. Uma delas era bem familiar.

– Está tudo aí – ele disse.

– Vou contar.

– Você não confia em mim?

– Disse que vou contar. Descubra você se confio ou não.

Em um corredor mal iluminado que levava ao estacionamento, Gregory, Eric e uma terceira pessoa conversavam, sem se darem conta de que alguém estava observando. Quando a terceira pessoa virou a cabeça, Ivy não acreditou em seus próprios olhos. Já tinha visto aquele homem do lado de fora da escola, era um traficante.

Mas, quando viu Gregory entregar uma sacola ao traficante, o que ela não podia acreditar era em como tinha se esquecido daquele outro lado de Gregory.

Como tinha se aproximado tanto de um rapaz cujos amigos eram ricos e fúteis? Como tinha se permitido confiar em alguém que, quando se entediava com o que possuía, resolvia correr riscos estúpidos? Por que tinha confiado em alguém que fazia joguinhos perigosos com seus amigos, sem se importar com quem estava magoando?

Tristan já lhe avisara uma vez, antes daquela noite do trem nas pontes, antes daquela noite em que Will quase morreu. Mas Ivy pensava que Gregory tivesse mudado desde aquele dia. Nas últimas quatro semanas ele... Bem, era óbvio que estava errada.

Levantou-se abruptamente do banco, derrubando o *capuccino* bem na sua frente.

Tristan! Gritou em sua mente. Ajude-me, Tristan! Ajude-me a colocar minha cabeça em ordem!

Saiu correndo pelo corredor em direção a uma área mais iluminada. Corria para pegar a escada rolante quando deu um encontrão em Will.

A garota com ele, uma morena que estava na festa do Eric, xingou

baixinho.

Will olhou para Ivy e ela devolveu o olhar. A forma como ele olhava para ela, como a mantinha hipnotizada com seu olhar, era quase insuportável.

– O que você está fazendo aqui? – Ivy quis saber.

– Qual o seu problema? – retrucou a garota.

Ivy ignorou-a. – Não me diga! Você teve um pressentimento, pensou que de alguma forma soubesse que...

Viu um brilho nos olhos dele e desviou o olhar.

A garota que estava com ele contraía-se de raiva, olhando para Ivy como se ela fosse louca e Ivy se sentiu um pouco louca mesmo. – Tenho... tenho de ir trabalhar – disse, mas ele ainda a segurava com o olhar.

– Se você precisar de mim, pode ligar – Will disse e virou a cabeça, como se alguém tivesse sussurrado algo por cima de seu ombro.

Ivy saiu apressada em direção à escada rolante, subindo mais rápido do que os degraus em movimento, correndo para a loja.

– Ai meu Deus! – disse Lillian quando Ivy entrou com tudo na loja.

– Minha nossa! – completou Betty.

Ivy estava ofegante, mais de raiva do que pelo fato de ter corrido e ficou parada olhando seu pálido vestido verde, que mais parecia coberto de lodo.

– É melhor lavarmos isso agora!

– Não! Está tudo bem – disse, tentando recuperar o fôlego, respirando lenta e profundamente para tentar se acalmar. – Só vou passar um pano – disse, caminhando em direção ao toalete no fundo da loja, mas Betty já estava procurando algo para ela em uma arara em que ficavam as fantasias enquanto Lillian procurava em outra.

– Vou passar um pano – repetiu – e já volto.

Lillian e Betty falavam em voz baixa.

– É um vestido velho mesmo – Ivy acrescentou.

Às vezes, elas se faziam de surdas.

– Algo bem simples – implorou. Da última vez ela teve de se vestir de alienígena usando baterias que a faziam piscar e emitir um som de bip.

As irmãs atenderem ao seu pedido, dando a ela uma blusa branca, justa e tomara que caia, e uma saia colorida.

– Ah, como ela fica bem de cigana – Lillian falou para Betty.

– Devíamos vesti-la a caráter todos os dias – concordou Betty.

Sorriram para ela como duas tias-avós caducas.

– Não se esqueça de apagar a luz do fundo, querida – disse Betty e as irmãs foram para casa junto de seus sete gatos.

Ivy suspirou aliviada. Estava feliz por cuidar da loja sozinha nas próximas duas horas. Ficaria ocupada o suficiente para manter sua mente longe do que tinha acabado de ver.

Estava com raiva, mais de si mesma do que de Gregory. Ele era quem era. Não tinha mudado sua forma de ser. Foi ela quem o transformou no garoto perfeito em sua mente.

Às 21h25, Ivy estava atendendo seu último cliente. O shopping estava praticamente vazio. Cinco minutos mais tarde, diminuiu a luminosidade da loja, trancou a porta por dentro e começou a contar o dinheiro e a juntar os recibos.

Ficou surpresa ao perceber que alguém batia na porta – Cigana! – ele chamou por ela.

– Gregory.

Por um momento, pensou em deixá-lo lá mesmo, trazendo à tona novamente a barreira de vidro que ele tinha erguido em janeiro passado. Foi até ele lentamente e destrancou a porta, deixando-a entreaberta.

– Estou te incomodando? – perguntou.

– Tenho de fechar o caixa e a loja.

– Vou ficar quietinho – prometeu.

Ivy abriu um pouco mais a porta e ele entrou.

Começou a ir em direção ao caixa, depois virou-se rapidamente e

parou. – Acho melhor resolver isso de uma vez por todas – disse.

Gregory esperou; agia como se soubesse que alguma bomba explodiria.

– Vi você, Eric e aquele outro cara, o traficante... fazendo uma troca.

– Ah, aquilo – disse, como se não fosse nada.

– Achei que você fosse falar alguma coisa do tipo “a partir de hoje não vamos mais ficar sozinhos juntos”.

Ivy olhou para baixo e começou a puxar uma linha da sua saia. Seria melhor mesmo se fizessem isso.

Gregory aproximou-se dela, colocando sua mão em cima da dela, não permitindo que arrancasse a linha.

– Eric usa drogas, você sabe disso. E ele chegou bem no fundo do poço com o nosso amigo traficante. E eu livrei a cara dele.

Ivy olhou nos olhos dele. Pareciam mais claros com a pele bronzeada, como um mar prateado em um dia nublado.

– Não a culpo, Ivy, por pensar que estava fazendo algo errado. Se achasse que Eric pararia se ficasse sem grana, jamais pagaria a dívida dele. Mas ele não vai parar e eles virão atrás dele.

Ele soltou a mão dela. – Eric é meu amigo. Somos amigos desde o 7º ano. Não sei mais o que fazer.

Ivy desviou o olhar, pensando em como Gregory era leal a Eric e em como ela tinha sido desleal com Suzanne.

– Vá em frente, diga o que está pensando – Gregory desafiou-a. – Você não gosta do que estou fazendo. Acha que eu deveria ter amigos melhores.

Ela balançou a cabeça. – Não o culpo pelo que fez. Eric tem sorte em ter um amigo como você, assim como eu. Assim como Suzanne, também.

Com um dedo, ele virou o rosto dela em sua direção. – Termine seu trabalho e podemos conversar um pouco mais. Vamos para algum lugar, certo? Não para casa.

– Certo.

– Você vai vestida assim? – perguntou sorrindo.

– Ah! Esqueci. Derramei *capuccino* no meu vestido. Está de molho na pia.

Ele riu. – Não me importo. Você está... ãh... exótica – disse, descendo o olhar para seus ombros nus.

Ela hesitou um pouco.

– Acho melhor procurar uma fantasia para mim.

Gregory começou a olhar onde estavam os chapéus e as perucas. Um pouco depois, perguntou para ela: – Que tal esse?

Ivy levantou a cabeça por detrás da caixa registradora e deu uma gargalhada.

Ele tinha colocado uma peruca ruiva, toda encaracolada, um chapéu por cima e uma gravata borboleta de bolinhas.

– Lindo!

Gregory experimentava uma fantasia atrás da outra – uma máscara do Klingon, o guerreiro alienígena do Star Trek, a cabeça e o peito do King Kong e um enorme chapéu florido com uma sucuri enrolada.

– Palhaço – disse Ivy.

Ele sorriu para ela, sacudindo a estola de plumas.

– Se você quiser experimentar um traje completo, tem vestiários no fundo da loja. O da esquerda é grande, cercado de espelhos. Você tem visão de todos os ângulos. Sinto muito que Philip não esteja aqui para brincar com você.

– Você pode brincar comigo quando terminar – ele comentou.

Ivy trabalhou mais um pouco. Quando finalmente fechou os livros, viu que ele tinha sumido no fundo da loja.

– Gregory?

– Sim, querrida! – disse, forçando um sotaque.

– O que você está fazendo?

– Venha aqui, doçurra! Estou esperrando você.

Ela ria sozinha. – O que você está aprontando?

Ivy foi na ponta dos pés ao vestiário, abrindo a porta devagar.

Gregory, que estava escondido atrás da parede, virou-se rapidamente, pulando na frente dela.

– Ah! – prendeu a respiração. Não estava fingindo; Gregory era um vampiro estonteantemente bonito com aquela camisa branca com decote V e uma capa de colarinho alto. Tinha penteado o cabelo para trás e seus olhos exibiam um ar travesso.

– Olá, minha florr!

– Me diga uma coisa – disse, recuperando-se do susto. – Se eu pegar umas calças de caubói, você para de puxar os “erres”?

– Clarro que não! Prefirro assim! – puxou-a para dentro do vestiário. – E atrrevo dizerr, querrida, que seu pescoço é adorrável!

Ivy riu. Ele mostrou os dentes afiados e começou a fingir mordiscar o pescoço dela, provocando cócegas.

– Onde devo fincar a estaca de madeira? – perguntou, afastando-se dele um pouco. – Bem aqui? – deu uma pancadinha na parte aberta da camisa dele.

Gregory pegou a mão dela e a segurou demoradamente. Depois, tirou os dentes postiços e levou a mão dela à boca dele, beijando-a suavemente. Trouxe-a para mais perto dele. – Acho que você já fincou a estaca diretamente no meu coração.

Ivy olhou para ele, mal conseguindo respirar. Seus olhos queimavam como carvões em brasa por debaixo das pálpebras fechadas.

– Que pescoço adorável – disse, inclinando sua cabeça, deixando o cabelo cair para frente. Beijou-a suavemente no pescoço. Beijou-a novamente e mais uma vez, lentamente fazendo sua boca ir de encontro à dela.

Seus beijos ficaram mais insistentes. Ivy respondia com beijos mais delicados. Ele a apertou contra seu corpo, segurando-a firme, depois soltou-a subitamente, abaixando-se na frente dela. Ajoelhou-se para ela, aproximando-se cada vez mais, suas mãos fortes e carinhosas deslizando lentamente pelo corpo dela, puxando-a para baixo para

ficar junto dele. – Está tudo bem! – disse com delicadeza. – Está tudo bem!

Entrelaçaram seus corpos e viraram-se de lado. Então, Ivy abriu os olhos. Para onde quer que olhasse, via sua imagem refletida nos espelhos que circundavam o ambiente; podia ver seu corpo enroscado ao de Gregory em cada ângulo do vestiário.

Desvencilhou-se dele. – Não! – levou as mãos ao rosto, cobrindo os olhos.

Gregory tentou tirar as mãos dela da frente do rosto. Ela se virou para a parede, agachando-se no canto, mesmo assim, não conseguia se livrar do reflexo da garota que estava beijando Gregory.

– Isso não está certo!

– Não está certo?

– Não é uma coisa boa. Nem para você, nem para mim ou para Suzanne.

– Esqueça a Suzanne! O que importa somos você e eu!

– Não esqueça Suzanne! – implorou Ivy com delicadeza. – Há muito tempo que ela o quer. E eu, eu só quero estar perto de você, quero falar com você, quero tocá-lo. E beijá-lo. Como posso evitar se você tem sido maravilhoso para mim? – respirou fundo e continuou. – Sei que ainda estou apaixonada por Tristan.

– E você acha que eu não sei? – riu. – Você deixa isso bem claro.

Ele deu um passo adiante e segurou a mão dela. – Sei que você ainda o ama e também sofre por ele. Deixe-me ajudá-la a amenizar a dor.

Segurava a mão dela gentilmente com ambas as mãos.

– Pense nisso, Ivy. Apenas pense – disse.

Ela concordou sem dizer nada, usando a mão que estava livre para brincar com a linha pendurada na saia.

– Vou trocar de roupa e vamos para casa em carros separados. Vou fazer um caminho mais longo, assim não chegaremos na mesma hora. Nem vamos ver um ao outro indo para seu próprio quarto. Então

– aproximou o rosto dela da sua boca – esse é o meu beijo de boa-noite – disse, tocando gentilmente os lábios dela com as pontas de seus dedos.

Quando Tristan acordou, apenas seu brilho suave iluminava o vestiário, refletindo em todos os espelhos. Mas a escuridão que dominava o ambiente vazio era mais do que a simples ausência de luz. A escuridão parecia algo real, palpável, uma forma macia, mas ameaçadora, uma presença que conseguia deixar Tristan com raiva e com medo ao mesmo tempo.

– Gregory – disse em voz alta, e as cenas que havia presenciado algumas horas atrás voltavam a sua mente. Por um momento, pensou que o quarto estivesse iluminado. Será que Gregory tinha mesmo se apaixonado por Ivy? Tristan se perguntava. E será que estava falando a verdade sobre Eric e o traficante? Tristan tinha de saber, tinha de entrar na mente dele. – Você é o próximo, Gregory. Você é o próximo.

– Dá para parar de falar sozinho? Como uma garota consegue ter seu sono de beleza desse jeito?

Tristan saiu pela porta do vestiário e entrou na loja, que estava iluminada por duas luzes noturnas bem turvas e uma placa de saída. Lacey estava toda esticada aos pés do King Kong.

– Esperei por você em sua suíte no Riverstone Rise – disse, segurando uma flor murcha. – Trouxe isso para você. Havia outras, tão murchas quanto, formavam um “T” no seu túmulo. Calculei que deve fazer um tempinho que você não vai até lá.

– Não tenho ido.

– Dei uma olhada no Eric – continuou. – Caso você tivesse se perdido naquele parque de diversões conhecido como a mente dele. Depois fiz o mesmo com Ivy, que, por sinal, não está tendo uma boa noite. Então, quais as novidades?

– Ela está bem? – perguntou Tristan. Queria tê-la seguido até em casa, tendo o descanso de que precisava por lá. Daí teria a certeza de que Ella estaria por perto; poderia até ter chamado Philip se

precisasse dele. Mas sabia que, se tivesse ido com ela, ficaria acordado até bem tarde, observando. – Ela está bem?

– Ela é a Ivy – retrucou Lacey, ajeitando o cabelo. – Então, me diga, o que foi que perdi na novela? Gregory está tão agitado quanto ela. Que bicho o picou?

Tristan contou para Lacey o que acontecera naquela noite, contou também sobre sua experiência na cabeça de Eric – a lembrança da cena na casa de Caroline, com seus sentimentos exagerados de medo e frustração. Lacey ouviu um pouco, depois começou a caminhar pela loja.

Materializou seus dedos e experimentou uma máscara, virando o rosto para Tristan e, em seguida, trocando por outra.

– Talvez essa não seja a primeira vez que Eric tenha se afundado – disse Lacey. – E se o Eric costumava assediar Caroline para conseguir dinheiro para as drogas? Da mesma forma como assedia Gregory agora? E se, naquela noite, quando precisou de dinheiro, Caroline tenha resolvido dar um basta?

– Não. Não é tão simples assim – respondeu Tristan um tanto rápido demais. – Sei que não é tão simples.

Ela arqueou a sobrancelha para ele e perguntou: – Você sabe ou só quer acreditar que sabe?

– O que você quer dizer?

– Parece-me que você acha só um pouquinho satisfatório provar que Gregory seja culpado. O pobre, inocente e lindo Gregory – disse, provocando Tristan. – Talvez ele seja apenas culpado por fazer joguinhos com a sua garota e por ter se apaixonado por ela – e ela por ele – comentou maliciosamente.

– Você não pode acreditar no que está dizendo! – disse Tristan.

Deu de ombros. – Não estou dizendo que Gregory não seja um cretino às vezes, mas em outras, pelo menos uma vez, ele foi bom o suficiente para salvar o pescoço de seu amigo perdido – correu a língua pelos dentes e sorriu. – Acho que ele é rico, bonito e inocente.

– Se ele for inocente, a memória dele vai dizer – concluiu Tristan.

Lacey balançou a cabeça, ficando séria de repente. – Dessa vez, ele vai jogar você lá na lua.

– Vou correr o risco e vou me dar bem, Lacey.

Ela semicerrou os olhos para ele.

– Você estava certa. Foi mais fácil entrar na mente de Eric quando seu sono estava leve. Vou tentar fazer o mesmo com Gregory.

– Isso me ensina a não ensinar a você!

Tristan inclinou a cabeça. – Você vai marcar alguns pontos, Lacey. Pontos angelicais por me ajudar a completar minha missão.

Ela desviou o olhar.

– E esse pontos poderão te ajudar a terminar a sua. Não é isso que você quer?

Ela deu de ombros e manteve-se de costas para ele.

Tristan olhou confuso para ela. – Há algo que eu não tenha entendido?

– Muitas coisas, Tristan – suspirou. – O que você quer que eu faça com essa flor?

– Jogue-a fora, acho. Foi muito legal você tê-la trazido para mim, mas gastaria muita energia carregando-a. Então, tenho de ir.

Ela concordou.

– Obrigada, Lacey.

Ela continuou de costas.

– Você é um anjo!

– Ãh-hã!

Tristan se apressou e chegou ao quarto de Ivy na mesma hora em que o céu começava a clarear. Era tão tentador materializar apenas um dedo para deslizar no rosto dela.

Eu te amo, Ivy. Nunca deixei de te amar.

Só um simples toque suave, era tudo o que queria. O que isso poderia custar? Um simples toque?

Saiu de perto dela antes de ceder à tentação, deixando para usar

toda a energia necessária em Gregory.

Gregory tinha um sono agitado. Tristan correu os olhos pela coleção musical dele e encontrou um CD com o qual se familiarizava. Materializou dois dedos e colocou o CD para tocar em um volume baixo. Deu uma cutucada em Gregory, e ele mesmo começou a acompanhar a música, cantando a letra, concentrando-se nas imagens da canção.

Mas, por algum motivo, Tristan se confundia com a letra. Pensou que soubesse a música de cor. Tentou recobrar o foco, depois percebeu que suas imagens estavam se misturando a outras – as de Gregory.

Entrei, Lacey! Entrei!

De repente, conseguia sentir Gregory procurando por ele, movimentando a mão sem enxergar nada, desesperado, da mesma forma que uma pessoa que está dormindo procura por seu despertador que começa a tocar. Tristan ficou imóvel, totalmente paralisado, e a música levou Gregory para longe dele.

Tristan ficou aliviado. Quanto tempo até que Gregory o arrancasse de sua mente? Perguntava-se.

Mas cada pensamento desses, tão diferente dos pensamentos de Gregory, faria com que ele ficasse alerta novamente. Tristan não podia pensar no que estava fazendo, simplesmente tinha de fazê-lo. Tinha de se concentrar no abajur de pé na sala de estar de Caroline. No dia em que ele e Lacey deram uma busca na casa, tinha percebido que ficava perto da cadeira em que a polícia tinha encontrado o corpo de Caroline. O abajur de halogênio, de cabo longo e um disco de metal no topo, era algo tão comum que não criaria suspeita, mas poderia desencadear a memória visual de Caroline, sentada na cadeira, naquela tarde no final de maio.

Tristan se concentrou nisso. Rodeou essa imagem em sua mente. Tentava pegar o abajur como se fosse ligá-lo.

E, então, viu-se em pé na sala de Caroline. Ela estava sentada na

cadeira, de costas para ele, meio que achando graça de alguma coisa. De repente, ela se levantou. Estava com as bochechas coradas, o rubor era intenso, e aumentava, da mesma forma que acontecia com Gregory quando estava com raiva. Mas havia também um brilho de vitória nos olhos dela.

Caminhou até uma escrivaninha. Tristan, dentro da lembrança de Gregory, ficou onde estava, perto do abajur. Caroline pegou um pedaço de papel e acenou para ele, como se estivesse fazendo uma provocação. Sentiu Gregory cerrar os punhos.

Ela se aproximou dele. Tristan achava que ela o estava mandando olhar para o papel, mas não conseguia ouvir as palavras com clareza. Sua raiva aumentou tão rapidamente, a fúria dentro dele era tão grande, que seu coração não parava de bater apressado, o sangue corria pelo corpo como se estivesse cantando em seus ouvidos.

Então, ele levantou a mão. Bateu no abajur, atirando-o nela. Ele a viu cambalear, voando como se fosse personagem de desenho animado contra o brilho azul da janela da sala.

Ele gritou. O próprio Tristan gritou quando viu Caroline ser arremessada contra a janela e uma longa faixa de sangue cobrir seu rosto.

De súbito, Gregory começou a se agitar e Tristan sabia que ele ouvira seu grito. Era ele quem levaria a próxima pancada. Afastou-se para sair. Contudo, as imagens rodopiavam como se fossem peças afiadas de vidro colorido em um caleidoscópio. Sentiu-se tonto e nauseado. Não conseguia separar sua própria mente da de Gregory. Percorria um labirinto repleto de pensamentos insanos, circulares e infinitos. Sabia que estava preso.

Todavia, uma voz repentina começou a chamar por Gregory, implorando para que acordasse. Ivy.

Ele a viu pelos olhos de Gregory. Ela estava de roupão, inclinando-se sobre ele. Os cabelos caíam no rosto. Seus braços o envolviam, tranquilizando-o. Assim, Gregory ateve-se ao seu turbilhão de

pensamentos, deixando Tristan sair.

Capítulo 12

É isso aí, Philip! – disse Gregory, levantando a camisa para tirar o suor do rosto. – Não vou mais te dar nenhuma aula de tênis. Você vai ganhar de mim sempre que jogarmos.

– Então sou eu quem vai dar aulas para você – respondeu Philip, extremamente satisfeito consigo mesmo.

Gregory terminou de tirar a camiseta úmida e deu um tapinha de leve em Philip. – Pirralho!

Ivy e Maggie, que assistiam à aula daquela quinta-feira de manhã, riram.

– É assim que eu sempre esperei que fosse – disse Maggie.

Era um perfeito dia de verão, o azul do céu parecia um cartão postal, os pinheiros balançavam com a brisa leve. Estavam todos juntos, sentados próximos à quadra de tênis, Ivy tomava sol e sua mãe estava na parte da toalha em que havia sombra.

Maggie suspirava de alegria. – Finalmente somos uma família! E posso sair sabendo que meus filhotes estarão felizes e seguros em casa.

– Não desperdice momento algum pensando em nós, mamãe. Você e Andrew merecem um tempo a sós no lago.

Maggie concordou. – Andrew com certeza precisa de um tempo de descanso. Alguma coisa tem o incomodado ultimamente. Geralmente, antes de dormir, ele me conta tudo o que aconteceu durante o dia, todos os detalhes de tudo. É assim que eu durmo.

Ivy riu.

– Mas sei que há algo que o preocupa, e ele não está dividindo isso comigo.

Ivy colocou a mão por cima da de sua mãe. – Vocês dois precisam mesmo ficar um pouco longe de nós e da faculdade também. Espero que você se divirta, mamãe.

Sua mãe deu-lhe um beijo e levantou-se para se despedir de Philip.

Colocou o braço no ombro dele e disse: – Seja um bom menino, docinho.

Philip fez uma careta.

– Pode deixar – respondeu Gregory todo animado.

Maggie riu e marcou o rosto de Philip com um enorme beijo cor-de-rosa. Hesitou, mas acabou dando um beijinho suave em Gregory também.

– Cuide do meu bebê – Ivy ouviu sua mãe dizer baixinho. – Cuide do meu bebezão e do meu bebezinho.

Gregory riu. – Pode contar comigo, Maggie.

A mãe de Ivy saiu feliz, e seu enorme livro de bolso sacudia em suas costas. As bagagens já estavam no carro; ela ia buscar Andrew depois de sua reunião matutina.

Gregory sorriu para Ivy, depois se esticou ao lado dela na toalha. – Nos próximos três dias, podemos fazer tudo o que quisermos, na hora que quisermos.

– Vou fazer um sanduíche – disse Philip. – Querem um?

Ivy balançou a cabeça negativamente. – Tenho de ir trabalhar daqui a pouco. Vou comer alguma coisa no shopping.

– Que tipo de sanduíche? – Gregory perguntou.

– Requeijão, canela e açúcar.

– Acho que vou passar dessa vez.

Philip começou a ir para dentro de casa, mas não antes de limpar o rosto na camiseta, tirando-a em seguida para golpear uma árvore com ela.

Quando seu irmão desapareceu por detrás da alameda de pinheiros que separavam a casa da quadra de tênis, Ivy disse: – Sabe, ele está imitando você. O que acha de ser o ídolo dele?

– Sei lá – disse, com um sorriso torto. – Acho que tenho de melhorar minha postura.

Ivy riu, ajeitando-se na toalha. – Obrigada por ter sido gentil com a minha mãe – disse.

– Prometendo tomar conta do bebê dela? Não é uma promessa difícil de cumprir – Gregory deitou-se mais perto de Ivy, olhou para ela e correu a mão suavemente por seu abdômen. – Sua pele é tão quentinha.

Ivy sentiu um calor interno. Colocou a mão por cima da de Gregory.

– Por que você não usou esse biquíni na festa do Eric?

Ivy riu. – Só uso onde me sinto à vontade.

– E você se sente à vontade comigo? – levantou-se em um impulso só e olhou nos olhos dela, depois deixou seu olhar passear lentamente pelo corpo dela.

– Sim e não.

– Você é sempre tão honesta – disse, inclinando-se sobre ela, sorrindo.

Sem tocá-la, levou sua boca até à dela. Ela o beijou. Ele recuou por um momento, depois aproximou a boca novamente, ainda sem encostar nela, a não ser em seus lábios.

Beijaram-se pela terceira vez, então Ivy entrelaçou as mãos pelo pescoço dele, trazendo-o para perto de si.

A cabeça de Gregory foi puxada e Ivy agarrou-se na ponta da toalha.

– Parece que você encontrou coisa melhor para fazer – disse Eric, cumprimentando Ivy com a cabeça.

Gregory saiu de cima dela e Ivy se enrolou no cobertor, como se Eric a tivesse visto sem roupas. Sentiu-se nua pela forma como ele olhou para ela. Sentiu-se exposta.

Eric riu.

– Vi um filme sobre uma irmã que não conseguia ficar longe do irmão.

– Irmão adotivo – salientou Gregory.

Ivy contraía-se dentro da toalha.

– Tanto faz. Acho que você já esqueceu o Tristan, não é? O Gregory curou a sua dor?

– Cai fora, Eric – avisou Gregory.

– Ele é melhor nisso que o Tristan? – Eric perguntou, falando baixo e de forma suave. – Com certeza ele sabe exatamente como agir – as palavras dele pareciam cobras percorrendo a mente de Ivy.

– Cale a boca! – gritou Gregory, ficando de pé.

– Mas você sabia disso, não sabia? – continuou com a mesma voz sedosa. – Você sabia sobre o Gregory porque as garotas falam sobre isso.

– Saia daqui!

– Suzanne teria lhe contado – Eric continuou.

– Estou te avisando...

– Suzanne teria contado a sua melhor amiga como Gregory é ardente – disse Eric, rodopiando a cintura.

– Saia da minha propriedade!

Eric virou-se para Gregory e riu. – Sua propriedade? – abriu os lábios em um sorriso prolongado. – Sua? Talvez um dia, se você tiver sorte.

Gregory não disse nada por um momento, depois falou com uma voz calma, porém ameaçadora: – É melhor esperar que eu tenha, Eric. Porque se eu não tiver, você também não terá – deu vários passos na direção do amigo.

Eric saiu correndo. Olhava por cima dos ombros e ria, como uma criança que foge e desafia os outros a pegá-la, mas havia algo de maníaco na forma como ele ria que fez com que o sangue de Ivy gelasse.

Philip, que havia saído de casa ao ouvir a gritaria, corria pelo gramado para encontrá-los.

– Qual o problema? – perguntou. Olhava para Gregory e para Ivy, que estava em pé ao lado dele, ainda enrolada na toalha. – O que aconteceu?

– Nada – disse Gregory. – Nada com que tenha de se preocupar.

Philip olhou para ele com desconfiança, depois virou-se para Ivy e

perguntou: – Você está bem?

Ela balançou a cabeça em silêncio.

Gregory colocou o braço no ombro de Ivy. – Eric disse umas coisas ruins para ela.

– Que tipo de coisas ruim?

– Só coisas ruins – Gregory respondeu.

– Como o quê?

– Não quero falar sobre isso agora – disse Ivy.

Philip mordeu os lábios, depois se virou e começou a caminhar para longe deles.

Ivy sabia que ele se sentia excluído. Soltou-se do abraço protetor de Gregory. – Você pode me abraçar, Philip? Sei que você está crescendo, mas estou me sentindo meio mal. Posso ganhar um abraço?

Seu irmão se virou e a abraçou, apertando-a bem forte.

– Nós vamos cuidar de você – sussurrou.

– Vocês vão? – sussurrou também.

– Gregory e eu – afirmou-lhe. – E o anjo Tristan.

Ivy soltou-se rapidamente dele. Fez o maior esforço para não tremer. – Obrigada – disse, entrando correndo em casa.

Quando Tristan ouviu a gritaria, correu para a janela para ver o que estava acontecendo. Gregory e Eric estavam escondidos atrás das árvores. O som de suas vozes chegava até ele, mas não dava para entender as palavras. O confronto terminou quase tão rápido quanto começou.

Tristan ponderou sobre o que fazer. Queria ter certeza de que Ivy estava bem, mas não podia deixar o quarto de Gregory do jeito que estava naquele momento.

Tinha passado a manhã toda procurando por pistas no quarto, e as gavetas ainda estavam abertas, e os bolsos das calças e jaquetas virados do avesso. Se Gregory descobrisse que alguém havia mexido nas suas coisas, ficaria muito mais cauteloso, e isso tornaria ainda

mais difícil descobrir o que estava acontecendo.

Da última vez que Ivy precisara de ajuda, tinha chamado por Tristan, em silêncio, mas ele a ouvira. Estava há algum tempo totalmente imóvel, ouvindo atentamente. Quando percebeu que ela não corria perigo, decidiu ficar por lá para começar a colocar tudo em ordem.

Um pouco depois, ouviu Ivy correr para o quarto, seguida da conversa de Gregory e Philip que entravam em casa. Tristan começou a agir com mais velocidade, mas foi rapidamente perdendo a força. Seus dedos, por terem se materializado repetidamente em curtos intervalos de tempo, estavam ficando cansados e desajeitados. Mal conseguia abrir e fechar a escrivaninha de Gregory.

Havia uma revista antiga da escola em cima dela, fazendo peso em cima de artigos de jornal que Gregory tinha guardado. Um pouco antes, Tristan lera os artigos, tentando entender por que interessavam a Gregory. E agora estavam todos espalhados. Pegou um deles e colocou-o debaixo de uma pilha de caixas que continham fitas de videocassete.

Várias fitas caíram das caixas e Tristan apressou-se em pegá-las. Dava para ouvir Gregory conversar com Philip no pé da escada dos fundos, contudo, quanto mais corria, mais bagunça fazia.

Uma das fitas não queria entrar na caixa, tinha algo que a prendia.

Tristan concentrou toda sua energia e tirou-a da caixa. Então, viu o papel celofane amarrado à caixa preta, contendo três cápsulas vermelhas.

Ouviu os degraus rangerem. Gregory estava se aproximando. Tristan rasgou o plástico, colocou a fita de volta na caixa, e deixou-a no topo da pilha. Sabia que Gregory não conseguiria vê-lo, mas veria as pílulas vermelhas. Juntando suas últimas forças, Tristan escondeu-as atrás da mesa. Gregory entrou no quarto meio segundo depois.

Tristan jogou-se no chão, exausto. Viu que tudo estava no lugar, menos um folheto com o horário do trem que estava no chão, onde as caixas haviam caído.

Sem problemas, disse a si mesmo. Gregory pensaria que caíra da mesa, pois não havia nada em cima dele.

Na verdade, Gregory nem percebeu o horário no chão, apesar de ter ido se sentar diretamente na escrivaninha. Havia gotas de suor em sua testa, e sua pele havia mudado de cor, ficando pálida sobre o bronzeado. Segurou a cabeça com as mãos.

De repente, jogou a cabeça para trás. Gregory olhava para o horário do trem no chão, depois olhou intrigado ao redor do quarto. Pegou a fita de vídeo e tirou-a da caixa. Ficou de queixo caído.

Olhou a etiqueta na caixa, depois foi arrancando uma fita atrás da outra de dentro das caixas. Arrancou o celofane de uma outra fita, que continha mais três cápsulas, e olhou ao redor do quarto novamente.

– Philip! – levantou-se abruptamente, derrubando a cadeira no chão. Olhou fixamente para a porta, depois parou e deu um tapa na parede. Ficou lá, sem ação, olhando para a porta que dava para o corredor, uma das mãos ainda segurava as drogas.

– Maldito pirralho!

Enfiou as cápsulas no fundo do bolso, depois colocou a carteira por cima. Ao retornar para sua mesa, arrumou a cadeira, depois se sentou e leu o horário do trem.

Tristan leu por cima do ombro dele e viu Gregory circular o horário do último trem depois da meia-noite. Saía de Tusset a 1h45, mas não parava na pequena estação de Stonehill. Gregory fez umas contas rápidas, escreveu 2h04, circulou duas vezes, depois colocou o horário debaixo de um livro. Ficou mais 15 minutos ali sentado, segurando o queixo com a mão.

Tristan queria saber o que se passava na mente de Gregory, mas estava muito cansado para tentar entrar. Gregory parecia bem mais calmo agora; tão calmo que era estranho. Havia se sentado calmamente e balançado a cabeça para si mesmo como se tivesse tomado uma grande decisão. Depois, pegou a chave do carro e foi

em direção à porta. Na metade da escada, Gregory começou a assobiar.

Capítulo 13

Acho que seus dias florescentes terminaram – disse Beth, olhando para a flor de papoula murcha que Ivy havia colocado em um copo com água em cima da mesa.

Quando Lillian e Betty abriram a loja na quinta-feira de manhã, encontraram a flor púrpura na boca do King Kong. Havia sido colocada de uma forma que mais parecia uma rosa na boca de um dançarino. Mais tarde, naquele mesmo dia, Ivy negou repetidamente ter sido a autora da brincadeira.

– Por que estamos tentando salvar a flor? – perguntou Beth enquanto chupava um sorvete de casquinha. – Não podemos comprar outra para o King Kong?

– Estavam vendendo papoulas no festival sábado – Ivy respondeu. – Comprei as de cor púrpura para Tristan. Philip e eu fomos até o cemitério.

– Fiquei feliz por Philip ter ido com você. Ele também sente a falta de Tristan. – Ele fez um “T” com as flores no túmulo – disse Ivy, sorrindo um pouco.

Beth concordou, como se tivesse ficado perfeitamente claro para ela o motivo de Ivy ter se incomodado com uma flor murcha jogada na loja.

– Estou ficando louca, não estou? – disse Ivy subitamente. – Eu deveria estar melhorando! Deveria estar conseguindo esquecer Tristan! E aqui estou eu, guardando esta estúpida flor como um *souvenir* porque ela se parece com a que eu...

Tirou a flor do copo e jogou-a em uma bandeja de pratos sujos que a garçonete passou segurando.

Beth levantou-se, foi atrás da garçonete e voltou com a flor de papoula.

– Talvez floresça – disse, colocando a flor de volta no copo com água.

Ivy balançou a cabeça e tomou seu chá em silêncio, enquanto Beth terminava o sorvete.

– Sabe – disse Beth finalmente –, estou sempre preparada para ouvir.

Ivy concordou. – Sinto muito, Beth. Ligo para você em um momento de pânico às 21 horas, tiro-a das suas histórias para vir tomar um lanche comigo na pista de boliche dos acima-dos-cinquenta-mas-ainda-dando-umas-chacoalhadas do Hotel Howard Johnson – olhou ao redor do salão verde e laranja que estava lotado – e agora não consigo conversar.

– Tudo bem – disse Beth mostrando seu sorvete para Ivy. – Estou tomando a cobertura tripla com chocolate duplo. Para isso, você pode me ligar até às 3 horas. Mas como você sabia que eu estava escrevendo?

Ivy riu. Beth encontrou-a no estacionamento vestindo calças de moletom improvisadas, sem maquiagem, e com os velhos óculos que usava somente quando estava grudada na tela do computador.

Um recado escrito em um *post-it* amarelo ainda estava grudado na camiseta dela, e seu cabelo estava preso para trás com um prendedor de clipe.

– Foi só um palpite – disse Ivy. – O que Suzanne vai fazer hoje à noite?

Ivy e Suzanne não se falavam desde o festival.

– Sair com alguém.

– Gregory? – Ivy perguntou, franzindo a testa. Ele tinha prometido ficar com Philip até que ela voltasse para casa à noite.

– Não, um cara que supostamente vai deixar Gregory morrendo de ciúmes.

– Ah!

– Ela não te contou? – Beth mostrou-se surpresa. – Ela só fala nisso – ao ver o olhar de Ivy, acrescentou rapidamente: – tenho certeza de que ela pensou ter contado. Sabe como é, você diz algo a uma

pessoa, e pensa que disse para outra.

Ivy concordou, mas as duas sabiam que não era o caso.

– Gregory não tem saído muito com Suzanne ultimamente – disse Beth, parando para lamber o sorvete que derretia. – Mas você sabe disso.

Ivy deu de ombros. – Ele sai, mas não pergunto aonde vai.

– Bem, Suzanne tem certeza de que ele está saindo com outra pessoa.

Ivy começou a desenhar figuras no seu jogo americano.

– Primeiro Suzanne pensou que ele estivesse só se divertindo.

Não se preocupou porque não era ninguém em especial. Mas agora ela acha que ele está saindo com uma pessoa só. Ela acha que ele está apaixonado por alguém.

Ivy olhou para cima e viu que Beth a analisava. Será que ela podia mesmo ler a mente das pessoas, perguntava-se, ou é só o meu rosto que está me entregando?

– Suzanne vive me perguntando o que eu acho que está acontecendo – continuou Beth, com a sobrancelha levemente arqueada.

– E o que você falou para ela?

Beth piscou várias vezes, depois desviou o olhar. Observava uma garçonete de cabelos brancos flertar com dois homens carecas vestidos com o uniforme do boliche.

– Não sou uma boa pessoa para se perguntar – disse finalmente. – Você me conhece, Ivy. Estou sempre observando as pessoas e acrescentando coisas ao que vejo para criar histórias com elas. Esqueço qual foi a parte que inventei e qual é a verdade.

– O que você acha que é realmente verdadeiro em Gregory? – Ivy insistiu.

Beth balançava seu sorvete. – Acho que ele se esquiva um pouco. Acho que, ãh, várias garotas gostam dele. Mas não sei dizer em quem ele está realmente interessado ou no que está realmente

pensando. Não consigo interpretá-lo muito bem.

Beth deu uma mordida no sorvete, pensando enquanto mastigava – Gregory é como um espelho. Ele reflete a personalidade da pessoa com quem está. Quando está com Eric, parece agir como ele. Quando está com você, é atencioso e engraçado como você. O problema para mim é que nunca consigo ver quem ele é, da mesma forma que não consigo ver como é um espelho de verdade, uma vez que reflete quem quer que esteja ao redor dele. Entende o que quero dizer?

– Acho que sim.

– O que devo dizer, Ivy? – Beth perguntou, mudando o tom de voz. Implorava por uma resposta. – Vocês duas são minhas amigas. Quando Suzanne pergunta o que está acontecendo, o que devo dizer?

– Não sei – Ivy começou a examinar o jogo americano novamente, lendo todas as descrições das sobremesas do boliche. – Falo para você assim que souber, está bem? Então, como vão as suas histórias?

– As minhas histórias? – Beth repetiu, achando difícil conseguir mudar o assunto. – Bem, tenho boas notícias.

– É mesmo? Me conta!

– Vão publicar o que escrevo. Quer dizer, em uma revista de verdade – os olhos azuis de Beth brilhavam. – *True Heart Confessions*.

– Beth, isso é ótimo! Qual história?

– A que apresentei no Clube de Arte Dramática. Sabe, saiu na revista de literatura da escola na primavera passada.

Ivy tentou se lembrar. – Já li tantas!

– Ela colocou a arma em seu peito – Beth começou. – Dura e azul, fria e inflexível. Fotos dele. Frágeis e desbotadas fotos dele, dele e dela, rasgadas, ensopadas pelas lágrimas salgadas etc., etc.

Duas garçonetes, carregando bandejas cheias, pararam para ouvir.

– O que foi? – Beth perguntou. – Você tá com uma cara estranha.

– Nada... nada. Só estava pensando – Ivy respondeu.

– Você tem pensado demais ultimamente.

Ivy riu. – Talvez continue pensando no mês que vem, quando as aulas recomeçarem.

A conta estava sobre a mesa. Ivy pegou a bolsa.

– Escuta – disse Beth –, por que você não dorme na minha casa hoje à noite? Não precisamos conversar. Podemos assistir a alguns vídeos, fazer as unhas, assar uns biscoitos...

Ivy sorriu e começou a mexer na bolsa para pegar dinheiro.

– Tenho de ir para casa, Beth.

– Não tem, não.

Ivy parou de mexer na bolsa. Beth tinha falado com tanta certeza.

– Não sei por que, Ivy – disse Beth constrangida, enrolando o cabelo com os dedos. – Só sei que você não deve ir para casa.

– Tenho de ir para casa. Se Philip acordar no meio da noite e vir que não estou lá, vai achar que aconteceu alguma coisa.

– Liga para ele e, se ele estiver dormindo, peça para o Gregory deixar um bilhete ao lado da cama dele. Você não deve ir para casa hoje. É... um pressentimento, um pressentimento muito forte.

– Beth, sei que você tem esses pressentimentos, e você já acertou antes, mas dessa vez é diferente. As portas estarão trancadas.

Gregory estará em casa. Não vai acontecer nada comigo.

Beth olhava por cima do ombro de Ivy, semicerrando os olhos como se estivesse tentando focar em alguma coisa.

Ivy virou-se rapidamente e viu um homem de cabelos encaracolados, vestindo uma camisa amarelo-ouro do boliche. Ele piscou para ela e ela logo voltou a cabeça para frente.

– Posso dormir na sua casa? – Beth perguntou.

– O quê? Não. Hoje não. Preciso dormir um pouco e você precisa terminar a história que eu interrompi. Hoje quem paga sou eu – disse

Ivy pegando a conta que estava na mesa.

No estacionamento Ivy se despediu várias vezes de uma relutante Beth que, finalmente, deixou-a ir embora.

No caminho para casa, pensou na história de Beth. Os detalhes da morte de Caroline não tinham sido revelados, então Beth não tinha como saber sobre as fotos rasgadas no dia em que Caroline se matou. Era engraçado como Beth criava fatos em suas histórias que pareciam irrelevantes e até melodramáticos, mas, depois, alguma versão similar a eles vinha à tona.

Quando Ivy chegou em casa, viu que as luzes estavam apagadas, menos uma, um abajur no quarto de Gregory. Tinha esperança de que ele não percebesse seu carro sendo estacionado, então deixou-o fora da garagem. Assim, se ele ficasse preocupado, poderia ver que ela chegara sã e salva em casa. Ivy planejava subir ao seu quarto pela escada central para não ter de passar pelo quarto dele. Gregory tinha ligado duas vezes para a loja à tarde. Sabia que ele queria conversar, mas não estava pronta para isso.

A noite estava agradável, mas a lua ainda não iluminava o céu, havia apenas estrelas. Ivy apreciou-as por um momento, depois seguiu em silêncio pelo gramado e pelo pátio.

– Onde você estava?

Ela deu um pulo. Não tinha visto que ele estava sentado na penumbra.

– Como?

– Onde você foi?

Ivy se incomodou com o tom de voz dele.

– Achei que você viria para casa logo depois do trabalho.

Ivy jogou as chaves na mesa de ferro, fazendo o maior barulho.

– E eu achei que não seria questionada por ficar fora apenas por uma hora. Não por você. Estou ficando cansada disso, Gregory!

Dava para ouvir ele mudando o peso do corpo na cadeira, mas não dava para ver o rosto dele.

– Estou ficando cansada de todo mundo querer tomar conta de mim! Beth não é minha mãe e você não é meu irmão mais velho!

Ele riu. – Estou feliz por ouvir isso. Estava com medo de que as palavras de Eric a tivessem deixado confusa.

Ivy abaixou a cabeça um pouco e disse: – Talvez tenham – deu um passo em direção à entrada da casa.

Gregory segurou o pulso dela. – Precisamos conversar.

– Preciso pensar, Gregory.

– Então, pense em voz alta.

Ela balançou a cabeça.

– Ivy, ouça-me. Não estamos fazendo nada de errado.

– Então, por que me sinto tão... confusa? E tão desleal?

– Com Suzanne?

– Suzanne acha que você está saindo com outra.

– E estou – disse em voz baixa. – Só não sei se ela está saindo comigo... você está, Ivy?

Ivy mordeu os lábios. – Não estou pensando só em Suzanne.

– Tristan.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele puxou o braço dela, trazendo-a mais para perto. – Sente-se.

– Gregory, não quero falar sobre isso.

– Então, só ouça. Ouça o que tenho a dizer. Você ama o Tristan. Ama como não ama ninguém mais.

Ivy deu um passo para trás, mas ele segurou os dedos dela com força. – Ouça! Se você tivesse morrido no acidente, o que ia querer que Tristan fizesse? Ia querer que ninguém mais gostasse dele? Ia querer que ele ficasse sozinho para o resto da vida?

– Não, claro que não.

– Claro que não – ele repetiu suavemente.

Então, ele a fez sentar-se na cadeira junto dele. O metal era frio e duro.

– Penso em você dia e noite – disse.

Ele acariciou-a delicadamente, deslizando os dedos por sua nuca. Beijou-a tão delicadamente quanto beijaria uma criança.

– Estou esperando aqui a noite toda. Preciso sair. Que tal dar uma volta comigo?

– Não podemos deixar Philip sozinho.

– Claro que podemos. Ele está em sono profundo. A gente tranca a casa e liga o alarme. Podemos dar uma volta de carro e eu prometo que não vou mais falar nada.

– Não podemos deixar o Philip sozinho – disse novamente.

– Ele vai ficar bem. Não tem nada de errado em dar uma volta, Ivy. Não há nada errado em ouvir música alta e sair com o carro em velocidade. Não há nada de errado em se divertir.

– Não quero ir.

Sentiu o corpo dele enrijecer-se.

– Hoje não – rapidamente acrescentou. – Estou cansada, Gregory. Preciso mesmo ir para a cama. Talvez outro dia.

– Tudo bem. O que você quiser – disse rispidamente, afundando-se na cadeira. – Vá dormir.

Ivy deixou-o lá e entrou na casa escura. Deu uma olhada em Philip, depois foi até o banheiro do seu próprio quarto, sendo recebida pelos olhos reluzentes de Ella. Ivy acendeu o abajur da escrivaninha e Ella começou a ronronar.

– Isso foi para mim ou para ele?

A fotografia de Tristan, aquela que a mãe dele lhe dera, estava dentro do foco de luz do abajur.

Ivy pegou a fotografia nas mãos. Tristan sorria para ela, vestindo seu velho boné de beisebol, com a aba para trás, claro. O casaco da escola estava aberto parecendo indicar que ele vinha na direção dela. Às vezes, ela ainda não podia acreditar que ele estava morto.

Sua mente sabia que ele estava, sabia que Tristan tinha deixado de existir subitamente, mas seu coração não aceitava esse fato.

– Amo você, Tristan – disse, beijando a fotografia. – Durma bem.

Ivy acordou gritando. Sua voz estava rouca, como se estivesse gritando há horas. O relógio marcava 1h45.

– Está tudo bem! Você está a salvo, Ivy.

Gregory já a tinha em seus braços. Philip estava em pé, ao lado da cama, com Ella no colo.

Ivy olhou para eles, aninhando-se em Gregory. – Quando isso vai parar? Quando esse pesadelo vai terminar?

– Calma! Está tudo bem!

Mas não estava. O pesadelo estava ficando cada vez maior. Ficava cada vez mais rico em detalhes, enviando continuamente sinais de pânico que se prendiam nos espaços obscuros de sua mente. Ivy fechou os olhos, recostando a cabeça em Gregory.

– Por que ela continua com esse sonho? – perguntou Philip.

– Não sei. Acho que é assim que vai conseguir superar o acidente – disse Gregory.

– Às vezes, os sonhos são mensagens dos anjos – sugeriu Philip, pronunciando a palavra “anjos” rapidamente, depois olhou para Ivy, como se pensasse que fosse gritar com ele por ter dito a palavra novamente.

Gregory encarou Philip por um momento e perguntou: – Os anjos são bons, não são?

Philip concordou.

– Bem, se os anjos são bons, você acha que eles mandariam pesadelos à Ivy? – ponderou Gregory.

Philip pensou um pouco e, lentamente, começou a balançar a cabeça. – Não... mas talvez seja um anjo mau fazendo isso.

Ivy sentiu a tensão em Gregory.

– É só minha mente fazendo isso. É a minha mente se acostumando com o que aconteceu com Tristan e comigo. Logo isso vai parar – explicou Ivy.

Mas estava mentindo. Temia que os sonhos nunca parassem. E estava começando a achar que havia algo mais neles do que apenas

superar a morte de Tristan.

– Tenho uma ideia, Philip – disse Gregory. – Até os pesadelos de Ivy pararem, vamos nos revezar para acordá-la e ficar com ela. Hoje é a minha vez. A próxima é sua, certo?

Philip olhou desconfiado para Gregory e depois para Ivy. – Certo – concordou finalmente. – Ivy, posso levar Ella para o meu quarto?

– Claro. Ela vai adorar ficar com você.

Ivy olhou o irmão sair do quarto com Ella, cabeça baixa, cenho franzido.

– Philip! Quando eu voltar do trabalho amanhã, vamos fazer alguma coisa juntos, só você e eu. Pense no que você quer que seja, algo divertido. Está tudo bem, Philip. Sério! Vai ficar tudo bem.

Ele concordou, mas dava para ver que não acreditava nela.

– Durma bem. Ella está com você. E o seu anjo – acrescentou.

Ele arregalou os olhos surpresos para ela. – Você também o viu?

Ivy hesitou.

– Claro que não – Gregory respondeu por ela.

Claro que não, Ivy repetiu a si mesma. Mas, por um momento, quase achou ter visto.

Quase acreditava que existia um anjo para Philip, apesar de não haver um para ela.

– Boa noite – disse com carinho.

Quando ele saiu, Gregory abraçou Ivy ainda mais, balançando-a por um bom tempo. – O mesmo sonho de sempre? – perguntou.

– Sim.

– E Eric ainda estava lá?

– A motocicleta vermelha sim.

– Queria poder fazer seus pesadelos pararem. Se soubesse como, eu mesmo teria os pesadelos toda noite. Se ao menos pudesse fazer com que você não passasse por isso.

– Acho que ninguém pode.

Ele ergueu a cabeça. – O que você quer dizer com isso?

– Havia um novo detalhe hoje. Da mesma forma como a motocicleta apareceu antes, hoje havia algo mais. Gregory, acho que estou me lembrando das coisas. E acho que vou continuar sonhando até me lembrar de algo.

Ele afastou a cabeça um pouco para olhar para ela.

– Estava dirigindo. A janela estava lá, a que não consigo ver por causa da sombra do outro lado. Era a mesma janela, mas dessa vez eu dirigia o carro, não estava a pé.

Fez uma pausa. Não queria pensar naquilo, não queria saber o que esse novo detalhe queria dizer.

Ele abraçou-a novamente. – E todo o restante continuava igual?

– Não. Eu estava dirigindo o carro de Tristan.

Ivy sentiu a respiração dele ficar mais pesada.

– Quando vi a janela, tentei parar o carro. Pisei no freio, mas o carro não diminuía a velocidade. Então, ouvi uma voz. “Pare, Ivy! Pare! Você não está vendo, Ivy! Pare!” Mas eu não conseguia parar. Não conseguia ir mais devagar. Pisei fundo no pedal milhões de vezes. Estava sem freio!

Ivy sentiu um frio invadir seu corpo. Os braços de Gregory a envolviam, mas sua própria pele suava frio.

– Por que estava sem freio? Estou me lembrando de algo, Gregory? Do que estou me lembrando?

Ele não respondeu. Estava tremendo tanto quanto ela.

Ela implorou. – Fique comigo! Estou com medo de voltar a dormir.

– Vou ficar! Mas você tem de dormir, Ivy!

– Não posso! Estou com medo de começar a dormir de novo. Fico assustada! Não sei o que vai acontecer em seguida!

– Estarei bem aqui! Vou te acordar assim que começar a sonhar, mas você precisa dormir. Vou pegar uma coisa que vai te ajudar.

Ele se levantou.

– Onde você vai? – perguntou, entrando em pânico.

– Calma! Só vou pegar uma coisa que vai te ajudar a dormir.

Então pegou a foto de Tristan da escrivaninha e colocou-a no criado-mudo ao lado dela.

– Eu já volto. Não vou deixar você sozinha – disse, passando a mão no cabelo dela. – Não até que esses pesadelos terminem para sempre.

Capítulo 14

Ivy! Pare! Pare! Você não está vendo, Ivy? Ivy, pare!

Mas ela não parou. Ivy sempre contava seu sonho para Gregory e agora ele sabia que ela estava cada vez mais se lembrando dos fatos. Talvez, da próxima vez, conseguisse se lembrar de tudo. O que quer que fosse, Gregory não queria que ninguém soubesse. Se é que haveria uma próxima vez.

Tristan estava deitado no quarto de Ivy. Tinha gritado como um louco para que ela o ouvisse. Gastara uma enorme quantidade de energia e para quê? Lá estava ela, inquieta, assustada; e esperando pelo retorno de Gregory.

Tristan levantou-se. Saiu correndo do quarto, descendo a escadaria principal da casa escura, virando-se instintivamente em direção à cozinha, onde Gregory estava. Apenas uma tímida luz em cima do fogão estava azul. A chaleira assobiava. Gregory estava sentado no banquinho em frente ao balcão, observando-a, sua pele brilhava de tão pálida.

Seus dedos brincavam com o papel celofane que havia tirado do bolso. Tristan calculou o que devia ser aquilo e o que Gregory planejava fazer. E sabia que, mesmo que sua energia estivesse no ápice, não conseguiria vencê-lo.

Não conseguia usar a mente de Gregory da mesma forma que usava a de Will. Gregory lutaria o tempo todo contra Tristan e seu corpo humano tinha uma força física imensamente maior que os dedos materializados de Tristan.

Mas os dedos humanos também podem falhar, pensou. Se uma daquelas pequenas cápsulas vermelhas, algo que Tristan conseguia manipular, se movesse de modo inesperado, Gregory poderia perdê-la.

Gregory tinha escolhido chá de framboesa, talvez porque o aroma forte pudesse encobrir o gosto da droga. Aproximou-se de Gregory

incisivamente. Tinha de materializar seus dedos no momento certo.

Gregory abriu o papel celofane cuidadosamente e pegou duas das três cápsulas. Tristan estendeu sua mão luminosa e começou a se concentrar em seus dedos. A mão de Gregory virou-se para pegar o chá.

No momento em que ele soltou as cápsulas, Tristan deu um tapa nelas, que foram parar do outro lado do balcão. Gregory xingou e esticou a mão, mas Tristan foi mais rápido e elas caíram na pia. Ficaram presas à superfície úmida e Tristan teve de agir novamente para jogá-las dentro do ralo.

Enquanto fazia isso, Gregory jogou a terceira cápsula no chá.

Tristan passou a tentar pegar a caneca, mas Gregory a segurava com muita firmeza. Mexeu o líquido com a colher para ter certeza de que a cápsula tinha se dissolvido e subiu para o quarto com ela.

Ivy parecia tão aliviada ao vê-lo.

– Isso deve ajudar – ele disse.

– Não beba, Ivy! – aconselhava Tristan, mesmo sabendo que ela não conseguia ouvi-lo.

Tomou um gole, depois deixou a xícara de lado, apoiando a cabeça em Gregory.

Ele pegou a xícara novamente antes que Tristan conseguisse tocá-la e disse: – Muito quente?

– Não, está ótimo. Obrigada!

– Pare! – gritou Tristan.

Ela tomou mais um gole, como se quisesse mostrar a Gregory que o chá estava bom.

– Escolhi o sabor certo, não escolhi? Tem tantos tipos de chá lá embaixo.

– Pare de tomar, Ivy.

– Está perfeito – disse, tomando goles maiores.

– Lacey, onde você está quando preciso de você? Preciso da sua voz, preciso de alguém que diga não para ela!

Sempre que Ivy tentava colocar a xícara de chá na mesa, Gregory a pegava da mão dela, segurando-a. Sentou-se na cama com ela, um braço ao seu redor, o outro com a xícara em sua boca.

– Mais um pouquinho – insistiu.

– Chega! – Tristan gritou.

– Como você se sente? – perguntou um pouco depois.

– Sonolenta. Estranha. Não estou com medo... só me sinto estranha. Sinto como se houvesse mais alguém aqui, nos observando – disse, olhando ao redor do quarto.

– Eu estou aqui, Ivy!

Tristan tinha dificuldade de se manter calmo. Uma cápsula provavelmente não a mataria, ponderou.

Será que ele tinha encontrado o outro pacote jogado atrás da escrivaninha? Será que planejava drogá-la um pouco para, então, dar o restante?

– Lacey! Não posso salvá-la sozinho!

Will, pensou Tristan, encontre Will. Mas quanto tempo isso levaria? Os olhos de Ivy estavam se fechando lentamente.

– Durma – Gregory ficava repetindo. – Não precisa ter medo de dormir.

Os olhos de Ivy se fecharam e a cabeça caiu. Gregory nem se importou em segurá-la. Empurrou-a para o lado, jogando-a no travesseiro.

Sem perceber, Tristan começou a chorar. Abraçou Ivy, apesar de não conseguir segurá-la. Ela estava tão longe dele e se afastava de Gregory também, penetrando cada vez mais em um sono artificial. Tristan chorou indefeso.

Gregory levantou-se abruptamente e saiu do quarto.

Tristan sabia que ele procuraria ajuda, mas não conseguia deixar Ivy sozinha.

Philip. Era sua única chance. Tristan foi correndo ao quarto ao lado.

Ella ficou alerta assim que ele entrou.

– Ajude-me, Ella. Precisamos acordá-lo, apenas o suficiente para eu entrar.

Ella subiu no peito de Philip, encostou o focinho no rosto dele e soltou um miado.

Philip ensaiou abrir os olhos. Sua mão miúda esticou-se até a gata para afagá-la. Tristan imaginou como o pelo da gata era macio para Philip. Um segundo mais tarde, estavam dividindo os pensamentos, tinha conseguido entrar na mente do garoto.

– Sou eu, Philip. Seu amigo. Seu anjo, Tristan.

– Tristan – Philip murmurou e, de repente, estavam sentados um de frente para o outro com um tabuleiro de jogo de damas entre eles. Philip encobriu o marcador de Tristan. – Tente me coroar!

Tristan havia caído em alguma lembrança ou em um sonho misturado a uma lembrança. Lutou para sair de lá.

– Acorde, Philip. Sou eu, Tristan. Preciso da sua ajuda. Ivy precisa da sua ajuda.

Tristan conseguiu ouvir o miado da gata novamente, viu também Ella se esfregando no rosto dele, apesar de estar tudo meio turvo. Sabia que Philip estava ouvindo e acordando aos poucos.

– Vamos lá, Philip. É assim que se faz, amigão.

Philip estava olhando para as estatuetas dos anjos. Estava tentando entender, mas não estava com medo. Seus braços e pernas ainda estavam amortecidos. Até agora, tudo bem.

Então Tristan ouviu um barulho no corredor. Ouviu passos, era Gregory, mas ele estava com um andar estranho, pesado.

– Acorde, Philip! Precisamos ver!

Antes que Philip pudesse se levantar, Gregory já havia descido a escada. Um pouco depois, ouviu o barulho de porta batendo.

– Coloque os sapatos. Os sapatos!

Ouviu o ronco do motor de um carro. Tristan reconheceu o barulho: era o velho Dodge de Ivy. Seu coração disparou. Gregory estava com Ivy. Aonde iria levá-la? Aonde?

– Não sei – disse Philip com uma voz sonolenta.

Pense. O que seria fácil para ele? Disse Tristan a si mesmo.

– Não sei – resmungou Philip.

Com Ivy drogada, seria fácil fingir um acidente. Que tipo? Como e onde ele faria isso? Deve haver alguma pista no quarto dele, uma dica no meio dos recortes de jornal.

Tristan subitamente lembrou-se do horário do trem. Lembrou-se do olhar estranho no rosto de Gregory quando achou o horário no chão. Gregory tinha circulado o trem noturno, aquele que parava em Tusset. Depois, tinha feito umas contas, escrito um horário, e circulado 2h04 duas vezes. Estava certo. Tristan sabia que o trem passava pela estação um pouco depois das 2 horas diariamente. Passava em alta velocidade! Não parava em estações de menor porte como a de Stonehill, que ficava deserta depois da meia-noite.

Olhou no relógio digital de Philip. Era 1h43 da manhã.

– Philip! Vamos!

O garotinho se jogou da cadeira, com apenas um dos cadarços amarrados. Quando foi pegar o outro, sentiu os dedos moles. Mal conseguia ficar em pé, e movia-se lentamente pelo corredor tendo Tristan como guia.

Tristan escolheu a escada central, pois havia um corrimão para segurar.

Chegaram ao pé da escada sem problemas. Tristan levou-o até a porta dos fundos, que Gregory havia deixado aberta. Como se tivesse um relógio dentro de si, Tristan sentia o bater de cada segundo perdido.

Jamais chegariam a tempo indo a pé; a estrada da montanha os levaria à direção oposta da estação. Chaves – será que conseguiria achar as chaves do carro de Gregory? Se conseguisse, poderia materializar seus dedos e... mas e se perdessem muito tempo procurando por chaves que poderiam estar o tempo todo com Gregory?

– Para o outro lado, Philip – Tristan virou Philip. Era um atalho perigoso, mas era a única chance que tinham: a descida íngreme e pedregosa da montanha, que dava exatamente na estação.

Depois de alguns passos, o frio da brisa noturna acordou Philip. Pelos olhos e ouvidos do garoto, Tristan tinha consciência das sombras prateadas da noite e dos ruídos sibilantes. Ele também se sentia mais forte. Estimulado por Tristan, Philip começou a correr pelo gramado. Passaram pela quadra de tênis e correram cerca de 1.200 metros até o limite da propriedade, na parte em que a terra passava a ser inclinada.

Movimentavam-se muito mais rápido do que uma criança é capaz, seus poderes estavam combinados. Tristan não sabia quanto tempo essa força renovada duraria, e não tinha certeza se conseguiria fazer com que chegassem sãos e salvos ao pé da montanha. Parecia terem levado uma eternidade só para chegar até ali.

Sentiu um momento de resistência assim que ele e Philip escalaram o muro de pedra que demarcava o limite da propriedade.

– Não posso passar daqui – disse Philip.

– Está tudo bem. Você está comigo.

Lá embaixo, dava para ver a estação. Para chegar lá, teriam de descer a montanha e o único freio eram as raízes de umas poucas árvores anãs e um caminho de pedras bem estreito, com uma queda livre logo abaixo. Em alguns pontos, havia galhos de árvore irrompendo na superfície pedregosa, mas a maior parte do caminho era composta de terra com uma cascata de pedras enfileiradas que rolariam ao toque mais suave de um pé.

– Não estou com medo – disse Philip.

– Fico feliz que pelo menos um de nós não esteja.

Seguiram seu caminho de maneira bem lenta e cuidadosa montanha abaixo. A lua tinha surgido mais tarde e suas sombras eram longas e difusas. Tristan tinha de olhar para si mesmo o tempo todo, lembrando que as pernas que estava usando eram menores e

os braços não conseguiam alcançar distâncias muito longas.

Estavam na metade do caminho quando errou o cálculo. O pulo que deram foi curto demais, deixando-os muito na ponta da estreita trilha de pedras. De onde estavam, havia uma queda de quase 100 metros tendo nada além de pedras para amortecê-los antes de caírem de novo. Estavam perdendo o equilíbrio. Tristan se fechou, procurando ocultar seus pensamentos e instintos, deixando Philip assumir o controle.

Foi o senso natural de equilíbrio de Philip que os salvou.

Conforme desciam, Tristan tentou não pensar em Ivy, apesar de a imagem da cabeça de Ivy caída de lado como a de um fantoche não parar de surgir em sua mente. E a todo momento ele sabia que o tempo estava passando.

– O que foi? – perguntou Philip, sentindo a preocupação de Tristan.

– Continue descendo. Depois eu te conto.

Tristan não podia deixar Philip saber o enorme perigo que Ivy corria. Omitia certos pensamentos, escondendo da consciência de Philip tanto a identidade de Gregory como suas intenções. Não tinha certeza de como Philip lidaria com essas informações, se entraria em pânico por causa de Ivy ou até mesmo se tentaria defender Gregory.

Estavam chegando ao fim, correndo em meio à vegetação, tropeçando nas pedras. Philip torceu o tornozelo, mas continuou correndo. Na frente deles havia uma cerca alta de arame farpado. Do outro lado, estava a estação de trem.

A estação tinha dois trilhos, lado a lado, rumo ao norte e rumo ao sul, cada um com sua própria plataforma. As plataformas eram conectadas por uma ponte acima dos trilhos. Do lado sul, que estava mais distante de Philip e Tristan, havia uma base ferroviária de madeira e um estacionamento, Tristan sabia que o trem noturno usava o trilho sul.

Assim que chegaram à cerca, Tristan ouviu o sino da igreja da cidade bater uma vez, duas vezes. Eram 2 horas.

– A cerca é extremamente alta, Tristan.

– Pelo menos não é elétrica.

– Podemos descansar?

Antes que Tristan pudesse responder, o ruído de um apito de trem ecoou ao longe.

– Philip, temos de chegar antes do trem!

– Por quê?

– Porque sim! Suba!

Philip subiu, enfiando os pés nos buracos da cerca, esticando-se e segurando com as mãos, subindo cada vez mais alto. Estavam no topo da cerca, a 600 metros do chão. Philip saltou. Bateram no chão e saíram rolando.

– Philip!

– Achei que você tivesse asas. Era para você ter asas!

– Bem, você não tem!

O apito soou novamente, mais perto dessa vez. Correram até a primeira plataforma. Quando subiram, conseguiram ver o outro lado da estação.

Ivy.

– Tem alguma coisa errada com ela – notou Philip.

Estava em pé na plataforma sul, encostada em um pilar que ficava bem na beirada. A cabeça caída para o lado.

– Ela pode cair! Tristan, o trem está vindo e... – Philip começou a gritar: – Ivy! Ivy!

Ela não ouvia.

– Os degraus – Tristan falou para ele.

Correram até lá e atravessaram a ponte para chegar ao outro lado.

Dava para ouvir o ruído do trem aproximando-se. Philip continuava chamando por ela. Do outro lado do trilho, via-se o olhar de Ivy, hipnotizado. Tristan acompanhou seu olhar. Então ele e Philip ficaram paralisados.

– Tristan? Tristan, onde está você? – perguntou Philip, entrando em

pânico.

– Aqui. Bem aqui. Ainda estou dentro de você.

Mas até mesmo Tristan achava que era ele do outro lado. Tristan encarava a sua imagem na cobertura da plataforma sul. A figura estranha usava o casaco da escola, o mesmo que Tristan usava na fotografia, e tinha um velho boné de beisebol com a aba virada para trás. Tristan olhava, tão arrebatado pela figura quanto Ivy e Philip.

– Não sou eu – disse a Philip. Não se deixe enganar. É alguém vestido como eu – Gregory, disse a si mesmo.

– Quem é? Por que ele está vestido como você?

Viram uma pálida mão sair debaixo da cobertura e surgir na claridade da lua. A figura acenava para Ivy, encorajando-a, atraindo-a para o trilho.

O trem vinha correndo na direção deles agora, seu farol iluminava o trilho, seu apito anunciava o aviso final.

Ivy não prestou atenção nisso. Seguia a mão como uma mariposa segue a luz. A mão continuava estendida na direção dela. De repente, esticou sua própria mão e deu um passo à frente.

– Ivy! – gritou Tristan – gritou Philip. – Ivy! Não, Ivy!